

# **A Expressão Plástica e a Criança: contornos para uma reflexão em contexto de Estágio**

Relatório de Estágio

Vanessa Guiomar Da Costa

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino  
do 1.º Ciclo do Ensino Básico**



Ponta Delgada  
2022

# A Expressão Plástica e a Criança: contornos para uma reflexão em contexto de Estágio

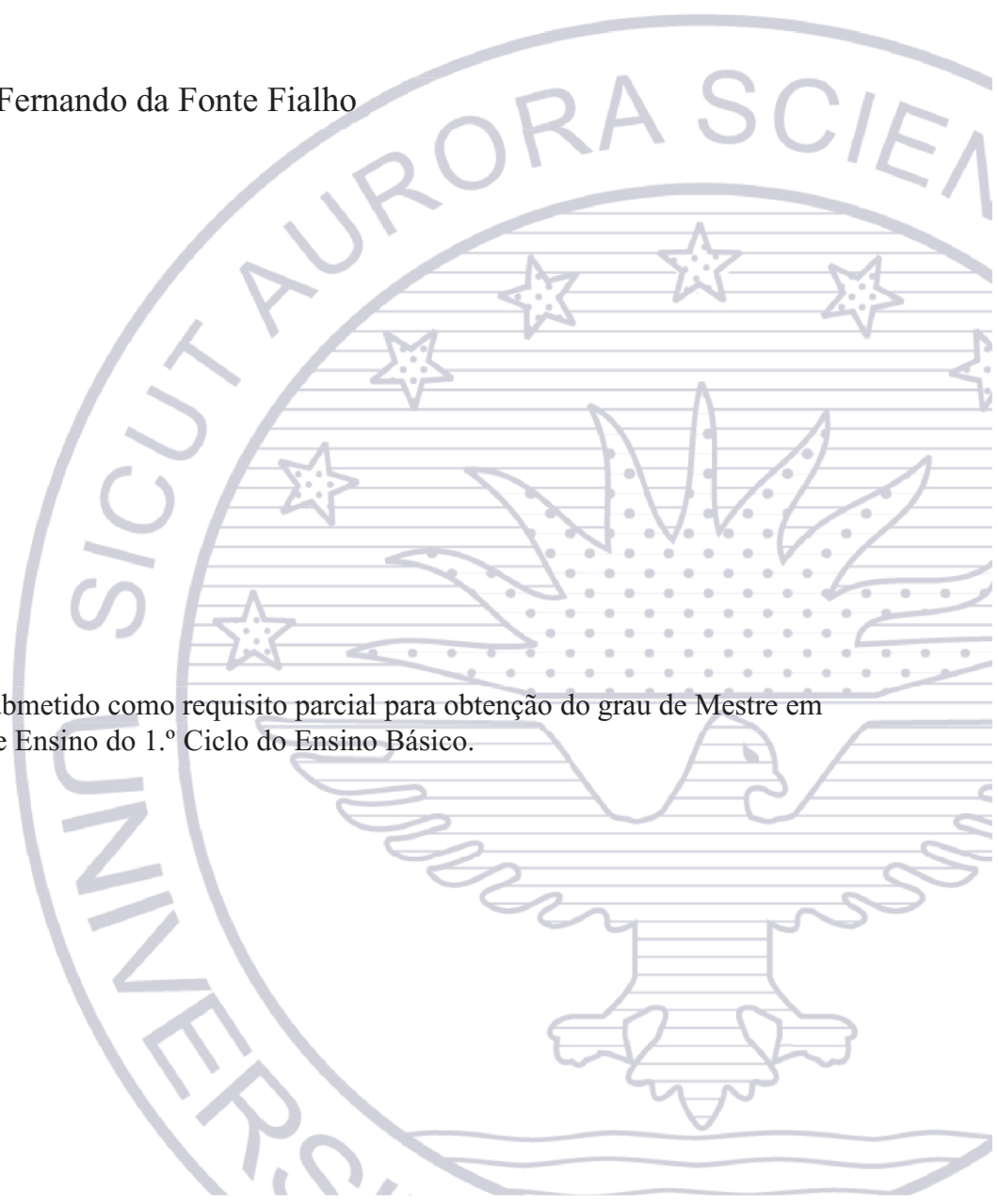
Relatório de Estágio

Vanessa Guiomar da Costa

## Orientador

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



*A ti, minha “Andorinha” que me acompanhaste neste voo...*

## **Agradecimentos**

Agora chegada ao fim desta viagem, são muitas as pessoas a quem eu tenho a agradecer. Apesar de umas estarem mais presentes do que outras, ou até mesmo ausentes, desempenharam um papel importante neste percurso. Foram essenciais para a minha formação, tanto a nível profissional como pessoal, contribuindo para o meu sucesso nesta etapa.

Assim, quero agradecer à minha família que foi, sem sombra de dúvidas, o meu porto seguro, em todos os momentos do desenvolvimento deste percurso. A eles, que bem sabem quem são, dedico os mais nobres agradecimentos, pois contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, enaltecendo, sempre, os valores mais preciosos do nosso contexto familiar, para que de alguma forma eu fosse capaz de resistir e ultrapassasse todas as dificuldades que encontrei neste caminho. De entre todos os meus familiares, destaco a minha querida “Andorinha”, que apesar de não estar neste momento do meu lado, fisicamente, foi sem dúvida um pilar enorme na minha educação e no meu percurso académico. Com a sua alma pura e sincera, nunca apontando o dedo, sempre me valorizou e me incentivou a ser a pessoa e a profissional que sou hoje. Longe ou perto, continuo a sentir a sua presença e dedico nobremente todo o meu sucesso a esta minha estrelinha reluzente e quentinha, que permanecerá, sempre, no meu coração. Para além destes, agradeço ao meu namorado, pela paciência e incentivo que me deu ao longo destes anos, em cada etapa e obstáculo, mostrando sempre o orgulho que sentia e por nunca me ter deixado falhar.

Como não poderia deixar de ser, faço também um agradecimento especial à minha amiga e parceira de estágio, Maria José, que me acompanhou e ajudou ao longo das nossas práticas, tornando-as ainda mais enriquecedoras. Além desta grande amiga, destaco a minha querida Ana Beatriz Alves, que no meio da sua doçura e empenho em todas as suas tarefas, contribuiu para o meu crescimento enquanto pessoa. Como não há duas sem três, para complementar, destaco a Carolina Medeiros que, com a sua visão positiva e descontraída de encarar as situações, foi complementando as minhas fragilidades. Muito obrigada, queridas, por cada contributo vosso.

Agradeço, às Educadoras e Professoras cooperantes que estiveram presentes ao longo dos estágios, sempre prontas a ajudar, e que transmitiram ensinamentos e conselhos muito relevantes, para poder colocar em prática com todas as crianças que de uma forma ou de outra ficarão marcados no meu coração. Sem elas eu não seria a profissional que sou hoje. Como uma professora cooperante Isolina Medeiros dizia: “– O que é uma

professora sem alunos?” e os alunos respondiam: “– E os alunos sem as professoras?”. Pois então, não poderia deixar de referenciar estas peças fundamentais neste percurso.

Por fim, agradeço pela prontidão, pelos ensinamentos, pela disponibilidade, pela paciência e pela capacidade de escutar, ao meu querido orientador, Prof. Doutor Adolfo Fialho, que embarcou comigo neste percurso e dedicou-se a este trabalho de forma tão empenhada, para que conseguíssemos alcançar os nossos objetivos.

Sem querer esquecer-me de todas as pessoas especiais que, de uma forma ou de outra, também contribuíram para o meu sucesso, obrigada, por caminharem ao meu lado.

Obrigada a todos vós...

## Resumo

O presente Relatório de Estágio tem como principal objetivo apresentar e analisar a ação educativa desenvolvida nos Estágios Pedagógicos I e II, desenvolvidos no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade dos Açores. Neste Relatório iremos analisar e refletir acerca das nossas práticas pedagógicas e dos contextos em que estas se desenvolveram.

Para além da abordagem que faremos à ação educativa desenvolvida durante o nosso estágio pedagógico, decidimos aprofundar um pouco mais uma área curricular do nosso interesse, que acabou por dar o mote para o título do nosso trabalho: “A Expressão Plástica e a Criança: Contornos para uma reflexão em Contexto de Estágio”. Neste contexto, aprofundámos alguns dos seus fundamentos, com realce para a “Expressão Artística na Educação Básica”, a “Expressão Plástica como lugar de aprendizagens” e o “Desenho como forma de expressão da criança”. Em complementaridade a estes aspetos, interessou-nos ainda explorar o papel a assumir por Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quando convocada a área em causa na sua ação educativa diária.

Sabendo que esta área é imprescindível para o global desenvolvimento da criança, que a utiliza como forma de se exprimir, de comunicar e conhecer os outros e o mundo que a rodeia, foi igualmente importante explorar com mais detalhe algumas das suas potencialidades do ponto de vista pedagógico e didático. Neste sentido, paralelamente à análise que fizemos das nossas sequências didáticas, desenvolvemos um estudo empírico, no qual procurámos compreender as conceções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico em relação ao lugar por ela ocupado nas suas práticas diárias. No contexto deste estudo, foram inquiridos, no total, 250 docentes que, na generalidade, sublinharam a importância dos contextos, das técnicas e dos materiais utilizados na exploração das Artes Visuais/ Expressão e Educação Plástica. Foi igualmente possível reconhecer as dificuldades identificadas por estes profissionais aquando da sua exploração, em especial, aquelas com as quais se confrontaram durante o período de ensino à distância, decorrido na sequência dos constrangimentos causados pela pandemia associada ao novo coronavírus SARS-COV-2, que afetou igualmente o nosso estágio, experiência sobre a qual também refletimos neste trabalho.

**Palavras-chave:** Estágio Pedagógico; Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Artes Visuais; Expressão e Educação Plástica; Expressões Artísticas e Ensino a Distância.

## ***Abstract***

The main purpose of this Report is to present, analyze and reflect on the pedagogical practices developed within the curricular units of Pedagogical Internship I and II, in the context of the Masters in Pre-School and Elementary Education, taught at the University of the Azores. In this report we will analyze and reflect about our pedagogical practices and the environments in which these were developed.

Apart from the analysis and reflection about pedagogical practices and the context in which they were developed, we explore a particular topic that eventually led to the name of this report which is: “Plastic Expression and the child: Contours for a reflection in the context of an internship.”. Having said that, in this report we explore some of its fundamentals such as “Artistic Expression in Basic Education”, “Plastic Expression as a place of learning” and “Painting as a form of expression for children”. We were also interested in exploring the part that Kindergarten and Primary School Teachers have on the subject under analysis.

Since this area is essential for the overall development of a child, who uses it as a way of expressing themselves, of communicating and getting to know others and the world around them, it was equally important to explore the potential of Plastic Expression from a pedagogical and didactic point of view. With this in mind, we developed, not only an empirical study in which we sought to understand the conceptions that Early Childhood Educators and Elementary school Teachers had about our area of study, but also an analysis of our own didactic sequences.

For this study a total of 250 teachers were surveyed who, in general, underlined the importance of the contexts, techniques and materials used in the exploration of Visual Arts/Expression and Plastic Education. When we analyzed their answers to the survey, it was easily recognizable the difficulties encountered by these professionals, especially during the period of distance learning, which took place as a result of the new coronavirus SARS-COV-2 pandemic, which also, unfortunately, affected our internship, an experience that we also reflect on in this report.

**Keywords:** Pedagogical Internship; Pre-school Education; Elementary Education; Visual Arts; Expression and Plastic Education; Artistic Expressions and Distance Learning.

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>i</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>iii</b>
<i>Abstract</i> .....	<b>iv</b>
<b>Índice de Figuras</b> .....	<b>vii</b>
<b>Índice de Siglas e Abreviaturas</b> .....	<b>x</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>12</b>
<b>1. As Expressões Artísticas na Educação Básica</b> .....	<b>18</b>
1.1. Expressão Plástica: uma proposta de definição .....	23
1.2. A Expressão Plástica como lugar de aprendizagens.....	26
1.3. O Desenho como forma de expressão da criança .....	29
<b>2. Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar</b> .....	<b>38</b>
2.1. Características dos contextos de intervenção.....	38
2.1.1. Caracterização do meio envolvente .....	38
2.1.2. Caracterização da Escola .....	39
2.1.3. Caracterização da sala de atividades e rotinas do grupo.....	40
2.1.4. Caracterização do grupo.....	51
2.2. Ação Educativa no Contexto da Educação Pré-Escolar .....	55
2.2.1. Atividades que convocaram o subdomínio das Artes Visuais .....	66
2.3. Em jeito de síntese....	83
<b>3. Ação Educativa no contexto do Estágio Pedagógico II - 1.º Ciclo do Ensino Básico</b> .....	<b>87</b>
3.1. Características dos contextos de intervenção .....	87
3.1.1. Caracterização do meio envolvente .....	87
3.2. Notas sobre o nosso ensino à distância.....	88
3.2.1. Caracterização da instituição .....	88
3.2.2. Caracterização da sala e das rotinas.....	89

3.2.3.	Caracterização da turma.....	92
3.3.	Ação Educativa no Ensino à Distância.....	96
3.3.1.	Atividades que convocaram a Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico em contexto de Ensino à distância.....	105
3.4.	Em jeito de Síntese... ..	112
3.5.	Notas sobre o nosso Ensino Presencial.....	112
3.5.1.	Caracterização da Escola e da sala de aula .....	113
3.5.2.	O horário da turma .....	114
3.5.3.	Caracterização da turma.....	114
3.6.	A Ação Educativa no Ensino Presencial .....	115
3.7.	Em jeito de Síntese... ..	129
3.8.	Atividades que convocaram a Expressão Plástica no contexto do ensino presencial.....	130
<b>4.</b>	<b>A Expressão Plástica na infância: notas sobre as práticas de Educadores e Professores .....</b>	<b>146</b>
4.1.	Enquadramento.....	146
4.2.	Percurso metodológico .....	146
4.3.	Contextos e recolha de dados .....	147
4.4.	A Escola e as suas valências para a exploração das Expressões Artísticas.....	151
4.5.	As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos Educadores/Professores .....	154
4.6.	A Família na exploração das Expressões Artísticas .....	157
4.7.	As Artes Visuais e a Expressão e Educação Plástica na prática pedagógica diária.....	159
4.8.	Potencialidades e desafios na exploração das Artes Visuais/Expressão e EPlástica .....	165
4.9.	As Expressões Artísticas no Ensino à Distância.....	167
	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>170</b>
	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>173</b>

## Índice de Figuras

**Figura 1** – Planta da Sala de atividades

**Figura 2** – Área da Expressão Plástica

**Figura 3** – Zona das plantas e animais

**Figura 4** – Área da Escrita

**Figura 3** – Zona das plantas e animais

**Figura 5** – Área da Biblioteca

**Figura 6** – Área da Casinha

**Figura 7** – Área dos Jogos/Matemática

**Figura 8** – Área dos Fantoques

**Figura 9** – Dispositivos pedagógicos

**Figura 10** – Momento das comunicações

**Figura 11** – Agenda semanal

**Figura 12** – Etapa da garatuja desordenada

**Figura 13** – Etapa da garatuja ordenada

**Figura 14** – Etapa da garatuja nomeada

**Figura 15** – Etapa pré – esquemática

**Figura 16** – Artes Visuais - temas em dias festivos

**Figura 17** – Desenho como forma de compreender o mundo

**Figura 18** – Evolução do desenho da criança A (menina, 5 anos)

**Figura 19** – Evolução do desenho da criança B (menino, 4 anos)

**Figura 20** – Evolução do desenho da criança C (menino, 4 anos)

**Figura 21** – Evolução do desenho da criança D (menina, 5 anos)

**Figura 22** – Evolução do desenho da criança E (menino, 3 anos)

**Figura 23** – Evolução do desenho da criança F (menina, 4 anos)

**Figura 24** – Evolução do desenho da criança G (menina, 3 anos)

**Figura 25** – Evolução do desenho da criança H (menino, 3 anos)

**Figura 26** – Evolução do desenho da criança I (menina, 3 anos)

**Figura 27** – As Artes Visuais em conexão com outras áreas

**Figura 28** – As Artes Visuais como recurso pedagógico

**Figura 29** – Guião da Experiência do Ciclo da água

**Figura 30** – Expressão Plástica com correlação com Estudo do Meio

**Figura 31** – Seleção de pronomes possessivos e determinantes

- Figura 32** – Ilustração dos sete momentos do Conto “O Segredo do Rio”
- Figura 33** – Elaboração de uma banda desenhada relacionada com a fábula – “A Raposa e a Cegonha” – trabalhos dos alunos
- Figura 34** – Expressão Plástica com correlação com a Matemática
- Figura 35** – Planta da sala de aula em contexto presencial
- Figura 36** – Horário semanal
- Figura 37** – Poema dos meses do ano e atividades complementares
- Figura 38** – Regras da sala de aula
- Figura 39** – Aula de Educação Físico-Motora
- Figura 40** – Desenho da aluna J (rapariga, 9 anos)
- Figura 41** – Desenho do aluno K (rapaz, 9 anos)
- Figura 42** – Desenho do aluno L (rapaz, 9 anos)
- Figura 43** – Desenho do aluno M (rapaz, 10 anos)
- Figura 44** – Desenho da aluna N (rapariga, 10 anos)
- Figura 45** – Desenho do aluno O (rapaz, 8 anos)
- Figura 46** – Desenho da aluna P (rapariga, 9 anos)
- Figura 47** – Desenho da aluna Q (rapariga, 9 anos)
- Figura 48** – Desenho da aluna R (rapariga, 10 anos)
- Figura 49** – Desenho do aluno S (rapaz, 9 anos)
- Figura 50** – Ilustração da fábula “A Lebre e a Tartaruga”
- Figura 51** – Pintura de T-shirts – *Dia da alimentação*
- Figura 52** – Elaboração de máscaras (Base)
- Figura 53** – Cópia e ilustração das Regras da sala de aula
- Figura 54** – Localização das escolas/instituições dos inquiridos
- Figura 55** – Nível de ensino em que lecionam os docentes inquiridos
- Figura 56** – Tempo de serviço dos inquiridos até 20 de agosto de 2020
- Figura 57** – Natureza formal da escola/instituição
- Figura 58** – Opinião dos docentes acerca da quantidade de materiais disponíveis para a exploração da área
- Figura 59** – Costuma explorar as Expressões Artísticas no seu dia-a-dia Sim/Não
- Figura 60** – Frequência com que costuma fazê-lo
- Figura 61** – A Exploração das Expressões Artísticas, por ordem de frequência
- Figura 62** – Contexto(s) pedagógico(s) em que se desenvolveu as atividades de

## Expressão Artísticas

**Figura 63** – Frequência do envolvimento da família em atividades das Expressões Artísticas

**Figura 64** – Frequência da Exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica

**Figura 65** – Contextos de Exploração da(s) Artes Visuais/Expressão Plástica

**Figura 66** – Áreas/domínios/subdomínios associados na exploração das Artes Visuais

**Figura 67** – Áreas curriculares associadas na exploração da Expressão Plástica

**Figura 68** – Organização do grupo/turma aquando da Exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica

**Figura 69** – Conteúdos e recursos específicos das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica convocados pelos docentes inquiridos

## Índice de Quadros

**Quadro 1** – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

**Quadro 2** – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais em temas e dias festivos (outono e Natal)

**Quadro 3** – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas no Desenho como forma de Compreender e ilustrar o mundo

**Quadro 4** – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais com Conexão com outras áreas

**Quadro 5** – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais como recurso pedagógico

**Quadro 6** – Estrutura da escola

**Quadro 7** – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II – Ensino à Distância

**Quadro 8** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com o Estudo do Meio

**Quadro 9** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com o Português

**Quadro 10** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com a Matemática

**Quadro 11** – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II – Ensino

em contexto presencial

**Quadro 12** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo centradas no desenho como forma de compreender e ilustrar o mundo

**Quadro 13** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo centradas nas Artes Visuais em conexão com outras áreas

**Quadro 14** – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica como recurso pedagógico

## **Índice de Anexos**

**Anexo 1** – Guião do questionário para Educadores e Professores 1.º CEB

## **Índice de Siglas e Abreviaturas**

**1.º CEB** – 1.º Ciclo do Ensino Básico

**OCEPE** – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

**PAA** – Plano Anual de Atividades

**PEE** – Projeto Educativo de Escola

**TEA** – Transtorno do Espectro do Autismo

**TIC** – Tecnologias de Informação e Comunicação

**CAP** – Concreto, Pictórico e Abstrato

**PDF** – *Portable Document Format*

# Introdução



## **Introdução**

O presente Relatório de Estágio, com o título “A Expressão Plástica e a Criança: Contornos para uma reflexão em contexto de Estágio”, surgiu na sequência da nossa ação educativa na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II, integradas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade dos Açores.

Nesta ordem de ideias, procuraremos dar relevância ao tema que decidimos aprofundar, paralelamente à análise e reflexão acerca das nossas práticas, relatando todas as experiências pedagógicas em que o mesmo foi convocado, vividas de modo reflexivo e crítico.

A temática principal deste documento irá incidir numa das áreas de Expressão Artística, as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, no contexto da qual também procuraremos fazer uma abordagem mais pormenorizada aos contornos do desenvolvimento gráfico das crianças, em especial, daquelas que nos foram confiadas durante o nosso Estágio Pedagógico.

Escolhemos aprofundar este tema, pois apercebemo-nos que poderia estar a haver uma desvalorização da área das Expressões Artísticas, no contexto em que são exploradas, comparativamente às outras áreas do currículo. Na realidade, e como nos foi possível verificar em alguns Relatórios de Estágio de colegas de outras edições deste curso, informação que cruzámos com os dados que recolhemos no contexto do nosso, a Expressão Plástica não é vista, na maioria dos casos, como uma prioridade, sendo colocada de parte ou mesmo subaproveitada no seu todo. Por outras palavras, baseamo-nos na nossa perceção de que esta acaba por ser, na maior parte dos casos, aproveitada para completar espaços do horário não preenchidos e ou complementar atividades no âmbito de outras áreas do currículo, como se esta fosse de menor relevância ou vazia de conteúdo. Neste sentido, procuramos entender de que forma a área da temática em estudo potencia o desenvolvimento gráfico das crianças, bem como o desenvolvimento da sua exploração e criação. Por outro lado, percebemos que o desenvolvimento gráfico da criança poderá sofrer alterações ao longo do tempo e desenvolver-se caso lhe sejam proporcionadas experiências com sentido e com significado neste domínio.

Nesta linha de ideias, interessa-nos agora dar a conhecer os objetivos que nortearam todo o nosso trabalho e que funcionaram como ponto de partida para a elaboração deste Relatório de Estágio.

- 1) Observar os diferentes contextos em que é desenvolvida a ação educativa, de forma a compreender o melhor modo de atuação, correspondendo às necessidades/motivações das crianças/alunos;
- 2) Planificar sequências didáticas adequadas aos contextos da nossa ação educativa, de modo que sejam convocados os conteúdos previstos na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- 3) Adequar estratégias de ensino de modo a responder às necessidades e especificidades de cada criança/aluno, por forma a promover aprendizagens com significado e com sentido;
- 4) Avaliar o modo como a ação educativa se reflete nas aprendizagens das/os crianças/alunos, de modo a criar estratégias para uma melhor aprendizagem;
- 5) Criar condições para que as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica sejam exploradas de forma consistente nos contextos de estágio, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, dando valor às capacidades de cada criança/aluno e aos seus interesses/necessidades;
- 6) Explorar o potencial pedagógico e didático das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica como área promotora da expressão, comunicação e socialização das crianças/alunos e enquanto elemento motivador para outras aprendizagens;
- 7) Refletir criticamente acerca das práticas realizadas ao longo de cada Estágio Pedagógico, de modo a identificar dificuldades/limitações e elencar soluções capazes de as ultrapassar;
- 8) Investigar as conceções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da importância das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica no contexto educacional;
- 9) Identificar exemplos de boas práticas, relatados por Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no contexto específico da sua exploração quotidiana das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, potencialmente inspiradoras para a nossa ação educativa, atual e futura.

No sentido de cumprirmos tais propósitos, organizámos o nosso trabalho em quatro capítulos. No que se refere ao primeiro Capítulo, este é dedicado ao enquadramento teórico

da temática em causa, sendo numa primeira parte abordadas, embora que de forma superficial, as especificidades das Expressões Artísticas na Educação Básica, seguindo-se uma definição mais específica acerca da Expressão e Educação Plástica, com destaque para o lugar que ocupa nas aprendizagens dos mais pequenos e para o papel do desenho como forma de Expressão da criança. Esta primeira parte será acompanhada de contributos de alguns estudos feitos por vários autores, que utilizámos para enquadrar e complementar a esta temática.

No segundo e terceiro Capítulos, será abordada a ação educativa realizada no contexto dos Estágios Pedagógicos, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, respetivamente. Após a apresentação dos contextos nos quais estivemos inseridos, com realce para o meio envolvente, a escola, a sala de atividades/aulas e o grupo/turma, será feita a apresentação das atividades realizadas, seguindo-se algumas reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas, sendo o principal foco a área da problemática desenvolvida ao longo deste trabalho.

No último Capítulo do Relatório, serão convocadas as informações recolhidas no contexto de um estudo empírico, que realizámos paralelamente aos estágios, de forma colaborativa, em parceria com duas colegas do mesmo curso, que desenvolveram um processo em tudo semelhante ao nosso. O instrumento utilizado para a recolha de dados foi o inquérito por questionário, sendo que alcançámos uma amostra de duzentos e cinquenta inquiridos, de entre o universo de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Região Autónoma dos Açores. Neste contexto, foi ainda possível inquirir alguns docentes que lecionavam em escolas da Região Autónoma da Madeira e de Portugal Continental.

Em complementaridade, e realçando o papel da observação em contexto de estágio, é importante realçar que esta foi imprescindível em todas as etapas, uma vez que nos possibilitou registar e comparar comportamentos, situações e contextos ao longo da reflexão que realizámos no evoluir do nosso trabalho. A análise documental foi outro método que convocámos ao longo de todo o processo, conscientes de que, tal como defende Bell (1997) “qualquer investigação, seja qual for a sua dimensão, implica a leitura do que outras pessoas já escreveram sobre a área do seu interesse, recolha de informações que fundamentem ou refutem os seus argumentos e redação das suas conclusões” (p. 51). Para além do mencionado, os registos fotográficos realizados ao longo da nossa ação educativa também foram uma grande ajuda, pois possibilitaram-nos ilustrar as atividades

desenvolvidas e contextualizar as nossas reflexões, desenvolvidas na sequência da ação educativa implementada em contexto de estágio, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para finalizar este documento, serão apresentadas algumas considerações finais relacionadas com o desenvolvimento do nosso trabalho, ao longo da ação educativa, no Estágio Pedagógico I e no Estágio Pedagógico II, bem como um balanço relativo à concretização dos objetivos enunciados no início deste documento.

Em suma, consideramos importante realçar que, por questões de natureza ética, em todo o processo de elaboração do presente Relatório de Estágio, foi salvaguardada a confidencialidade dos dados e o anonimato dos envolvidos, tanto nos Estágios Pedagógicos, como na análise dos dados recolhidos no inquérito por questionário.

# Capítulo I

As Expressões Artísticas na Educação Básica



## **1. As Expressões Artísticas na Educação Básica**

- 1.1.** Expressão Plástica: uma proposta de definição
- 1.2.** A Expressão Plástica como lugar de aprendizagens
- 1.3.** O Desenho como forma de expressão da criança

Neste Capítulo, propomo-nos realizar uma caminhada teórica, na qual nos debruçaremos sobre o tema principal que decidimos aprofundar neste Relatório, com o intuito de esclarecer os principais fundamentos que enquadram a Expressão Plástica na Infância e na Educação Básica.

Começaremos por fazer uma abordagem, mais geral, às Expressões Artísticas na Educação Básica e, em complemento a este tema, aprofundaremos um pouco mais a área da Expressão Plástica, adiantando a sua definição e o seu papel como lugar de aprendizagens na Infância. Para finalizar, centrar-nos-emos na temática do desenho, uma vez que entendemos ser este um elemento fundamental quando pensamos na expressão plástica da criança, na sua forma mais genuína, considerando o seu processo de desenvolvimento, na globalidade, e em termos gráficos de forma mais particular. Neste sentido, concluiremos este enquadramento com um apontamento sobre o desenvolvimento gráfico da criança, aspeto que se assumiu como um elemento central no desenvolvimento da nossa ação educativa, no contexto do nosso estágio pedagógico.

## **1. As Expressões Artísticas na Educação Básica**

As Expressões Artísticas são essenciais para o desenvolvimento global da criança pois, como sabemos, o contacto da criança com a arte facilita a aprendizagem de outras áreas do conhecimento humano. Tal como refere Sousa (2003), “a criança exprime-se pelo gesto, o som, a palavra e a imagem”. O que exprime a criança? Sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, desejos, ideias, curiosidades, experiências, um conjunto de factos emotivos.

Neste sentido, é importante que apresentemos um conceito de arte e que reflitamos sobre as suas especificidades, enquadradas no contexto educacional da Educação Básica. O conceito de “Arte” provém do latino *arte*, sendo sinónimo de habilidade e saber. Indiscutivelmente, este conceito relaciona-se com o desenvolvimento global do ser humano, reunindo todas as condições necessárias para este processo.

Tal como esclarece Lowenfeld (1977) para além da arte se centrar no princípio dos afetos e das emoções, esta, também proporciona “o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções” (p. 19) contribuindo assim para o desenvolvimento completo do ser, de formação equilibrada da personalidade, que nenhuma outra área consegue atingir” (Sousa, 2003a, p. 113).

Nesta ordem de ideias, e uma vez relacionada com as emoções, a arte também contribui para o desenvolvimento da expressão do indivíduo, da sua técnica e ainda da sua criatividade. Tal como referem Fróis, Marques e Gonçalves (2000), a “finalidade de arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos”, contribuindo assim para o desenvolvimento completo do ser, quanto à formação equilibrada da personalidade, e proporcionando uma experiência que nenhuma outra área consegue oferecer quanto à dimensão dos afetos e emoções. Em síntese, estes aspetos são relevantes para a formação, pois equilibram e ampliam as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas, do ser humano (p. 201).

Neste sentido, realçamos a perspectiva de Platão, que defendia que a “arte deverá ser a base de toda a educação” (Sousa, 2003a, p. 24), ou seja, para proporcionar o equilíbrio perfeito no desenvolvimento expressivo e criativo da criança em paralelismo com a dimensão intelectual e emotiva, a criança deverá estar em contacto com contextos e experiências que envolvam todos os aspetos mencionados, anteriormente.

Na mesma linha de pensamento, Sousa (2003a) acrescenta ainda que, devido à versatilidade de formas de expressão derivadas da arte, estas contribuem para a formação da personalidade de forma equilibrada, atuando primeiramente em aspetos individuais e só depois em aspetos de integração social.

As Expressões Artísticas tornaram-se, assim, um pilar fundamental na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, até porque, tal como defendem Gloton e Clero (1971) “a criança é por natureza criadora” (p. 41), pois manifesta a sua expressão desde o nascimento e procura comunicar-se com os que a rodeiam através dos seus primeiros gritos e gestos. As Expressões Artísticas promovem também o desenvolvimento cognitivo, ajudando os mais pequenos na construção do seu *próprio eu*, pois “desde que vem ao mundo, a criança encontra-se em situação de aprender e de conhecer” (Gloton e Clero, 1971, p. 77).

Desta forma, é importante salientar que a partir das Expressões Artísticas é estimulada a criatividade das crianças, bem como outras capacidades relacionadas com a sua motricidade, proporcionando-lhes experiências que lhes permitem lidar com os outros e conhecer o mundo que as rodeia. De acordo com o Ministério da Educação e Ciência (2001), as Expressões Artísticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças pois as artes são elementos indispensáveis ao desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, pois permitem que este articule a imaginação, a razão e emoção. O facto de se vivenciarem experiências artísticas

vai influenciar a forma como se aprende e se interpreta contextos do nosso cotidiano. Desta forma, a arte, no seu todo, contribui para o desenvolvimento de competências relacionadas, também, com o pensamento, pois o facto de se olhar e interpretar o que nos rodeia faz com que comuniquemos conscientemente com desafios coletivos e pessoais potenciadores da construção da identidade pessoal e social, no âmbito da aprendizagem ao longo da nossa vida (p. 149).

A partir da Lei de Bases do Sistema Educativo, foram criados diversos documentos normativos que, orientam o Educador e o Professor nas suas práticas e, particularmente no que respeita à abordagem das Expressões Artísticas, nomeadamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) e o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Especificamente, no contexto da Educação Pré-Escolar, segundo Silva et al., 2016, para este nível de ensino, as Artes Visuais permitem a exploração de diferentes materiais, com tamanhos, cores e texturas diversificadas; a exteriorização espontânea de sentimentos; o desenvolvimento da motricidade fina; o desenvolvimento de competências sociais, tais como o respeito pelos colegas e pelos seus trabalhos, pelos materiais e pelo espaço; a identificação e combinação de várias cores; o recurso à utilização de materiais reutilizados e ainda a exploração de diferentes técnicas tais como o desenho e a pintura, a estampagem e a raspagem, o recorte e a colagem, a modelagem, a escultura e a construção de objetos bidimensionais e tridimensionais, salientando que estas técnicas devem ser adequadas às capacidades individuais de cada criança.

Neste sentido, entendemos que a exploração das abordagens acima elencadas, com o incentivo de um agente educativo, será uma mais-valia para o desenvolvimento de cada criança, pois irá proporcionar o desenvolvimento de aptidões ligadas às artes, mas também permitir que se relacione com outros domínios da mesma área. Para que a criança se desenvolva e melhore as suas capacidades expressivas e criativas, deverão, ainda, ser oferecidas as condições adequadas para a utilização de materiais diferentes para que a mesma alargue a sua imaginação e criatividade, de modo a possibilitar diferentes combinações e representações do mundo aos seus olhos (Silva et al., 2016, p. 51).

Tendo em conta o que foi referido anteriormente podemos reforçar que a Expressão Plástica assume um papel fundamental no desenvolvimento da criança, visto que permite a recriação, através da manipulação e transformação de todo um conjunto de materiais plásticos, mediante diversas técnicas. Afirmamos assim, que “a educação pode,

por isso, ser definida como o cultivo de modos de expressão”, pois poderá proporcionar o surgimento de artistas, ou seja, indivíduos eficientes nos diversos tipos de expressão.

Assim sendo, as Expressões Artísticas deverão ser exploradas e iniciadas desde cedo. Neste particular, e segundo Mota (2019), a criança manifesta a sua expressão desde o nascimento e procura comunicar-se com os que a rodeiam através dos seus primeiros gritos e gestos (p. 10). Realçamos, assim, que a Educação Artística não deve ser transmitida, mas sim experienciada, ou seja, deveremos complementar e proporcionar à criança aprendizagens que potenciem a exploração desta área, em benefício das descobertas, da expressão e da comunicação das crianças. Tal como vimos, a criança “é por natureza criadora” (Gloton e Clero, 1997), pelo que devem oferecer-se as condições adequadas a cada uma para que tenha a oportunidade de explorar sem medos (Guerreiro, 2012, p. 19).

Assim sendo e colocando em destaque os contributos das Orientações para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), as Artes Visuais, que integram diversos domínios, permitem que a criança interaja e comunique com os seus pares de forma original e criativa, ao mesmo tempo que procura representar o mundo que a rodeia desde cedo. A criança confronta-se assim com diferentes abordagens, “que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (Silva et al., 2016, p. 49).

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a área da Expressão Plástica ocupa uma menor carga horária, no enquadramento dos vastos programas delineados pela tutela, que o Professor se vê “obrigado” a cumprir. Esta área, segundo os Princípios Orientadores da área da Expressão e Educação Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tem por base a manipulação e a experimentação de diversos materiais, “a partir de descobertas sensoriais”, permitindo o desenvolvimento do modo como a criança expressa “o seu mundo interior e representa a realidade”. Tal como realça este documento normativo, “a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies” (p. 89).

De acordo com a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a Expressão Plástica, tal como acontece com as Artes Visuais na Educação Pré-Escolar, proporciona aos alunos a oportunidade de expressarem o que sentem, interpretando o mundo que os rodeia. Neste contexto, e para além de proporcionar as

condições adequadas aos alunos, os agentes educativos poderão proporcionar experiências alargadas à comunidade educativa, relacionadas com esta área de expressão, como forma de promover o seu desenvolvimento e a sua sensibilidade estética, tal como esclarece o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na sua edição de 2004.

Como forma de contribuir para o desenvolvimento integral da área de Expressão e Educação Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, devemos introduzir atividades como a modelagem e a escultura, visto que estas contribuem para o desenvolvimento da motricidade fina; atividades de construção, pois permitem a exploração e criação de novos objetos, conhecendo a tridimensionalidade dos mesmos e atividades relacionadas com o desenho, que possibilitam o desenvolvimento das capacidades de expressão e representação gráficas, bem como a exploração de conexões com outras áreas curriculares. Para além das atividades acima mencionadas, é igualmente importante proporcionar-se experiências que convoquem a pintura, tanto de forma livre como de forma sugerida, também ela bastante útil na descoberta e organização progressiva de superfícies e volumes.

Ainda nesta mesma ordem de ideias, existem outras técnicas que devem merecer a nossa atenção pelas competências que desenvolvem. Referimo-nos ao recorte, à colagem, à dobragem, à impressão, à tecelagem e costura, entre outras. É de salientar que estas atividades deverão surgir em conformidade com os interesses dos alunos, articuladas entre si e com atividades de outras áreas, possibilitando desta forma um reforço das suas capacidades expressivas e do seu desenvolvimento gráfico, aspeto que aprofundaremos um pouco mais adiante.

Desta forma, em modo de síntese, a Educação Artística deverá, tanto na Educação Pré-Escolar, como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, explorar a expressão, mas também a criatividade, e ambas deverão contribuir para o desenvolvimento da personalidade, de cada criança (Sousa, 2003a). Nesta ordem de ideias, este autor realça ainda que, ao estimularmos a criatividade, estamos a promover a autoconfiança da criança, “levando-a a descobrir que a criação é mais importante que a simples execução reprodutiva” (Sousa, 2003a, p. 188).

Neste contexto, os Educadores e Professores devem assumir um espírito de abertura e flexibilidade e criar ambientes favoráveis que reúnam todas as condições para que a criança experimente livremente várias formas de expressão, complementadas por diversas técnicas, e ou materiais, identificando aquelas com as quais se sente mais à vontade. Segundo Sousa (2003a), o Educador ou Professor deverá ser “simples, activo e

sempre disponível, sempre atento às necessidades e interesses expressos pela criança, sempre pronto a dispensar-lhe a ajuda que ela espera, jamais impondo-lhe seja o que for” (p. 130). Nesse sentido devemos proporcionar à criança a possibilidade de vivenciar e praticar dinâmicas capazes de permitir que aprenda, conquiste e consiga realizar os seus próprios juízos, criando assim os seus próprios conceitos colocando o seu desenvolvimento de aptidões em crescimento (Sousa, 2003a, p. 144).

Considerando tais pressupostos, e tendo em conta que a Expressão Artística assume contributos diferentes na formação da criança, iremos focar a nossa atenção na Expressão Plástica e procurar compreender, de forma mais específica as suas potencialidades e o modo como é explorada em contextos pedagógicos diversificados.

### **1.1. Expressão Plástica: uma proposta de definição**

Antes de falarmos propriamente acerca da Expressão Plástica, é importante salientar que as Expressões Artísticas, como acima constatámos, são essenciais para a vida das crianças, pois “a expressão é um fenómeno que projecta no exterior e torna presente aos outros aquilo que existe no mais íntimo de cada um”, (Gonçalves, 2000, p. 16). A Expressão Plástica, segundo Sousa (2003), “é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança” e o seu principal objetivo consiste na “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160). Nesta ordem de ideias, ao explorarmos esta área, estamos a contribuir para o desenvolvimento, equilíbrio e satisfação da criança, pois as artes, tal como vimos anteriormente, são um meio de comunicação que oferece a oportunidade de manifestar e de representar a sua visão sobre o que observa no seu quotidiano, no mundo que a rodeia, com base na sua espontaneidade e nas suas experiências.

Assim sendo, e no que diz respeito à Expressão Plástica, é importante referir que esta é uma área que deve ser vista como um meio de comunicação e de representação, que surgirá das vivências individuais ou até das vivências experimentadas em grupo pois “proporciona à criança um campo de expressão de emergências psicológicas que por outras vias seriam mais difíceis de exteriorizar” (Sousa, 2003b, p. 167). A Expressão Plástica é uma atividade natural, livre e espontânea da criança, pois permite que inicie e exteriorize o que vai no seu interior (Reis, 2003b, p. 183). Tal como as outras formas de expressão, esta em específico, uma vez que é a de preferência de muitas crianças,

proporciona a exteriorização de sentimentos e emoções por meio de mecanismos próprios.

Seguindo esta ordem de ideias, e segundo Stern (1974, citado por Sousa 2003, p. 165), a Expressão Plástica pode definir-se como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. A Expressão Plástica é fundamentalmente e essencialmente, uma atividade natural, livre e espontânea da criança que se objetiva na expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos (Sousa, 2003a, p. 160). Para além do supramencionado, e segundo Leal (2000, citado por Garcia, 2015), a Expressão Plástica é uma disciplina dedicada à consciência do “eu”, pois foca-se nas capacidades espontâneas de expressão emocional e sentimental, permitindo assim desenvolver um processo onde o Educador e o Professor privilegiam, desde o início da infância, em todos os seus atos e com todos os recursos possíveis, formas de experienciar a plástica (p. 44).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p. 149), e suportando-nos no que já foi acima mencionado, “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, pois é fundamental explorar a Expressão Plástica, uma vez que esta área tem “um papel fulcral no processo de ensino aprendizagem podendo constituir um meio valioso ao serviço de uma educação integrada” (Queirós, 2011, p. 20). No entanto, apesar dos Educadores e Professores saberem a importância da Expressão Plástica para a vida das crianças, nem sempre lhes dão a devida relevância. É fundamental, que os Educadores, Professores e demais agentes de educação criem as condições essenciais para que as crianças, através do ato de criar, explorem diferentes materiais e técnicas que lhes permitam livremente satisfazer as suas necessidades.

Como na Expressão Plástica existem muitas técnicas ao serviço das crianças, cabe ao Educador e Professor oferecerem condições para que estas façam as suas escolhas, consoante a sua vontade e as suas necessidades, sem colocar em causa o seu processo de desenvolvimento e criação e sem condicionar o mesmo. O Educador e ou Professor devem proporcionar à criança a oportunidade de selecionar a técnica que melhor se enquadra nos objetivos da sua criação. É importante enfatizar a possibilidade de exploração de um leque variado de técnicas, desde o desenho e a pintura, passando pelo recorte e colagem, dobragem e modelagem, ou ainda a possibilidade de se fazer construções plásticas recorrendo a diversos materiais. Tais experiências proporcionam o desenvolvimento de capacidades cognitivas e físico-motoras, com especial reforço na

motricidade, ou ainda capacidades socio afetivas, que se desenvolvem a partir das descobertas que a criança faz durante o seu processo de criação e comunicação, sobre si própria, sobre os seus pares e sobre o mundo que a rodeia. Assumem-se ainda como uma forma privilegiada para exteriorizarem o que interiorizam na sua imaginação.

De entre todas as técnicas acima evidenciadas, a pintura é considerada, em particular, uma das técnicas mais completas no que respeita à expressividade (Cardoso e Valsassina, 1982, p. 84). No entanto, a modelagem proporciona à criança a possibilidade de experimentar um inesgotável conjunto de descobertas, permitindo assim desenvolver a sua a persistência e paciência, levando-a a um estado de segurança, ao explorar a técnica (Sousa, 2003b, p. 255). Quanto ao recorte e colagem estes destacam-se pelo ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade, no sentido em que a criança poderá combinar esta técnica com suportes de diferentes materiais, cores e texturas na sua elaboração da sua criação.

Uma vez apresentada uma possível definição, sucinta, da Expressão Plástica, importa enquadrar esta área nos documentos norteadores que complementam a nossa ação prática educativa. Desta forma, é importante compreender como a Expressão Plástica é abordada na Educação do Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, naqueles que são os seus documentos norteadores: as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e a Organização Curricular e Programas 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No primeiro documento, a Expressão Plástica da criança é integrada no subdomínio das Artes Visuais e é articulada com outras áreas, suportando-se, assim, com materiais e técnicas que lhe conferem uma identidade particular. As OCEPE realçam que a criança deverá explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a Educador/a alargar as suas experiências, de modo a proporcionar o desenvolvimento da imaginação e, em consequência, a sua criação, com recurso e acesso a materiais e instrumentos diversos da expressão explorada (p. 49). No mesmo documento podemos verificar que existem variados elementos de comunicação visual que são relacionados com a cor, a textura, as formas geométricas, as linhas, as tonalidades, a figura humana e a desproporção e a proporção natural (p. 49). Estes aspetos possibilitam à criança a exploração de diálogos vários, oferecendo assim o desenvolvimento do seu espírito e sentido crítico que, estimulado, poderá proporcionar a vontade de querer mais e descobrir novas explorações. Neste sentido, as Artes Visuais, poderão permitir a integração e a ampliação da expressividade das crianças, nas demais áreas do currículo.

No que respeita aos princípios orientadores, tanto da área de Expressões Artísticas, de forma geral, como da Educação Plástica, em particular, devemos prezar os momentos de expressividade que oferecem à criança a oportunidade de se exprimir livremente, possibilitando assim a expressão pessoal e o prazer de manifestar livremente as sensações múltiplas, que pode sentir ao experienciar atividades centradas nas Expressões Artísticas (Ministério da Educação, 2001, p. 60)

Em jeito de síntese, o ambiente que deverá ser proporcionado pelos Educadores e Professores para a utilização de diferentes materiais e técnicas vai possibilitar, tanto na Educação Pré-escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a exploração de emoções, sensações, pensamentos e fantasias, de uma forma natural e desenvolvendo competências desejadas. Considerando tais pressupostos, interessa-nos aprofundar um pouco mais este contexto, realçando o papel da Expressão Plástica como um lugar de aprendizagem, aspeto a que dedicaremos o ponto que se segue.

## **1.2. A Expressão Plástica como lugar de aprendizagens**

Analisadas as ideias e conceitos que suportam a Expressão Plástica, é importante reforçar as suas potencialidades educacionais, no desenvolvimento de variadas competências nas crianças. Deste modo, e uma vez que convocamos as várias técnicas da Expressão Plástica ao longo da ação educativa desenvolvida nos nossos estágios pedagógicos, importa, no plano teórico, falar um pouco sobre elas.

Neste sentido, realçamos com Barbosa (2009) a importância assumida pelas técnicas na exploração dos diversos materiais plásticos utilizados na sua expressão, que lhes possibilitam a oportunidade de se exprimir e de criar, sabendo que a Expressão Plástica, sem as técnicas e sem os materiais, não se consegue complementar no seu todo (p. 21). Nesta ordem de ideias, é importante que analisemos, embora que de forma sucinta, as potencialidades técnicas das diversas técnicas relacionadas com a Expressão Plástica. Neste sentido, iremos focar-nos naqueles que são os princípios orientadores do desenho e da pintura, do recorte e da colagem, da dobragem e da modelagem.

Relativamente ao **desenho**, segundo Sousa (2003a), esta é considerada uma das técnicas mais antigas utilizadas pelo ser humano para se exprimir. Na verdade, a simples presença de um papel e de um lápis assume-se como um convite imediato à criança, que “sente uma vontade imensa e espontânea de rabiscar” (p. 193). Neste processo, desenvolve capacidades cognitivas, criativas e de raciocínio que, em paralelismo com

competências ligadas às emoções e sentimentos, permite que a crianças, por meio de brincadeira e sem preocupação, consigam aperfeiçoar a técnica (Abreu 2009, p. 56).

Neste contexto, salientamos que o desenho não se afigura apenas como uma mera reprodução do real, é também uma representação do “que se sente e se imagina, o que se sabe através da experimentação sensorial, não apenas da vista, mas também do tacto, do cheiro, do paladar e do ouvido”, ou seja, é uma técnica que se poderá assumir como o reflexo do que se deseja “ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir” (Gonçalves, 1991, p. 26).

A criança desenha situações relevantes das suas vivências na tentativa de as prolongar no tempo, pois tem a necessidade de “reanimar situações experimentais” (Almeida, Santos & Santos, 1971, p. 23). Nas suas produções, as suas escolhas não são feitas ao acaso, mas refletem o grau de importância que a criança atribuiu aos elementos por ela representados, sendo que os desenhos espelham os conhecimentos, as interpretações e a compreensão que esta faz do mundo que a rodeia ou que imagina (Almeida, Santos & Santos, 1971).

A **pintura**, numa lógica muito semelhante ao desenho, também, irá permitir a decoração de uma superfície através de pigmentos coloridos (Sousa 2003a, p. 225). Além disso, a pintura é uma técnica acessível a todos, pois independentemente da idade, esta assume-se no contexto educativo como sendo um lugar de excelência para a experimentação, ao mesmo tempo que permite a comunicação das suas emoções. Desta forma, a criança ao conhecer-se a si e aos outros, tira o máximo de partido da sua imaginação e cria, mostrando assim como vê o mundo que a rodeia.

Neste contexto, é importante lembrarmos que “a espontaneidade da pintura infantil manifesta-se antes da aquisição de uma técnica, ou, por outras palavras, conduz à necessidade de descobrir a técnica, que melhor se adapta ao desenvolvimento desse tipo de expressão imediata” (Gonçalves, 1991, p. 39).

Assim sendo, e para que a criança execute o que lhe vai na alma e transmita para uma superfície os contornos da sua imaginação, é muito importante que sejam trabalhadas diversas técnicas e oferecidas as condições necessárias para que ela se consiga exprimir e comunicar, neste caso, os suportes e os materiais de pintura.

Quanto ao **recorte e à colagem**, e sendo esta técnica uma das que possibilita a transformação plástica de diversos materiais, esta também, ganha um grande destaque no leque das escolhas das crianças. Segundo Sousa (2003a), o recorte é “uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar livre vazão às suas capacidades, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (p. 283). Quanto

à colagem, segundo Gonçalves (1991) esta assume-se como a livre associação de imagens, que poderão ser recortadas em jornais e revista, e em outros suportes, que permite conceber colagens que poderão explorar o humor e o insólito. Neste sentido, esta técnica poderá potenciar a simplificação formal e provocar a imaginação criadora, ao proporcionar composições de imagens, aparentemente desconectadas, quando deslocadas do seu contexto habitual (p. 28). Para além destas competências, o fato de estar a realizar um trabalho de precisão, vai exigir que as crianças e ou alunos melhorem a sua coordenação, pois irá exigir que o cérebro trabalhe com dois sistemas ao mesmo tempo – visual e manual (Morris 2011, citado por Sousa, 2014, p.17).

Sendo assim, embora na ação educativa que desenvolvemos durante os nossos estágios tenhamos percebido que é visível a dificuldade que as crianças têm em manusear a tesoura, tanto na Educação Pré-Escolar, como no 1.º CEB, devemos estimular desde cedo esta competência, pois irá permitir que desenvolvam, não apenas a capacidade de utilizar este recurso, mas também um conjunto de outras competências ligadas ao desenvolvimento da sua motricidade e coordenação, estimulando habilidades que preparam a criança para manusear outros objetos como o lápis para escrever, o talher para comer, o pente para se pentear ou a escova para lavar os dentes.

Para que isto aconteça na perfeição e nas melhores condições, mais uma vez, o papel do Educador e Professor é fundamental. Estes deverão ajudar a criança a aperfeiçoar a técnica proporcionando e oferecendo a exploração de diversos materiais.

Relativamente à **dobragem**, técnica que tem como recurso o papel, dobrado e vincado, esta permite à criança desenvolver as primeiras noções de volume. Desta forma, experienciando, criando e inventando, a criança convoca as três dimensões ao explorar a dobragem. Além disso, e segundo Sousa (2003), não devemos ensinar a criança como se dobra, mas sim providenciar as condições essenciais para que ela própria experimente e crie diferentes formas, através das suas próprias dobragens (p. 225).

No que se refere à **modelagem**, e segundo Barbosa (2009), está é “uma atividade que proporciona a livre expressão de pensamento”, ou seja, para além de trabalhar e garantir o desenvolvimento da coordenação motora, visual e muscular, explora elementos visuais como a estrutura, a forma e o volume (p. 28).

Segundo Sousa (2003) esta técnica pode ser entendida como “o acto de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é, qualquer matéria que mantenha a forma que se lhe dá” (p. 225). Assim sendo, ao explorar a modelagem, “a criança encontra um espaço formativo em que através da acção das suas mãos lhe proporciona uma inesgotável fonte

de experimentações e descobertas” (p. 255). Nesta linha de pensamento, também Barbosa (2009) realça o papel da modelagem como “uma actividade que proporciona a livre expressão de pensamento, além de garantir um óptimo treino de coordenação motora, muscular e da coordenação visual, compreende alguns elementos visuais como a estrutura, a forma e o volume: desenvolve a noção de espaço e o jogo imaginativo” (p. 28).

Neste sentido, defendemos com Sousa (2014) que “modelar só é possível se trabalharmos com materiais com plasticidade, como a plasticina, o papel de estanho, a massa pão, a massa de farinha, a pasta de papel, o barro, a cerâmica, entre outros” (p. 16). A autora acrescenta ainda que, “para se desenvolver a modelagem, as salas de aulas devem ser amplas e dispor de mesas de trabalho, para as crianças experimentarem livremente os diferentes materiais utilizados no ato de modelar” (p. 16).

Para terminar, não podemos deixar de falar acerca da **construção**. De acordo com Silva et al., 2016, fazer construções irá permitir o desenvolver visão da tridimensionalidade e vai ajudar a desenvolver, ainda, a destreza manual, proporcionando às crianças a capacidade de construir novos objetos (p. 90).

Realizada uma breve descrição das técnicas a explorar no contexto da Expressão Plástica, concluímos que todas as técnicas contribuem para o desenvolvimento das diversas potencialidades do processo de aprendizagem das crianças. Ao explorarem tais técnicas, estão a desenvolver a imaginação e a criação, ao mesmo tempo que aprendem a comunicar as suas emoções, transpondo as mesmas através das suas criações e explorações.

Assim, na sequência do que foi apresentado, e uma vez que as experiências de natureza plástica se iniciam e se reduzem, na maior parte das vezes, ao desenho, por se assumir como um instrumento de comunicação das crianças de forma simples e económica, possibilitando a representação daquilo que compreendem do mundo (Hohmann e Weikart, 2003, p. 512), importa-nos evidenciar e aprofundar algumas questões relacionadas com desenho infantil e com o conseqüente desenvolvimento gráfico da criança, temática que aprofundaremos no último ponto deste Capítulo.

### **1.3. O Desenho como forma de expressão da criança**

O desenho “é uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano” (Sousa, 2003c, p. 193), visto que as crianças sempre desenharam. No entanto, os desenhos

só começaram a ser valorizados mais recentemente (Telmo, 1994). Neste contexto, lembramos com Gonçalves (1991) “que o desenho infantil é essencialmente ideográfico, característica central da qual derivam outras como a transparência e o rebatimento” (p. 8), salientando que “o ideografismo consiste em representar mais o que a criança sabe ou a ideia que vai fazendo das coisas do que o que vê” (Gonçalves, 1991, p. 8).

Neste contexto, é de sublinhar que esta é uma das técnicas mais usadas na educação não devendo ser banalizada (Delgado, 2015). Pelo contrário, é essencial compreender as múltiplas vantagens desta técnica. Primeiramente, é fundamental entender que o desenho é uma atividade espontânea da criança, visto que representa sensações, experiências e vivências da mesma, pois “[representa] o desenvolvimento do crescimento mental” (Almeida, Santos & Santos, 1971, p. 11), ou seja, através desta técnica de expressão é possível traduzir diversas variáveis.

Em contexto escolar, o desenho acaba por ser a técnica mais utilizada devido à sua fácil execução e uma vez que não exige a utilização de muitos materiais. No entanto, na prática, os Educadores e Professores recorrem a esta técnica demasiadas vezes, apenas para preencher tempos mortos e ou para ocupar as crianças em determinadas circunstâncias.

Para além disso, e segundo Reis (20023) o invés de se permitir que as crianças expressem espontaneamente o que vai na sua imaginação, os Educadores e Professores tendem a sugerir temas ou a indicar o que as crianças têm de representar/desenhar (p. 62). Neste particular, também Méridieu (2017) critica esta realidade defendendo que ao analisarmos os desenhos das crianças é perceptível alguma imitação da realidade, sendo a escola responsável por uniformizar a expressão da criança, estimulando o desenhar padronizado e impondo um conjunto de elementos gráficos como a casa, o sol, a árvore, a flor, entre outros, que acabam por empobrecer os temas desenhados. Nas palavras desta autora, ao assumir tal conduta, “a escola castra a criança de uma parte de si mesma” (Méridieu, 2017, p. 155).

É importante perceber que o desenho vai muito além da representação gráfica. Através dele, podemos entender o que se transmite, ou seja, através de determinados aspetos, podemos perceber o que a criança sente.

Assim, através do desenho, conseguimos percebermos comunicações que as crianças indiretamente nos transmitem. Com base no traço, na cor, na orientação e até na proporção dos elementos, podemos retirar reflexões sobre a representação. Segundo Lowenfeld (1977) “certas crianças só pensam em termos de desenho e não de palavras”

(p. 70) e segundo Sousa (2003), “os desenhos da criança são uma forma de aprendizagem, não podendo por isso ser considerados como formas de arte”, mas como “o reflexo dos sentimentos e pensamentos da criança” (pp. 194-195).

Tendo em conta que os desenhos e representações que as crianças apresentam poderão evoluir ao longo da infância, quer do ponto de vista das técnicas, quer do ponto de vista dos temas representados, podemos apontar vários estádios de desenvolvimento, aspeto que foi abordado por alguns autores, sem que se tivesse chegado a uma nomenclatura consensual no que respeita aos seus estádios).

Tal como esclarece Telmo (1994), “os estádios de Lowenfeld podem ser estudados em paralelo com os estádios de desenvolvimento cognitivo definidos por Jean Piaget”, podendo haver, na prática, “uma sobreposição de estádio para estádio” pois as crianças poderão voltar a um estádio anterior, consoante as suas necessidades (p. 19). Para além disso, o desenvolvimento gráfico das crianças, poderá não estar relacionado com as idades, pois se a criança não receber os estímulos necessários no período correto, poderá não se desenvolver. Segundo Pereira (2016), a criança é que se desenvolve e não o desenho, ou seja, a criança evolui graficamente e transita para as etapas seguintes consoante o estádio em que se encontra. Sobre este particular, vários foram os autores que se dedicaram ao estudo das diferentes fases/etapas do desenvolvimento do desenho, de entre os quais destacamos Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget ou ainda Vygotsky.

Assim sendo, e de acordo com um quadro comparativo entre os estádios preconizados por Lowenfeld e os estádios de desenvolvimento defendidos por Piaget, criado por Cohen e Gainer (1984, citado por Telmo, 1994), apresentamos de seguida, sinteticamente, em traços gerais, as principais características dos vários estádios em causa.

Relativamente à faixa etária dos 0 aos 2 anos de idade, Piaget define o “Estádio Sensório-motor”, tendo em conta o desenvolvimento cognitivo da criança. Esta etapa é definida por Lowenfeld como o primeiro estádio de desenvolvimento gráfico, descrevendo-a como aquela em que a Expressão Plástica, se inicia. Nesta altura a criança, apenas, reage a experiências sensoriais.

De seguida, na faixa etária dos 2 aos 4 anos de idade a etapa é definida por Piaget como “Função Simbólica” ocorre numa altura em que as crianças realizam garatujas. Por este mesmo motivo, e considerando estes primeiros grafismos das crianças, Lowenfeld chama-lhe o estádio da “garatuja”. Este estádio está dividido em três fases, a fase da garatuja desordenada, que acontece entre 1 a 2 anos, a fase da garatuja controlada, por volta dos 2 anos e a fase da garatuja identificada, entre os 2 e os 3 anos de idade. A fase

da garatuja desordenada A criança faz riscos em “V” sem olhar para o papel e não respeita o contorno da superfície onde desenha. Na fase seguinte, as garatuja assumem já alguma intencionalidade. A criança desenha círculos intencionalmente dominando já os movimentos e desenha sobretudo formas fechadas, primeiro o círculo e mais tarde o quadrado. Na última etapa, a da garatuja identificada, a criança já diz que desenhou ou anuncia o que vai desenhando. Nessa fase já começamos por decifrar certos riscos que podemos relacionar com características diferenciadoras das figuras ou objetos que a criança quer representar, em especial a figura humana, um tema recorrente nos desejos de crianças desta idade.

A faixa etária seguinte, dos 4 aos 7 anos de idade, a criança desenvolve-se e passa, tal refere Piaget, pelo “Pensamento Intuitivo” pois, com a evolução do seu desenvolvimento gráfico, os seus traços desenhados começam a ganhar outros contornos. Lowenfeld designa esta etapa de “Estádio Pré-esquemático”. Nesta etapa do seu desenvolvimento, a criança é o centro das considerações de ordem espacial e representa as pessoas baseada na consciência de si própria. Desenha o que conhece e não o que vê e por isso é frequente encontrarem-se transparências ou desenhos com “raios X” nos seus desenhos, que indicam o que se sabe que existe, mas não é visível logicamente. No entanto, nota-se um maior poder de concentração e os desenhos começam a mostrar a atenção às relações no ambiente, tais como arranjos especiais. A criança começa a basear-se em linhas geométricas e formas e a ação é voltada para resultados concretos. Representa elementos da sua realidade e exprime a sua fantasia, desenhando vários objetos ou o que imagina deles.

Quanto à etapa que abrange a faixa etária dos 7 aos 11 anos de idade, esta é designada por Piaget por “Operações Concretas”, porque os desenhos das crianças ganham pormenores, nos traços, nas formas e nas cores. Numa primeira fase (dos 7 aos 9 anos) as crianças usam sempre o mesmo esquema e numa segunda fase (dos 9 aos 12 anos) utilizam maior riqueza quanto aos pormenores dos elementos, realizando assim, a distinção entre sexos e o uso da cor mediante as suas experiências.

Por seu turno, quanto a estas faixas etárias, Lowenfeld define dois estádios, o “Esquemático” e o do “Realismo Crescente”, respetivamente. No primeiro período, as crianças fazem sempre o mesmo esquema para representar um determinado objeto e repetem-no sem lhe diferenciar as características. Depois de o repetirem, vão descobrindo e desenhando as suas características diferenciadoras (por exemplo, os homens aparecem vestidos de um modo diferente das mulheres e os andares das casas aparecem

diferenciados). No segundo período, as figuras são cada vez mais diferenciadas e as cenas mais cheias de pormenor. A criança concentra-se numa única perspetiva – adquire a capacidade de sobrepor formas sem revelar partes escondidas (por exemplo, o céu toca a terra e objetos por detrás de outros são parcialmente visíveis). Nota-se agora uma maior rigidez resultante da atitude egocêntrica e da ênfase sobre detalhes (como roupas, cabelos, etc...), uma diferença acentuada entre meninas e meninos e uma maior consciência do eu em relação ao sexo. Este é entendido como o estágio subjetivo da cor, uma vez que a cor é usada em relação à experiência pessoal da criança.

Numa última etapa, dos 12 aos 15 anos de idade, o desenvolvimento cognitivo da criança é marcado pelo aparecimento de “Operações Formais”, nome que Piaget atribui, a esta faixa etária. No que respeita ao seu desenvolvimento gráfico, considerando a atenção visual às mudanças de movimento, bem como às mudanças de cor relacionadas com distância ou com um estado particular de humor, Lowenfeld considera que a criança atravessa o estágio “Pseudo-Naturalista” (p. 19). Nesta etapa do seu desenvolvimento, nota-se a introdução das articulações na figura humana e dá-se atenção visual às mudanças de movimento introduzidas através do movimento ou da atmosfera, bem como ao espaço tridimensional expresso pelas proporções diminuídas dos objetos distantes.

Nesta sequência de estádios, Telmo (1994) lembra que Lowenfeld considera ainda uma última etapa, o Estádio/Período da decisão – adolescência, dos 14 aos 17 anos, marcado por impressões do meio no qual o criador se sente espectador, dando ênfase na proporção exterior, na interpretação visual da luz e da sombra, na perspetiva espacial e na mudança das qualidades da cor em relação ao meio ambiente. Os sentimentos íntimos são acentuados em contraste com a aparência exterior e dá-se uma significação expressiva da cor, que assume agora um significado psicológico e emocional, influenciado pela entrada na fase da adolescência.

Apresentadas as principais características dos estádios de desenvolvimento gráfico preconizados pelos autores que decidimos convocar neste enquadramento, defendemos com Gabey e Viment (1974) que “desenhar para a criança é vencer etapas” (p. 18). Consoante o estágio do desenvolvimento da criança, o seu registo gráfico irá possuir características próprias, na sua forma de expressão.

É igualmente relevante reforçar a importância de conhecer as manifestações particulares de cada um destes períodos no desenvolvimento da criança, não apenas para compreendermos os seus reais contornos, mas também para adequarmos as nossas opções

metodológicas e didáticas por forma a tirar o máximo partido das potencialidades de cada uma delas.

Lowenfeld (citado por Sousa, 2003) elaborou um memorando orientador a seguir por quem trabalha diretamente com crianças no sentido de melhor orientar as suas ações e atitudes relativamente aos contornos da sua expressão plástica no sentido de promover o seu desenvolvimento gráfico de forma saudável e adequada. Nas suas palavras, os Educadores e Professores devem;

- 1) Considerar a expressão da criança como uma projeção da sua personalidade em formação;
- 2) Compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento;
- 3) Estimular a criança nas suas relações com o ambiente;
- 4) Apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência;
- 5) Compreender que as «proporções erradas» exprimem frequentemente, uma experiência;
- 6) Compreender que as perceções da criança, a respeito da arte, são diferentes das dos adultos;
- 7) Apreciar os trabalhos artísticos da Criança de acordo com os seus próprios méritos;
- 8) Colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar;
- 9) Ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros;
- 10) Encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma;
- 11) Criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa;
- 12) Deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação.

Foi com base nestes pressupostos que procuramos desenvolver a nossa ação educativa, tirando o máximo partido das potencialidades da área que decidimos aprofundar, até porque nos parece que a mesma nem sempre é explorada como deveria. Se na Educação Pré-Escolar encontramos alguma flexibilidade nas rotinas que permite a exploração de várias técnicas de expressão, quando nos debruçamos sobre alguns estudos que fizeram análise semelhante no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico este cenário tende a alterar-se.

De acordo com alguns estudos desenvolvidos no contexto de Relatórios de Estágio, de colegas que também entenderam aprofundar a área expressiva em causa, é possível perceber que, por constrangimentos vários, que passam pela dificuldade na gestão do tempo e dos programas curriculares, pela pressão dos exames, pela carência de material ou ainda pela insegurança e falta de domínio de alguns docentes, a Expressão Plástica nem sempre é explorada em toda a sua plenitude (Dias, 2013; Martins, 2013; Rodrigues, 2014; Sousa, 2014; Garcia, 2015 e Medeiros, 2017).

Procurando contrariar esta tendência, é importante que os Educadores/Professores repensem as suas práticas educativas e explorem a área da Expressão Plástica, quer convocando os seus conteúdos específicos, quer como complemento integrador das outras áreas curriculares, oferecendo assim múltiplas oportunidades de expressão aos seus alunos.

Este foi o contexto onde procuramos mover-nos ao longo dos nossos estágios pedagógicos, tal como procuraremos apresentar e refletir nos capítulos que se seguem nos quais daremos conta da ação educativa que desenvolvemos no contexto dos nossos estágios pedagógicos, na Educação pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

# Capítulo II

O Estágio Pedagógico I – Ação Educativa no  
Contexto da Educação Pré-Escolar



## **2. O Estágio Pedagógico I – Ação Educativa no Contexto da Educação Pré-Escolar**

### **2.1. Características dos contextos de intervenção**

**2.1.1.** Caracterização do meio envolvente

**2.1.2.** Caracterização da Escola

**2.1.3.** Caracterização da Sala de atividades

**2.1.4.** Caracterização do grupo

### **2.2. Ação Educativa no Contexto da Educação Pré-Escolar**

**2.2.1.** Atividades que convocaram o subdomínio das Artes Visuais

**2.3.** Em jeito de síntese...

## **2. Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar**

Dedicaremos o presente Capítulo à análise e reflexão acerca da ação educativa que desenvolvemos ao longo do Estágio Pedagógico I, no contexto educativo da Educação Pré-Escolar. Neste sentido, iremos caracterizar os contextos de intervenção em que a nossa prática educativa se desenvolveu, realçando as potencialidades do meio onde se inseria a escola e fazendo uma apresentação breve acerca da mesma. Numa fase seguinte, faremos uma apresentação da sala onde desenvolvemos a nossa prática educativa, bem como do grupo de crianças que nos foi confiado. Depois de caracterizados os contextos em que intervimos, apresentaremos as nossas sequências didáticas, cujas propostas pedagógicas serão apresentadas e analisadas, na sua globalidade e centrando-nos em focos mais específicos de análise, decorrentes do trabalho desenvolvido no contexto da Expressão Plástica, área que decidimos aprofundar neste Relatório.

### **2.1. Características dos contextos de intervenção**

#### **2.1.1. Caracterização do meio envolvente**

Tal como acima adiantamos, começaremos por caracterizar o meio onde se situava a escola na qual desenvolvemos o nosso Estágio Pedagógico I, com um grupo de crianças que frequentavam a Educação Pré-Escolar. Em primeiro lugar, foi importante conhecer o meio envolvente da instituição em que se inseriu a nossa ação educativa, visto que podíamos encontrar potenciais fatores capazes de promover a construção de aprendizagens e o desenvolvimento de cada criança.

A escola onde decorreu a prática educativa do Estágio Pedagógico I situava-se na costa norte da Ilha de São Miguel e pertencia ao concelho de Ponta Delgada. A freguesia onde se situava a escola foi conhecida pela atividade agrícola que se insere ao nível socioeconómico. A localização desta instituição não permitia uma grande ligação com as restantes instituições da freguesia à qual pertencia, pois localizava-se numa zona mais rural, rodeada por casas e pastagens, sendo necessário recorrer a transporte para deslocações a entidades, que poderiam promover e colaborar no desenvolvimento das crianças. No entanto, esta escola integrava um projeto-piloto de inovação pedagógica que funcionava numa quinta, que contava com uma dimensão de 60 alqueires de terra, dedicados à pecuária e hortícola. Era ainda possível encontrar no meio envolvente outras

instituições, ligadas a contextos educativos, como outros espaços dedicados ao turismo, nomeadamente um AL (alojamento local). O meio onde a escola estava inserida permitia às crianças a aprendizagem de muitos conhecimentos interdisciplinares.

### **2.1.2. Caracterização da Escola**

Debruçando-nos agora de forma um pouco mais detalhada na escola que nos acolheu em contexto de estágio, esta permitia que as crianças aprendessem, de forma diferente e diferenciada, desde a Educação Pré-Escolar até ao 9.º ano de escolaridade. Mais especificamente, no ano letivo corrente, 2019-2020, estavam matriculados no projeto quarenta e três crianças dos 3 aos 12 anos, sendo dezoito destas crianças da Educação Pré-Escolar, treze do Núcleo de iniciação (1.º e 2.º anos) e doze do Núcleo e Autonomia, (3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos).

Este projeto permitia criar uma comunidade educativa de aprendizagem, favorecendo uma intencionalidade educativa que poderia ser manifestada por todos os intervenientes, nomeadamente, crianças/alunos(as), pais, orientadores educativos e outros demais agentes educativos, auxiliando-se e potenciando novas estratégias para o projeto-piloto, através de reflexões guiadas com base nos princípios orientadores da “Escola da Ponte” e dos Projetos “Sementes para o sucesso” e “Âncora”.

Nesta escola, contávamos com dois edifícios, um intitulado de Fábrica de Artes, e um anexo, construído por voluntários, denominado “Oficina dos Sonhos”. No primeiro edifício funcionava uma sala de jardim de infância, situada no piso 0 e uma outra para o núcleo de iniciação (1.º e 2.º anos). No piso inferior, encontrávamos o refeitório, que também funcionava como espaço de desenvolvimento de ateliers, reuniões ou apoios. É de salientar que a construção de um edifício alternativo no exterior permitiu que o 1.º e 2.º Ciclos funcionassem e recebessem melhores condições de organização. Para além do referido, e no local que funcionava como refeitório, havia um espaço complementar para outras atividades. Era também neste local que se realizava o acolhimento matinal e ao final do dia, bem como a dinamização de atividades de tempos livres (ATL). Quanto às instalações sanitárias, a escola possuía três espaços distintos, sendo um deles adaptado para pessoas portadoras de deficiência.

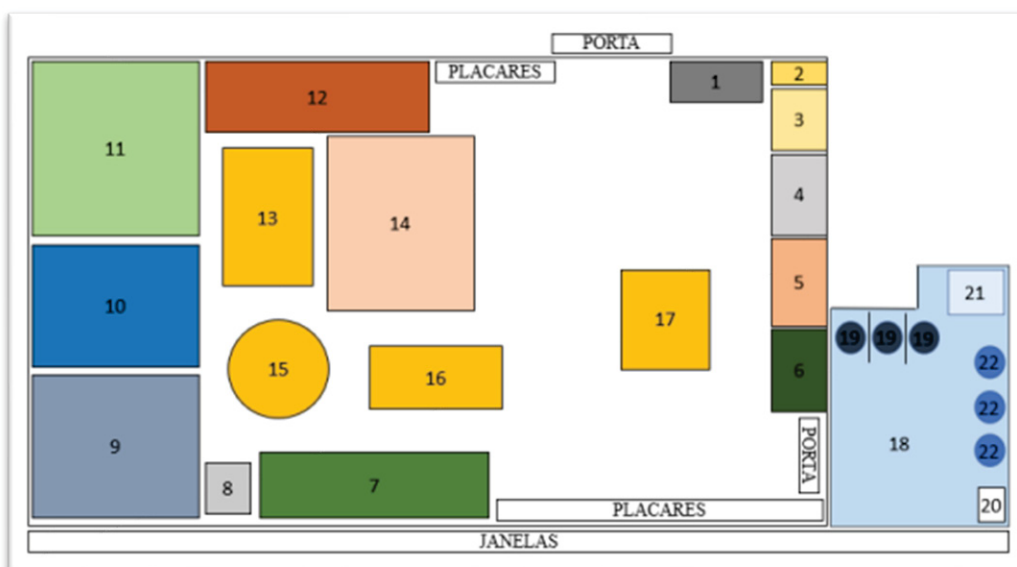
O recreio da escola oferecia um campo de futebol, um quadro de ardósia para escrita ao ar livre, escorregas, uma casa das bonecas, vários troncos de madeira e alguns jogos tradicionais pintados no chão.

### **2.1.3. Caracterização da sala de atividades e rotinas do grupo**

A sala de atividades da Educação Pré-Escolar onde decorreu o Estágio Pedagógico I era ampla, tendo capacidade para receber o número de crianças que a frequentavam. Situava-se no piso 0, tal como já foi referenciado, anteriormente. Neste piso, em frente à sala, era possível verificar a presença de cabides destinados a cada criança, complementados com bancos de madeira que auxiliavam a organização dos seus pertences, nomeadamente, mochilas, lancheiras e sapatos. Estes cabides estavam identificados com as fotografias e com os nomes das respetivas crianças, permitindo a leitura imagética de cada uma delas.

Relativamente à organização da sala, esta era organizada de acordo com o Movimento da Escola Moderna, dividindo-se em várias áreas e zonas: a Área da Expressão Plástica, a Área das plantas e animais (local onde se faziam as experiências), a Área da Escrita, a Área da Biblioteca, a Área da Casinha de “Faz-de-Conta”, a Área dos Jogos/Matemática, a Área dos fantoches, a zona do tapete e a zona do lavatório. Consideramos igualmente pertinente referir que, no decorrer do Estágio Pedagógico I, foi criada uma nova área, a “Recicloteca”, onde estavam presentes duas estantes com uma enorme diversidade de materiais recicláveis, utilizados em muitos dos trabalhos das crianças, principalmente no desenvolvimento de projetos.

Para facilitar a compreensão da forma como estava organizada a nossa sala de atividades partilhamos com o leitor uma planta da mesma (ver Figura 1).



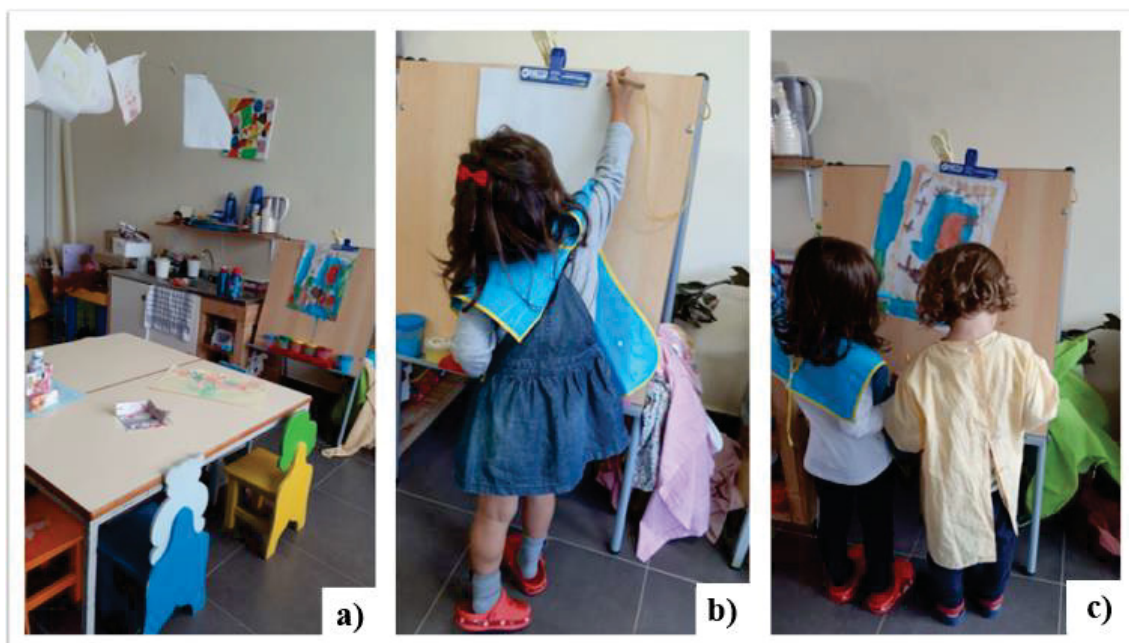
**Figura 1 – Planta da Sala de atividades**

- 1) Lixo; 2) Cesto com materiais (cartolina, papel de cenário, etc.);  
 3) Mesa dos “brinquedos de casa”; 4) Lavatório; 5) Área da Expressão Plástica;  
 6) Mesa das plantas e animais (Área das Experiências); 7) Área da Escrita (escritório);  
 8) Fantoches; 9) Área da Biblioteca; 10) Zona do conto; 11) Área da Casinha;  
 12) Área dos Jogos/Matemática; 13) Mesa da Área dos Jogos/Matemática; 14) Tapete;  
 15) Mesa dos projetos; 16) Mesa de apoio à Área da Escrita;  
 17) Mesa da Área da Expressão Plástica; 18) Casa de banho da sala de Educação Pré-Escolar;  
 19) Vasos sanitários; 20) Papel para limpar as mãos; 21) Duche; 22) Lavatórios.

Na **Área da Expressão Plástica** (17) as crianças, a partir da exploração de diversos materiais e técnicas, podiam realizar diversas atividades. Além de um lavatório de apoio, tínhamos um cavalete para a pintura e uma mesa que poderia servir de auxílio para a exploração de atividades desta área. Mais do que tudo, nesta área o objetivo principal e fulcral era que as crianças se desenvolvessem e melhorassem as suas capacidades expressivas e criativas. Deste modo, com este espaço, eram oferecidas as condições adequadas para a utilização de materiais diferentes para que a criança alargasse a sua imaginação e criatividade, de modo a possibilitar diferentes combinações e representações do mundo aos seus olhos (Silva et al., 2016, p. 51).

Um aspeto curioso que verificávamos nesta área, era o facto de as crianças estarem sensibilizadas ao reaproveitamento de cargas de marcadores que deixavam de escrever, que transformavam em aguarelas. É ainda de notar que as crianças, autonomamente, quando se apercebiam que determinado marcador deixava de funcionar, direcionavam-se para esta área, e no frasco respetivo depositavam a carga do marcador, com água, para resultar assim em aguarela. Este grupo sempre foi sensibilizado ao reaproveitamento de materiais. Como nos é dado a perceber através da Figura que se segue, esta área era

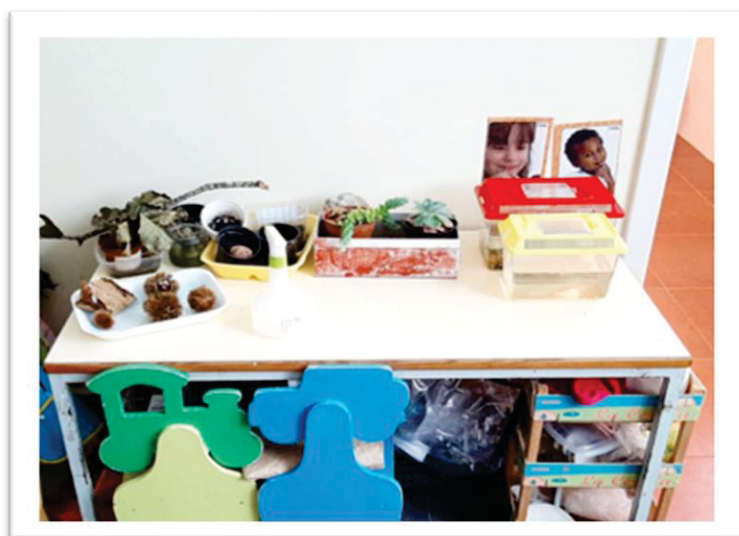
bastante frequentada e apreciada pelas crianças, principalmente no que se referia à técnica da pintura (ver Figura 2).



**Figura 2 – Área da Expressão Plástica**

- a) Zona da Expressão Plástica;
- b) Criança a devolver técnica de pintura;
- c) Crianças a desenvolver a técnica de pintura.

Na **Área das plantas e animais** (local onde se faziam as experiências) (6) estavam presentes dois aquários com peixes e algumas plantas. Esta era uma área que dependia da supervisão das crianças, que eram responsabilizadas, semanalmente, pela sua manutenção. Era a elas que cabia a tarefa de cuidar dos animais e das plantas que lá existiam. Na figura que se segue damos conta desta realidade (ver Figura 3).



**Figura 3 – Zona das plantas e animais**

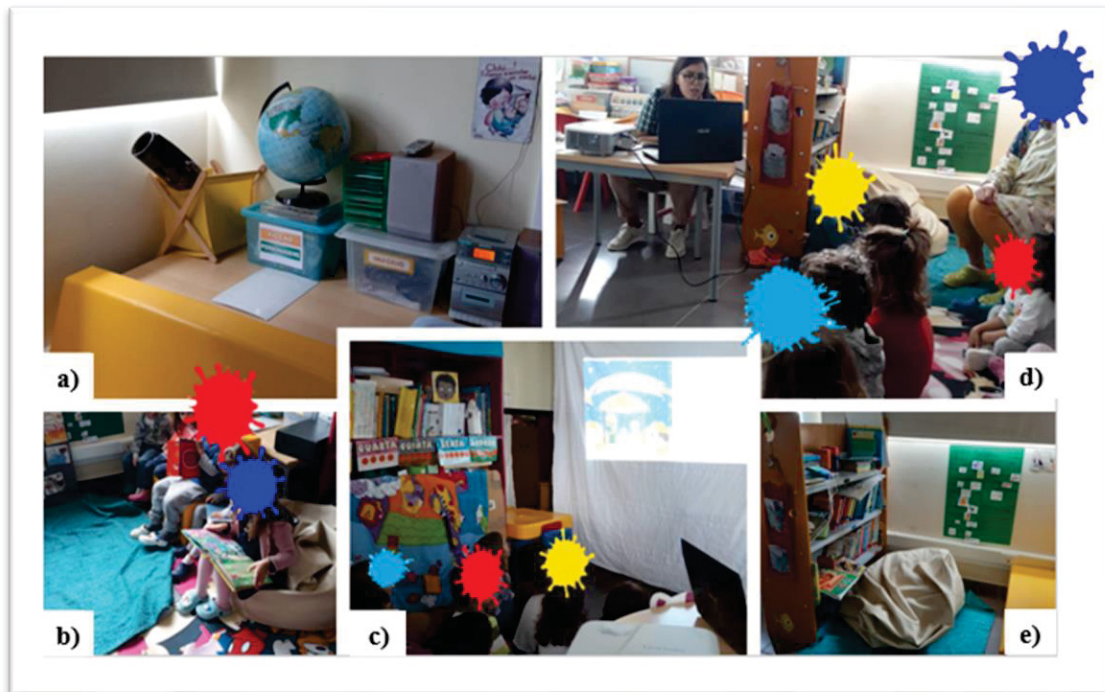
Quanto à **Área da Escrita** (7), na generalidade, era a mais frequentada pelas crianças com 4/5 anos. Esta oferecia a possibilidade de iniciarem a escrita, tal como se depreende das imagens que se seguem (ver Figura 4).



**Figura 4 – Área da Escrita**

**a)** Criança a iniciar a escrita; **b)** Zona da Escrita.

Relativamente à **Área da Biblioteca** (9), esta oferecia uma grande diversidade de livros, que englobavam diferentes temas, oferecidos pela comunidade e organizados pelas próprias crianças. Em cada livro era possível notar a presença de uma fita com uma cor destinada à prateleira da biblioteca a que estes pertenciam. Podíamos encontrar desde livros de histórias, de Matemática, até dicionários e enciclopédias. Com esta variedade de temas era possível às crianças desenvolverem aprendizagens nos mais variados assuntos. Esta área ajudava a complementar a pesquisa no contexto do desenvolvimento de projetos. Era também nesta zona que se desenvolvia a hora do conto, a audição de músicas ou outras atividades que englobassem temas próximos desta área. Neste local, as crianças podiam estimular o gosto pelos livros, desenvolver a sua imaginação, desenvolver a leitura imagética e desenvolver o seu vocabulário. No mosaico que se segue, partilhamos alguns dos registos fotográficos que recolhemos na área em questão (ver Figura 5).



**Figura 5 – Área da Biblioteca**

- a)** Zona com rádio e leitor de CDs com conteúdos variados; **b)** Crianças a explorarem a área; **c)** Hora do Conto, dinamicada através da visualização de uma história projetada; **d)** Hora do Conto, dinamicada com a audição de uma história; **e)** Zona dos livros.

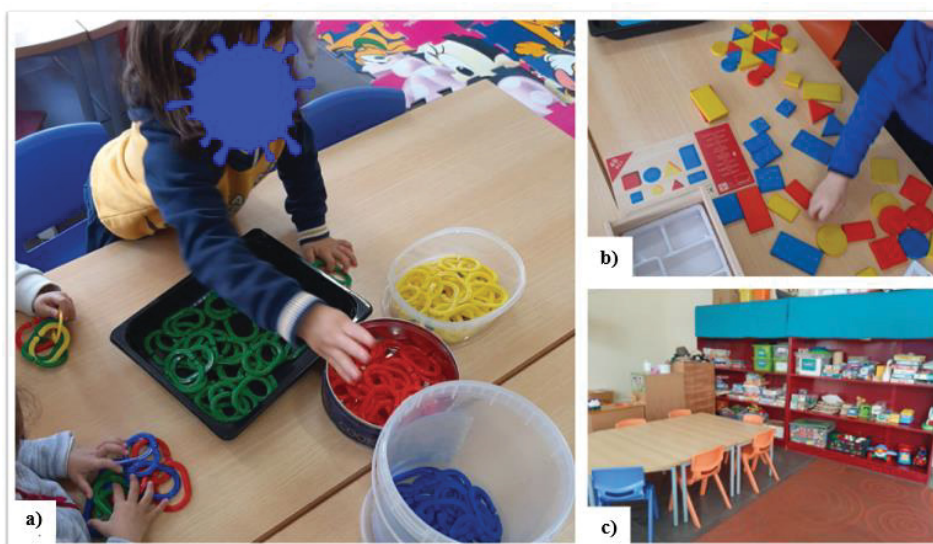
No que diz respeito à **Área da Casinha** (11), esta era a zona onde se desenrolava o jogo de “Faz-de-Conta”. Era uma das áreas preferidas das crianças. Estava apetrechada com utensílios de cozinha, uma mesa, uma cama, um lava-loiça, um fogão, armários com roupas, um espelho, chapéus e outros adereços que convidavam à representação do que ia na imaginação das crianças do grupo, tal como se pretende ilustrar na Figura que se segue (ver Figura 6).



**Figura 6 – Área da Casinha**

- a)** Armários e lava-loiça; **b)** Mesa, fogão, espelho e cama.

A **Área dos Jogos/Matemática** (12), frequentada com mais frequência, estava preparada com uma vasta quantidade de jogos, que contribuíam para o desenvolvimento das crianças neste domínio. Aqui as crianças podiam contar com jogos de enfiamento, de encaixe, tangrans, puzzles, entre outros. Para complementar a área, e facilitar a exploração dos materiais disponibilizados na mesma, o grupo tinha disponível uma mesa, que também era requisitada para outros tipos de trabalhos, em grande grupo, relacionados com a Matemática, mas também com outras atividades nas mais diversas áreas. Era uma área muito próxima do tapete pelo que disponibilizava uma estante com jogos e outros brinquedos que as crianças poderiam utilizar neste espaço em momentos de brincadeira livre. Assim sendo, neste espaço era possível desenvolver a capacidade de construir, enfiar e encaixar, permitindo desenvolver a motricidade fina e aumentar a concentração. No mosaico que se segue procuramos ilustrar algumas das suas potencialidades (ver Figura 7).



**Figura 7 – Área dos Jogos/Matemática**

- a) Criança a desenvolver atividades na mesa complementar;
- b) Criança a desenvolver uma atividade com o tangram, na mesa complementar;
- c) Zona dos Jogos/Matemática.

A **Área dos fantoches** (ver Figura 8), tal como se mostra na figura que apresentamos de seguida (ver Figura 8), continha variados fantoches, permitindo às crianças a exploração dos mesmos com ou sem ao fantocheiro, também disponível na sala.



**Figura 8** – Área dos Fantoches

Destacamos que cada uma das áreas descritas estava bem equipada com recursos materiais e equipamentos necessários e complementares às necessidades do grupo. Como exemplo disso, a sala também estava equipada com um outro compartimento, que contribuía não só para a gestão do tempo do grupo, como também para a autonomia de cada criança. Referimo-nos de uma instalação sanitária, utilizada apenas pelas crianças deste grupo. Este espaço era anexo à sala e estava bem equipado, dando uma resposta adequada à faixa etária das crianças.

No que diz respeito à **rotina do grupo**, começamos por partilhar que, antes de cada criança entrar na sala, era convidada a trocar de calçado. O calçado usado na sala era diferente daquele que se utilizava no exterior, não só para evitar o desgaste do pavimento da escola, mas também para um melhor conforto, visto que as crianças, na sua grande maioria, calçavam sandálias de borracha. Após esta troca, as crianças organizavam-se em fila, ao pé da porta, e entravam na sala para se dar início às atividades, mais precisamente às 9 horas. No tapete, era então iniciado o acolhimento. Neste momento, as crianças eram questionadas quanto ao dia da semana em que se encontravam e faziam a sua identificação no respetivo instrumento, associando-o ao respetivo dia da semana. Posteriormente, cantavam a canção do bom dia, na qual era também identificado o dia da semana em que se encontravam. Se já estivesse presente todo o grupo, os

responsáveis por esta tarefa davam início à contagem das crianças, anotando-se no quadro respetivo, o número de presenças e de faltas. De seguida, e com o apoio do dispositivo pedagógico *diário semanal*, as crianças, com a orientação, planificavam o seu trabalho, propondo atividades diárias e projetos semanais. Por último, e com inscrição autónoma das crianças num quadro, previamente preparado pela educadora ou estagiárias, estas mostravam ou contavam algo sobre o que traziam consigo ou simplesmente falavam sobre outro assunto que queriam partilhar, dialogando com o grupo. É de notar que em cada segunda-feira era feita a distribuição das tarefas semanais, cabendo a cada criança uma das tarefas presentes neste material de apoio. Desta forma, todas as outras tarefas que eram realizadas fora do momento do acolhimento teriam de ser concretizadas ao longo do dia, preferencialmente da parte de manhã. No mosaico que se segue procuramos ilustrar alguns dos dispositivos utilizados nesta rotina (ver Figura 9).



**Figura 9 – Dispositivos pedagógicos**

- a)** Dias da Semana; **b)** Mostrar/ Contar e Escrever;  
**c)** Diário semanal e registos diários;  
**d)** Mapa de tarefas.

Após o acolhimento, que durava cerca de 30 minutos, realizava-se o trabalho autónomo, que poderia resultar dos interesses pessoais de cada criança ou pela orientação da educadora ou estagiária, no momento do acolhimento. Este teria uma duração de aproximadamente 45 minutos, visto que às 10 horas e 30 minutos as crianças dirigiam-se

para o lanche da manhã. É de salientar que antes de se dirigirem para o piso inferior, em comboio, as crianças retiravam o lanche das suas mochilas ou levavam consigo a lancheira e encaminhavam-se, escada abaixo, com orientação. À medida que cada criança terminava, autonomamente, organizava o seu espaço, limpando o mesmo e colocando o que é devido no lixo ou na reciclagem, consoante a situação. É de salientar que depois de se organizarem no refeitório dirigiam-se ao piso 0 para mudar de calçado e deslocarem-se para o recreio.

Às 11 horas, após o momento do recreio, as crianças voltavam a trocar o calçado e dirigiam-se à sala para darem continuidade ao que estavam a fazer, anteriormente. Pelas 11 horas e 30 minutos, algumas das crianças, que já apresentavam noção do tempo e das horas começavam a arrumar as áreas incentivando a restantes crianças a fazerem o mesmo. No caso de não realizarem autonomamente a arrumação a educadora ou estagiária chamavam a sua atenção e davam as devidas indicações.

Depois, de organizada a sala de atividades, dirigiam-se ao tapete e, em grande grupo, dava-se lugar às comunicações que não eram nada mais do que a partilha de trabalhos desenvolvidos durante a manhã. É de realçar que, para comunicarem, era necessária uma inscrição prévia no quadro respetivo. Quase todas as crianças, autonomamente, no decorrer da manhã, inscreviam-se caso quisessem comunicar algum trabalho, projeto ou descoberta. Para além disso, neste momento, caso não existisse comunicações, podíamos aproveitar dialogar com o grupo no sentido de chamar a atenção para algum comportamento menos adequado ou reforçar algum aspeto que queríamos que o grupo fosse interiorizando.

No mosaico que se segue partilhamos um desses momentos de comunicação ao grupo (ver Figura 10).



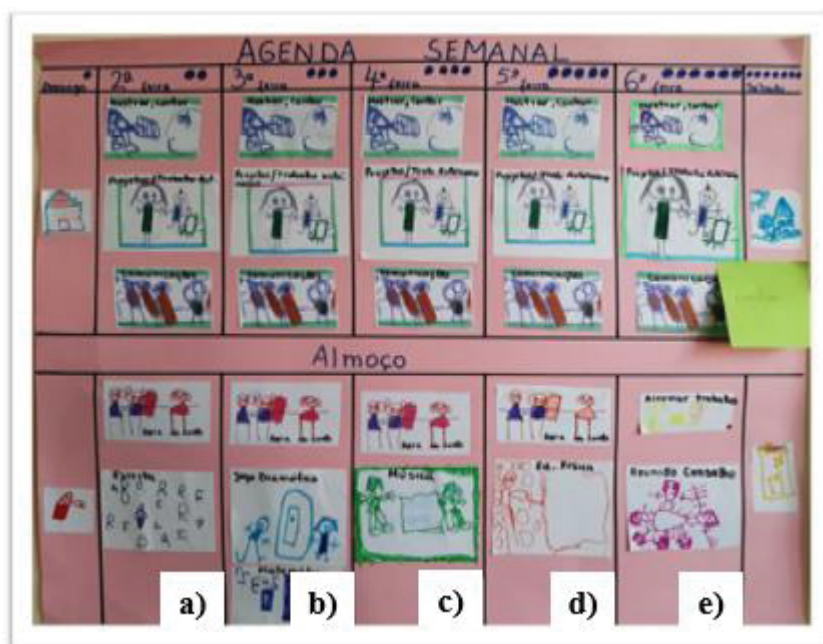
**Figura 10 – Momento das comunicações**

- a)** Mapa das comunicações; **b)** Comunicação sobre o painel do outono;  
**c)** Comunicação sobre um desenho;  
**d)** Comunicação de um recurso didático de matemática;  
**e)** Exemplo de um dos animais.

Por volta das 12 horas a educadora ou a estagiária, tal como acontecia no lanche da manhã, orientava, em comboio, os alunos para o refeitório. Neste espaço, e depois de estarem nos seus devidos lugares, a educadora ou estagiária, com a ajuda de voluntários e assistentes operacionais, auxiliavam nas refeições. À semelhança do ocorrido no período da manhã, quando terminavam a refeição, limpavam e organizavam o seu espaço, colocando os utensílios e restantes materiais nos respetivos ecopontos ou recipientes, seguindo para o piso 0 para mudarem de calçado e se dirigirem para o exterior, para usufruírem de um momento de descontração e brincadeira com as restantes crianças da escola, sempre supervisionados pelas assistentes operacionais, denominadas nesta escola de “educadores(as)”.

Às 13 horas e 30 minutos, as crianças regressavam à sala, dirigiam-se para a área da biblioteca e deitavam-se cada uma com a sua almofada, na zona destinada para o conto. Neste momento, colocávamos uma música tranquila para que as crianças descansassem e se acalmassem. Depois de calmas, líamos uma história, ou trazida por alguma das crianças ou escolhida da nossa biblioteca. É de notar que a educadora sugeria que se lessem os livros da biblioteca para que as crianças conhecessem o que tinham na sala e para que conseguissem, pelo menos, fazer uma leitura imagética dos mesmos, caso viessem a explorar tais histórias mais tarde a título individual.

É de notar que o momento de descanso nesta zona deixou de existir ao longo do nosso percurso no estágio, pois não se justificava. De seguida, as crianças dirigiam-se para as mesas ou para o tapete, ou para outro espaço qualquer, conforme a atividade proposta para o final da tarde. É de notar que em cada dia da semana, e após a hora do conto, estava reservada a tarde para o trabalho em grande grupo, mais precisamente, para a exploração de uma área do currículo. Particularmente, os últimos 45 minutos da segunda-feira estavam destinados à escrita, da terça-feira ao jogo dramático e à matemática, na quarta-feira à música, na quinta-feira à educação-física e na sexta-feira para a reunião de concelho. É importante destacar que o grupo tinha o privilégio de ter um professor de música à quarta-feira, que explorava canções, lengalengas, danças de roda e outras atividades, sempre muito participadas pelas crianças. Na figura que se segue, partilhamos com o leitor a nossa agenda semanal (ver Figura 11).



**Figura 11** – Agenda semanal

- a) Escrita; b) Jogo Dramático/Matemática;
- c) Música; d) Educação Físico-Motora;
- e) Reunião de concelho.

As 15 horas eram a hora saída. Após a rotina de ida à casa-de-banho, as crianças colocavam-se em fila junto à porta da sala, recebendo um pão e uma fruta, se almoçassem na escola, e seguiam para os cabides para trocarem de calçado e encaminharem-se para o piso inferior, para o ATL. É de notar que algumas crianças iam embora com os pais e outras ficavam a aguardar o transporte sentadas ao pé do seu cabide.

Toda a informação aqui disposta resultou da ação e observação da prática educativa desenvolvida na instituição que nos acolheu, do diálogo com a educadora cooperante, de registos fotográficos e de registos do nosso diário de bordo.

#### **2.1.4. Caracterização do grupo**

O grupo era constituído por dezoito crianças, sendo que nove eram do sexo feminino e nove do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. É de salientar que seis destas crianças frequentavam o jardim-de-infância pela primeira vez. Neste grupo, nenhuma das crianças estava referenciada com Necessidades Educativa Especiais (NEE).

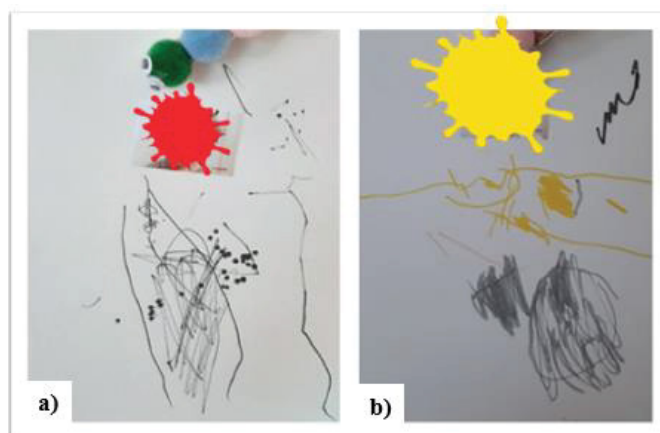
Tendo em consideração as diferentes áreas de conteúdo, começaremos por fazer uma primeira apresentação do grupo, apoiada nas caracterizações individuais das crianças, apontando determinadas capacidades e dificuldades identificadas.

Na **área de Formação Pessoal e Social**, o grupo, de uma maneira geral, respeitava os colegas nos momentos de comunicação. Neste contexto, verificámos que se em algum momento perturbavam o grupo, não respeitando as outras crianças e mantendo conversas paralelas com os seus pares, era porque o momento ou a atividade se estendia e não se conseguiam concentrar. Para além disso, algumas crianças mostravam dificuldades em partilhar brinquedos, provocando conflitos entre elas por esse motivo.

Na **área de expressão e comunicação**, especificamente no **domínio das habilidades motoras**, na generalidade, as crianças não apresentavam dificuldades na realização dos movimentos fundamentais (andar, saltar, correr). No entanto, na manipulação de materiais, como papel e tesoura, alguns deles ainda não conseguiam, mostrando algumas dificuldades quanto ao domínio da motricidade fina. É de salientar que, para além do que foi referido, foi possível caracterizar as crianças ao nível da Educação Físico-Motora, apresentado assim, desenvolvimentos adequados às idades predominantes.

Quanto ao **domínio das expressões artísticas**, nomeadamente ao nível das **Artes Visuais**, começamos por destacar o registo gráfico das crianças quanto à etapa em que se encontrava o seu desenvolvimento gráfico. Desta forma, na **etapa da garatuja desordenada** era possível identificar três crianças (duas do sexo masculino, de três, e quatro anos, respetivamente, e uma do sexo feminino, com três anos), que apresentavam um registo gráfico com as características predominantes da primeira etapa deste estágio.

Desta forma, foi possível verificar-se riscos sem controle motor, mexendo o corpo todo, segurando o lápis com a palma da mão e executando movimentos de vai e vem. Na Figura que se segue ilustramos esta realidade (ver Figura 12).



**Figura 12 – Etapa da garatuja desordenada**

- a)** Criança do sexo masculino (3 anos);
- b)** Criança do sexo feminino (3 anos).

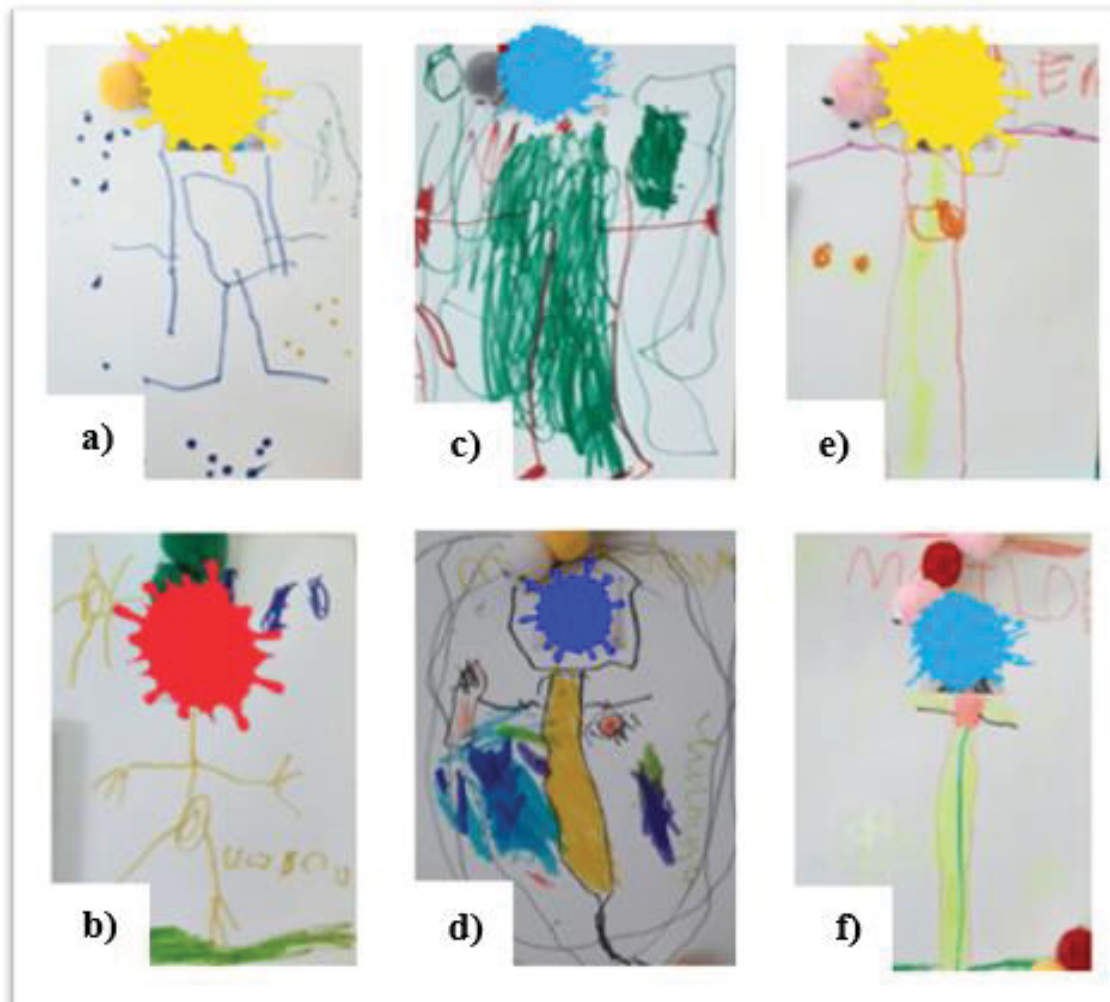
Quanto, à **etapa da garatuja ordenada**, encontravam-se duas crianças do sexo masculino e uma do sexo feminino, todas com quatro anos de idade. Nesta Etapa, as crianças olham para o que fazem, controlam o tamanho, a forma e a localização, respeitando os limites do suporte e apresentam círculos, fruto do ato de rodar o pulso que passam a conseguir realizar. Nas imagens que se seguem apresentamos alguns exemplos de desenhos desta etapa da garatuja (ver Figura 13).



**Figura 13 – Etapa da garatuja ordenada**

- a)** Criança do sexo masculino (4 anos);
- b)** Criança do sexo masculino (4 anos);
- c)** Criança do sexo feminino (4 anos).

No que respeita à **etapa da garatuja nomeada/identificada**, três crianças do sexo masculino e três do sexo feminino apresentavam características deste estágio, com presença da representação, melhor distribuição e apresentação inicial da forma humana. As idades destas crianças eram de cinco anos.

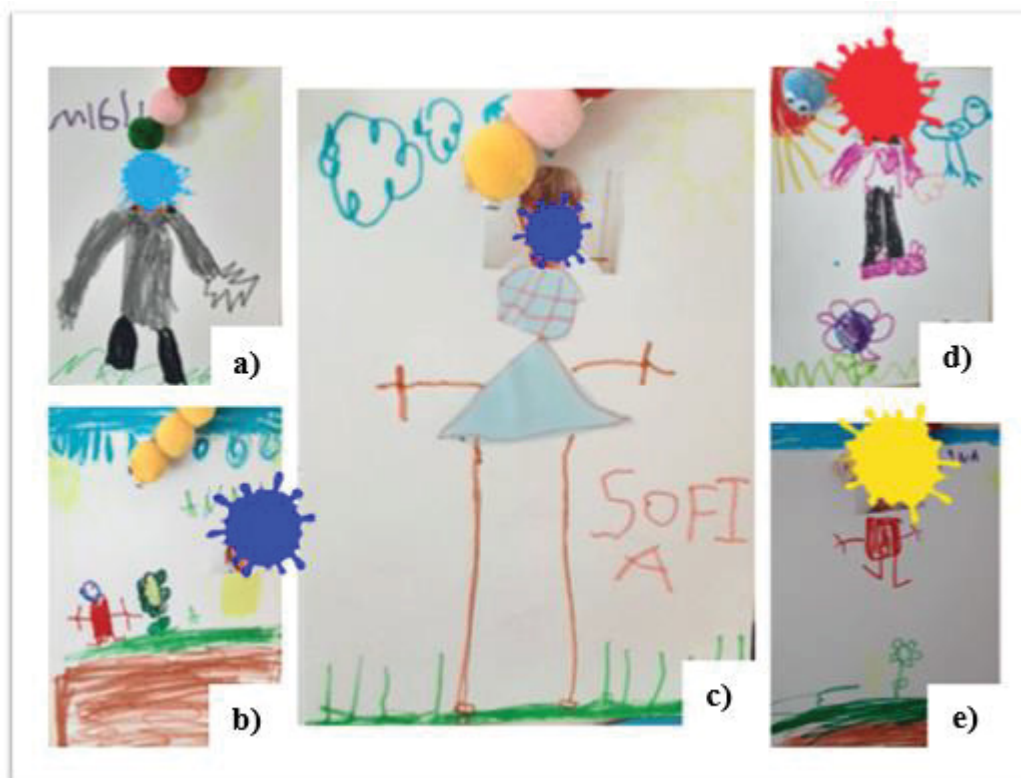


**Figura 14** – Etapa da garatuja nomeada

- a)** Criança do sexo masculino (3 anos); **b)** Criança do sexo masculino (4 anos);  
**c)** Criança do sexo masculino (4 anos); **d)** Criança do sexo masculino (4 anos);  
**e)** Criança do sexo feminino (3 anos).

Por fim, foi possível confirmar seis crianças de quatro e cinco anos, particularmente, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com características gráficas no desenho com marcas do **estádio pré-esquemática**. Deste modo, nos registos destas crianças fomos encontrando uma evolução dos movimentos circulares,

representação definida, reconhecendo a figura humana, respeitando os limites do suporte, onde desenhavam (ver Figura 15).



**Figura 15** – Etapa pré – esquemática

- a) Criança do sexo masculino (4 anos); b) Criança do sexo feminino (5 anos);  
c) Criança do sexo feminino (5 anos); d) Criança do sexo feminino (5 anos);  
e) Criança do sexo feminino (5 anos).

É de notar que pudemos verificar, quanto às idades e etapas em que se encontravam as crianças, o estado de desenvolvimento gráfico de cada uma delas, no entanto, segundo Victor Loweneld (1954), as etapas do grafismo poderão não se relacionar com as idades, pois se a criança não receber os estímulos necessários no período correto, poderá não se desenvolver. Desta forma, é importante que se criem as condições e os ambientes adequados, para que estas explorem os suportes e técnicas necessários, para evoluir graficamente (Medeiros, 2017).

Relativamente ao nível da **expressão dramática**, este era explorado pelo grupo através do “faz-de-conta”, nomeadamente, na área da casinha ou no tapete, recorrendo aos brinquedos que podiam ser explorados nesta área.

No que diz respeito ao **domínio da linguagem oral e abordagem à escrita** realçamos a capacidade do grupo de ouvir histórias, de ter satisfação ao fazê-lo e, em alguns casos, questionar-se sobre elas. Para além disso, havia crianças que se apercebiam

do sentido de escrita e eram capazes de escrever o seu nome. No entanto, havia uma criança que em algumas situações não era capaz de reconhecer o sentido de escrita.

Para além deste aspeto, verificava-se alguma complexidade em vários elementos do grupo, na construção de frases e de utilização de vocabulário novo. Neste domínio, encontrámos também problemas associados à oralidade de algumas crianças, no que se refere a relatar acontecimentos com clareza ou acompanhar o seu pensamento expondo-se na oralidade.

Acerca do **domínio da Matemática**, as crianças identificavam alguns números associando-os à quantidade. No caso de outras crianças, reconheciam formas geométricas e conseguiam elaborar padrões que representavam através de cores, desenhos e sons. Havia também crianças que apresentavam dificuldades na identificação dos números.

Na **área do Conhecimento do Mundo**, encontrámos crianças que participavam na implementação de projetos, que eram elas próprias a propor, planificando-os e selecionando, com o apoio da educadora ou estagiária, informação relevante para partilharem com os seus colegas. Para além disso, havia crianças que mostravam interesse na exploração da natureza.

É de notar que esta caracterização teve em conta os diálogos com a educadora cooperante, a observação direta e a caracterização individual das crianças, que foi sendo complementada ao longo dos dias e que ia sendo preenchida com informação nova, sempre que necessário.

## **2.2. Ação Educativa no Contexto da Educação Pré-Escolar**

Após a caracterização dos contextos referentes à prática pedagógica que decorreu ao longo do Estágio Pedagógico I, realizado em contexto da Educação Pré-Escolar, há que nos centrarmos na ação educativa do mesmo. Neste sentido, reuniremos um conjunto de atividades planificadas e implementadas ao longo das intervenções, que serão analisadas e refletidas, com base no quadro seguinte. Este, por sua vez, destaca as áreas, os domínios e os subdomínios convocados nas diversas atividades, bem como as datas da concretização das mesmas. Importa referir que foi estabelecido um código de cores, sendo que, para cada uma delas, os tons mais escuros referem-se às áreas, domínios e subdomínios predominantes nas várias atividades e os tons mais claros refletem as ocasiões em que as mesmas foram igualmente convocadas, mas não se assumiram como áreas foco do trabalho desenvolvido. Sinalizámos a verde o conjunto de atividades que,

estando diretamente relacionadas com o tema que decidimos explorar neste Relatório, serão aprofundadas, com mais detalhe, um pouco mais adiante.

**Quadro 1 – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I**

Calendarização das Atividades			Áreas / Domínios / Subdomínios de conteúdo								
			Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Domínio de Expressão e Comunicação					Artes Visuais	dramatização
Educação Física	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática			Subdomínio da Expressão e Comunicação						
Intervenção	Data	Descrição da atividade									
1.ª Intervenção	21 de outubro	A1	Mola Minhoca								
		A2	A música e os padrões								
	22 de outubro	A3	Cartão de aniversário								
		A4	Gráfico dos aniversários								
	23 de outubro	A5	Dobragens de chapéus								
		A6	História “É bom ser pequenino”								
2.ª Intervenção	4 de novembro	A7	Inventário da casinha								
		A8	História “A magia da estrela do outono”								
		A9	Convite para a Iniciação (1.º e 2.º anos)								
	5 de novembro	A10	História “A galinha ruiva”								
		A11	Conjuntos								
	6 de novembro	A12	Estampagem de folhas								
3.ª Intervenção	25 de novembro	A13	Pintura de folhas								
		A14	Construção de pés de milho								
		A15	História “Procura e descobre números”								
		A16	Nomes de árvores e dos respectivos frutos								
	26 de novembro	A17	Ilustração dos animais da história “Procura e descobre números”								
		A18	Jogo “A manta”								
		A19	Reportagem radiográfica								
		A20	Dramatização do conto “Ainda nada”								



O Quadro 1 reúne todo o percurso realizado durante o Estágio Pedagógico I, em contexto da Educação Pré-Escolar, no qual foram efetuadas 56 atividades, que promoveram um desenvolvimento de competências nas diferentes áreas, domínios e subdomínios de conteúdo. De maneira a facilitar a interpretação do quadro, selecionámos uma cor para cada área/domínio/subdomínio de conteúdo, presentes nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE), documento que norteou a nossa prática pedagógica.

Após uma apresentação global do quadro síntese das atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar, bem como uma breve explicação da sua forma de interpretação, torna-se relevante apresentar o seu conteúdo, por forma a clarificar a exploração realizada em cada uma das intervenções.

A **primeira intervenção** ocorreu entre os dias 21 a 23 de outubro, sendo realizada em conjunto com o nosso par pedagógico. Nesta primeira intervenção sentíamo-nos um pouco inseguras, não só por ser a nossa primeira intervenção, mas especialmente pelo facto de a educadora titular do grupo seguir o Movimento da Escola Moderna (MEM), algo novo para nós. Focando-nos nas atividades desta primeira intervenção, no dia 21 de outubro foram realizadas duas atividades foco, nomeadamente, a elaboração de uma “*Mola minhoca*” (A1), enquadrando-se no domínio da Expressão e Comunicação, mais concretamente, no subdomínio das Artes Visuais. No que diz respeito à segunda atividade, realizamos *um jogo* no tapete que interligava a Música e a Matemática, associando os padrões e as sequências, conteúdos destas duas áreas (A2). No dia 22, desenvolveu-se uma atividade ligada ao subdomínio das Artes Visuais (A3), na qual foi proposto às crianças que realizassem um *cartão* referente ao dia do seu aniversário. Esta atividade estaria ligada com a atividade A1, pois com o recurso à mola, iríamos prender este cartão no mapa dos aniversários. No que se refere à atividade A4, no tapete, exploramos a Matemática através dos cartões de aniversário. Através de um diálogo, em grande grupo, com auxílio dos *cartões dos aniversários*, formamos um gráfico com os cartões de forma a perceber quais os meses que tinham mais crianças a realizar o seu aniversário. No dia seguinte, concretizamos duas atividades (A5 e A6). Com recurso ao subdomínio das artes visuais, mais concretamente à técnica da dobragem, as crianças construíram *chapéus* (A5). Da parte da tarde explorámos uma história, com 5 personagens, com recurso a um fantoche de luva (A6), uma opção metodológica que funcionava como rotina quando contávamos histórias.

A **segunda intervenção** foi desenvolvida individualmente e realizada entre os dias 4 e 6 de novembro. Começámos por fazer um inventário (A7) de uma das áreas da sala. É importante referir que para esta atividade foi uma vez mais convocado o subdomínio das Artes Visuais e a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a fim de realizarmos, posteriormente, uma leitura imagética para se identificar o que se encontrava nesta área. Na hora do conto e uma vez que explorávamos sempre uma história neste momento, a atividade selecionada foi a *exploração de um conto alusivo ao outono* (A8). Antes desta exploração, foi lançada uma adivinha para que as crianças chegassem ao tema principal da história. Esta história para além de aludir à estação do outono, também valorizava a amizade e os seus valores. A história foi visualizada com o recurso ao retroprojetor. Na atividade desenvolvida de seguida, foi desenvolvido um trabalho da área da escrita com recurso às artes visuais, nomeadamente à técnica do desenho. Desta forma, em coletivo, foi proposto às crianças que realizassem um *convite* dirigido à sala do 1.º e 2.º anos (A9). No dia 5 de novembro, realizamos outras atividades relacionadas com a Linguagem Oral e Abordagem Escrita e complementadas pela Formação Pessoal e Social. Na hora do conto, exploramos através da visualização de um vídeo a história intitulada “*A galinha ruiva*” (A10). Esta escolha, deveu-se ao facto de, na atividade seguinte, se utilizar o milho como material de apoio. Mais uma vez, antes de dar início à visualização do vídeo, utilizámos uma adivinha para que as crianças descobrissem a palavra milho. Uma vez que o final da história não é muito positivo, pois a galinha rejeita a participação dos outros animais no lanche por estes não terem ajudado a semear o milho, foi possível tirar várias conclusões através das observações das crianças. Para além da introdução do milho, as fases da sementeira, da sua colheita e a da sua confeção, também exploramos valores apresentados na história como a interajuda e a verdade. Tal como nos dizem as Orientações Curriculares para este nível de ensino, é na relação com o que as rodeia que será possível às crianças aprender “a atribuir valor aos seus comportamentos e atitudes e aos dos outros, reconhecendo e respeitando valores que são diferentes dos seus” (Silva et al., 2016).

Logo depois, e visto que a introdução desta história funcionou como mote à atividade seguinte, em grande grupo, fizemos a exploração do milho realçando as diferentes cores do mesmo (A11). Finda esta exposição, numa primeira fase, fizemos *conjuntos* com o milho da mesma cor, com o objetivo de se identificar o conjunto com maior quantidade. Esta atividade da área da Matemática possibilitou às crianças a exploração do milho para a concretização de conjuntos com maior e menor quantidade.

Para além disso, e depois do conceito de quantidade estar bem consolidado através dos símbolos da Matemática de mais e de menos, explorámos, uma mais uma vez, os conjuntos. No dia seguinte, elaborámos *estampagens de folhas* num suporte coletivo (tela) e quanto à atividade (A12). Recorrendo às cores alusivas ao outono, identificadas inicialmente pelas crianças, em pequeno grupo, efetuámos a pintura das folhas numa tela com recurso à técnica da estampagem.

Na **terceira intervenção**, realizada uma vez mais individualmente, desenvolveu-se um conjunto de atividades encadeadas com as que haviam sido realizadas nos dias anteriores. Começámos por realizar folhas de árvores para completar um trabalho anterior, desenvolvido pela educadora titular (A13). Depois disso, passámos à *construção de pés de milho* para complementar as maçarocas que haviam produzido na semana anterior, com recurso a materiais da “Recicloteca” (A14). Ao realizar-se esta atividade surgiu a ideia de complementarmos a tela da atividade A12, formando assim um painel do outono. Com este trabalho, podemos dizer que nos focamos, no geral, no subdomínio das Artes Visuais. Tendo em conta o painel no seu todo, pudemos perceber que a criança, ao contatar com diferentes abordagens técnicas como a pintura, a estampagem, o desenho, a escultura, e outras, para além de desenvolver a visão e o tato, puderam explorar também outros sentidos (Silva et al., 2016, p. 49).

A atividade que se seguiu centrou-se na exploração da história “*Procura e Descobre Números*” (A15). É importante salientar que esta escolha surgiu porque iríamos explorar um material didático a ela associado. Após a exploração da história, as crianças encaminharam-se para a mesa grande para concretizar a tarde da escrita (A16). Esta atividade coletiva baseou-se na *construção de pequenos cartões com nomes de árvores e dos frutos* delas provenientes. No dia 26 de novembro, foi possível desenvolver três atividades (A17, A18 e a A19). Na primeira fizeram-se os desenhos das personagens da história explorada no dia anterior, na segunda dinamizou-se o jogo “*A manta*”, que permitiu explorar a capacidade de memorização das crianças e a terceira, realizada já ao início da tarde, baseou-se numa *reportagem radiográfica* explorada na hora do conto. Para finalizar o dia, recontamos a história “*Ainda Nada*”, já contada pela nossa colega numa intervenção anterior, com vista à sua dramatização (A20) que foi desenvolvida com recurso a adereços da Área da casinha,

Ainda sobre a terceira intervenção, no dia 27 de novembro, foi possível implementar mais três atividades: a *elaboração de um desenho*, a oferecer a uma criança que iria ser submetida a uma cirurgia (A21), a *conclusão do painel do outono* (A22) e,

para concluir o dia, a leitura e *exploração de um poema*, durante a hora do conto (A23), alusivo ao trabalho realizado ao longo daquela intervenção. No dia seguinte, fez-se um *inventário da “Recicloteca”* (A24) e explorou-se um momento dedicado à Educação Física (A25), aproveitando as canções que acompanham as rotinas da sala. Para finalizar a semana, realizámos uma visita de estudo à comunidade envolvente da escola (A26). Dirigimo-nos aos correios, para enviarmos os desenhos para o menino que havia sido operado e, muito prontamente, fomos recebidos pelos funcionários daquela instituição que explicaram todos os procedimentos que eram necessários realizar para enviarmos uma carta. Exploraram-se conteúdos da área da Matemática, como a pesagem, o pagamento e a recolha do troco, sendo que as crianças perceberam com facilidade a quantidade de dinheiro que entregaram ao funcionário bem como o troco que teriam de receber. De seguida, dirigimo-nos à igreja e, ao som das badaladas do sino, as crianças perceberam que horas eram e quanto tempo teríamos para visitar o local. Mais uma vez, através de uma situação do nosso quotidiano, foi possível trabalhar Matemática. Dentro da igreja, ainda houve tempo para explorarmos uma bancada com velas que funcionava com recurso a moedas. Explorado o espaço da igreja, dirigimo-nos para a moagem. O funcionário explicou-nos todas as funcionalidades deste espaço, e as crianças tiveram oportunidade de ver e mexer no milho, na farinha e no farelo que lá se encontravam. Para além de visualizarem um espaço que nos tempos de hoje já é raro de se encontrar, puderam através do tato explorar as diferentes texturas. E como havia sobrado dinheiro dos Correios e das velas da igreja, comprou-se alguma farinha porque surgiu a ideia de fazermos bolachas. Para encher a farinha utilizou-se a *quarta*, instrumento de medida utilizado no local. Esta saída da escola foi muito gratificante para as crianças, pois visualizam contextos do quotidiano da nossa comunidade, alguns deles já bastante raros nos dias que correm.

A **quarta intervenção** foi implementada individualmente, entre os dias 2 e 4 de dezembro. No primeiro dia foram implementadas três atividades (A27, A28 e A29). A primeira baseou-se numa *sementeira de milho e de ervilhaca* pelas crianças (A27) e na segunda explorou-se a história intitulada “*O melhor Natal de Sempre*” (A28). A este respeito, realçamos que proporcionar momentos de leitura de histórias e de diálogo, permite desenvolver nas crianças competências no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. De acordo com Silva et al., 2016, estes momentos de comunicação em que o/a educador/a fala e se exprime, em simultâneo com as crianças, constituem um modelo para a interação e para a sua aprendizagem, em especial pelas questões e

reformulações feitas pelo/a educador/a, que podem contribuir para a expansão do vocabulário e do domínio de frases mais complexas. Tal como em situações passadas, decidimos projetar a história em causa pois o entusiasmo, a atenção e a dedicação das crianças aumentava consideravelmente neste momento e tirava-se maior partido desta experiência. Esta história funcionou também como inspiração para a decoração de uma árvore de Natal, atividade desenvolvida de seguida com o recurso a materiais disponíveis na “Recicloteca”, sendo que as crianças perceberam que é possível decorar sem recorrer a materiais caros e sofisticados, utilizando apenas materiais existentes na nossa sala.

De seguida, explorámos um *recurso didático* (A29) que permitiu o envolvimento das crianças na sua construção, aspeto que realçamos como muito positivo. Com este recurso foi possível trabalhar os números até dez, recorrendo ao abstrato, ao pictórico e ao concreto, explorando conteúdos da área da Matemática. Esta atividade foi muito relevante para nós, pois permitiu-nos verificar aprendizagens no domínio da Matemática, pois “[m]uitas vezes as crianças aprendem a recitar a sequência numérica, sem, no entanto, terem o sentido de número” (Silva et al., 2016).

No dia 3 de dezembro, e numa parceria com uma escola de outro concelho, foi possível trazer à nossa escola um grupo de crianças para um animado *convívio* (A30). Desta forma, uma das atividades propostas pelas crianças seria a visita guiada pela nossa horta e pela quinta com o intuito de mostrar os animais que lá existiam. Esta visita serviu de mote à atividade que realizamos de seguida, que convocou o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o subdomínio das Artes Visuais através de um registo gráfico que ilustrasse um momento marcante deste intercâmbio (A31). No dia seguinte, realizamos bolachas com o apoio de uma mãe (A32) e visitamos a *Expolab* (A33). No contexto da primeira atividade, depois de lermos as receitas e verificarmos quais os ingredientes necessários, recorriámos às crianças para efetuarmos a preparação da receita. Destacamos os conteúdos da área da Matemática convocados nesta atividade, na medição das quantidades de ingredientes, bem como as Artes Visuais, pois para amassarem a massa e darem forma aos biscoitos e às bolachas, as crianças convocaram a técnica da modelagem. A segunda atividade desenvolvida neste dia desenvolveu-se com base num convite de outro Encarregado de Educação que é funcionário daquela instituição. Houve a possibilidade do grupo se deslocar à Lagoa para desenvolver um conjunto de atividades e conhecer o espaço. Segundo orientação dos funcionários fizemos uma visita guiada pelo local, tirando partido das exposições temáticas disponíveis e realizámos uma experiência no laboratório que envolveu cores e fascinou todas as crianças. Estas experiências foram

muito ricas pois permitiram que cada uma das crianças explorasse e ficasse a conhecer o espaço onde trabalha a equipa que se deslocava à nossa escola todos os meses para efetuar uma experiência com o grupo.

No que se refere à **quinta intervenção**, realizada entre os dias 9 e 11 de dezembro, podemos destacar que, tal como nos dias anteriores, desenvolveram-se atividades que foram ao encontro das necessidades do grupo. Nesta semana, em geral, as atividades desenvolveram-se em parceria com a nossa colega de estágio e centraram-se na época natalícia.

No primeiro dia foram desenvolvidas três atividades (A34, A35 e A36). A primeira atividade baseou-se na *decoreção de um frasco de vidro*, que serviu de recipiente para se guardarem as bolachas que o grupo havia confeccionado na semana anterior e a segunda desenvolveu-se durante hora do conto, através da exploração do conto “*Um Natal muito especial*”. Para dar continuidade ao conteúdo explorado no conto, decidimos que a atividade seguinte seria a *representação da família de cada criança* (A36), através do desenho. Esta atividade serviu de mote à atividade realizada no dia seguinte, a *elaboração de um postal de Natal* com recurso a materiais da “Recicloteca” que integrou o desenho realizado anteriormente. Uma vez mais, demos liberdade de expressão a cada criança, possibilitando a imaginação de cada um ao realizar um postal alusivo a esta época (A37). Ainda durante este dia, exploramos, na hora do conto, outro conto alusivo ao Natal. O conto escolhido foi “*Uma árvore de Natal muito especial*” (A38) e, mais uma vez, utilizámos o projetor para mostrar e explorar a história. É de destacar que esta exploração desencadeou intervenções muito importantes, pois o conto levou-nos ao tema da desflorestação.

No último dia desta intervenção, durante o acolhimento, mostrámos um *recurso didático*, alusivo ao Natal, que foi explorado pelas crianças durante o momento de trabalho autónomo e englobou as quatro áreas de conhecimento (A39).

Já na reta final do nosso estágio pedagógico, a nossa sexta intervenção, que decorreu durante uma semana, permitiu-nos desenvolver uma panóplia de atividades. Começámos por elaborar um *conjunto de separadores* com recurso a uma técnica de expressão plástica, baseada na pintura com bolhas de sabão (A40). A atividade que se seguiu, explorada durante a hora do conto, foi dedicada à letra S (A41) e inspirou-se numa história adaptada de um vídeo do *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=H07nLL-IWyA>). A exploração da história funcionou como ponto de partida para a atividade desenvolvida durante a tarde, alusiva ao mesmo tema. À volta da mesa grande o grupo

realizou uma *lista de palavras* começadas pela letra S (A42). Uma vez que nesta instituição é implementado pedagógico do MEM, e visto que uma das crianças havia apontado este interesse no diário semanal, optámos por realizá-la.

No dia seguinte, desenvolvemos na parte da manhã uma atividade que estabeleceu uma conexão entre a Linguagem oral e Abordagem à Escrita e as Artes Visuais (A43). No momento do “mostrar, contar e escrever”, foram anotadas em folhas as novidades de duas crianças, para que realizassem um trabalho de escrita, mais concretamente, a *cópia do texto e a sua ilustração*. Em simultâneo a esta atividade, outras crianças desenvolveram o seu *registro gráfico do seu corpo* (A44). Visto que a agenda daquela tarde previa a exploração do domínio da Matemática, aproveitámos a hora do conto para explorar as formas geométricas através da história “*A Quadradinha*” (A45). Nesta atividade recorremos a sombras chinesas e, depois de concluída a história, por forma a verificar se as crianças tinham compreendido quais as formas geométricas exploradas, explorámos *adivinhas* (A46). Logo depois, distribuiu-se a cada uma delas uma folha branca A4 e pedimos que realizassem uma *composição com as formas geométricas* disponíveis (A47).

No dia seguinte, explorámos um *recurso didático* no momento do trabalho autónomo, na mesa de apoio à biblioteca. Este recurso explorava a área do Conhecimento do Mundo através de uma roleta com as fotografias de cada uma das crianças e um dado complementar que continha diferentes categorias. Em pequeno grupo com 4/5 crianças de cada vez, uma delas rolava a roleta e aguardava que lhe saísse fotografia de um dos seus colegas. De seguida, lançava o dado e, conforme a categoria (cor dos olhos, forma do cabelo, cor/descrição do vestuário...), dava a respetiva resposta. Em geral, a atividade centrava-se na área do conhecimento do mundo, no entanto, complementava-se com outras áreas. Neste sentido, ao tomar consciência de si e dos seus pares, explorando aspetos físicos ou comportamentais, a criança conhece elementos de quem a rodeia, realçando aspetos físicos, sociais ou culturais, podendo identificar algumas semelhanças e diferenças em comparação com os outros (Silva et al., 2016).

A atividade que se seguiu baseou-se na *visualização de um vídeo* sobre a história “Os Músicos de Bremen” (A49). Deste momento podemos adiantar que o vídeo não foi uma boa escolha. Apesar de ser muito apelativo, era um pouco rápido e percebemos mais tarde, aquando da sua exploração, que algumas crianças não tinham percebido o seu conteúdo. Partindo deste pressuposto, decidimos então fazer um reconto do mesmo para ajudar na sua perceção, sendo que as crianças tiveram ainda oportunidade de o dramatizar.

O momento que se seguiu foi dedicado à Música (A50). As crianças sentaram-se em roda, nas cadeiras, à volta do tapete, e foi explorada as canções “peixinho vermelho” e “o carro do meu chefe”, com base em diferentes dinâmicas e metodologias. De seguida, e para introduzir as pautas não convencionais, elemento mencionado nas Orientações Curriculares para este nível de ensino, com recurso a uma folha branca, desenhámos uma mão, um pé e uma viola, código que foi utilizado pelas crianças para reproduzir os sons desejados. Para além disso, também introduzimos a pausa, á qual também fizemos corresponder um gesto diferente. Ao pedirmos que batessem palmas verificávamos se paravam a tempo e se usavam bem o gesto quando representavam a pausa. Neste contexto, e num momento curto, foi possível explorar com recurso ao desenho, conteúdos da do subdomínio da Música.

No dia seguinte, foi proposta a realização de um *questionário*, por grupos, que nos ajudou na recolha de alguns dados que nos interessava aprofundar no contexto deste trabalho. No momento de trabalho autónomo que se seguiu, foi sugerido que algumas crianças efetuassem uma *planificação* de uma aula de Educação Físico-Motora (A52), como forma de prepararem a atividade que se seguiu (A53), na qual foi convocado este domínio. No campo, realizámos um aquecimento e o grupo foi dividido em dois. A atividade planificada, consistia na realização de um jogo onde cada grupo teria de passar uma bola por todos os elementos sem a deixar cair. Quando a bola caísse tinha de voltar para o aluno inicial. Se a bola passasse por todos, o último aluno lançava de forma a fazer com que a bola passasse por entre um arco, que estava preso na baliza do campo. Quando acertavam era entregue à equipa uma estrela que era colocada num saco e a equipa ia conquistando pontos. Para que não fosse sempre o mesmo aluno a lançar a bola para o arco, quando este lançava, caso acertasse ou não, pegava na bola e ia para o último lugar da fila, iniciando uma nova sequência. Salientamos que esta atividade foi feita pelas duas equipas em simultâneo e motivada por um registo no diário semanal em que uma das crianças partilhou que gostava de encestar bolas. Deste modo, foi possível desenvolver-se aspetos quanto ao domínio motor e perceber se as crianças cumpriam, ou não, as regras ou indicações das atividades propostas, cooperando sempre com os seus pares para o sucesso, na sua realização (Silva et al., 2016).

Por fim, em relação ao último dia da intervenção individual desta semana intensiva, desenvolvemos com o grupo um conjunto de atividades (A54, A55 e A56). A primeira atividade consistiu na *exploração de jogos matemáticos* no computador (A54). No que se refere à segunda atividade, esta centrou-se na *exploração de blocos lógicos*,

com os quais se realizou uma composição, na mesa direcionada para a domínio da Matemática. Uma vez que a composição estava muito interessante sugerimos que a desenhassem numa folha. Esta atividade foi muito rica, pois possibilitou a representação de uma composição explorada e representada, através do material concreto e com recurso ao desenho.

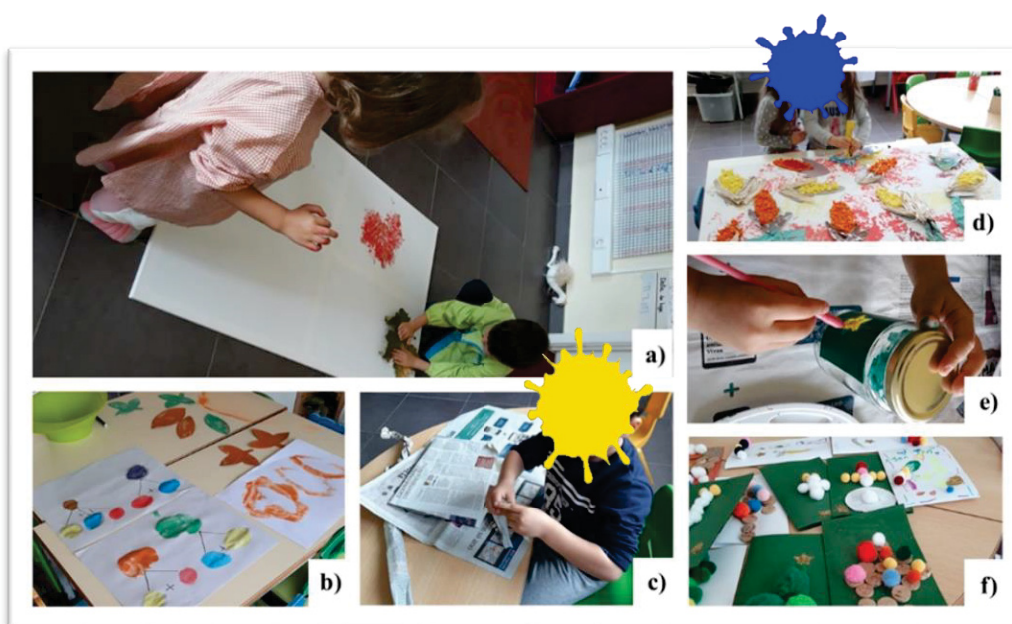
Em jeito de síntese, é importante referir que o balanço geral das atividades desenvolvidas foi muito positivo, uma vez que se proporcionou às crianças momentos cruciais para o seu sucesso educativo, permitindo sempre que os mais novos planificassem o seu trabalho, com a nossa orientação, alcançando o desenvolvimento no seu processo de ensino-aprendizagem. Além disso, foi ainda possível solucionar algumas dificuldades sentidas pelas crianças, no decorrer da ação educativa que desenvolvemos ao longo do estágio pedagógico.

### **2.2.1. Atividades que convocaram o subdomínio das Artes Visuais**

O subdomínio das Artes visuais integrado no domínio da Expressão e Comunicação é um aspeto que continuaremos a desenvolver e aprofundar ao longo deste Capítulo, pois foi considerado um recurso essencial na prática pedagógica desenvolvida ao longo do Estágio Pedagógico I. Por forma a cumprir tal objetivo, organizámos as atividades mais relevantes em três categorias distintas. Nesse sentido, abordaremos as atividades que convocaram as Artes Visuais em datas e quadras festivas (em especial o outono e o Natal), as que tiraram partido do desenho como forma de compreender e ilustrar o mundo, as que utilizaram as Artes Visuais em conexão com as outras áreas e, por fim, exploraremos aquelas em que as Artes Visuais foram utilizadas como recurso pedagógico. De seguida, serão apresentadas todas as atividades que convocaram cada uma destas categorias. Para cada uma das categorias em causa, será apresentado um quadro síntese com as respetivas atividades e um mosaico ilustrativo das mesmas. No quadro que se segue, começamos por apresentar a informação referente às atividades que se inspiraram em temas ou dias festivos (ver Quadro 2), logo seguido de um mosaico no qual procuramos ilustrar, na globalidade, alguns apontamentos das desenvolvidos no decurso de tal exploração (ver Figura 16).

**Quadro 2 – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais em temas e dias festivos (outono e Natal)**

Atividades	
A12	Estampagem com folhas
A13	Pintura de folhas
A14	Construção de pés de milho
A22	Conclusão do painel do outono
A34	Decoração de Natal num frasco
A37	Elaboração de um Postal de Natal



**Figura 16 – Artes Visuais temas e dias festivos**

- a) Estampagem com folhas (A12); b) Pintura de folhas (A13); c) Construção pés de milho (A14);  
d) Conclusão do painel de outono (A22); e) Decoração de Natal num frasco (A34);  
f) Elaboração de um postal de Natal (A37).

Enumeradas e ilustradas as atividades que recorreram às Artes Visuais no contexto da exploração de temas e dias festivos, no Quadro 2 e na Figura 16, interessa-nos aprofundar um pouco mais os contornos de cada uma delas, e descrevê-las com um pouco mais de pormenor, à luz do seu enquadramento pedagógico no Estágio I.

Relativamente à atividade de *estampagem de folhas* (A12), esta baseou-se numa pintura com recurso à técnica da estampagem, utilizando-se folhas, num suporte coletivo (tela). Recorrendo a cores com tons alusivos ao outono, identificadas primeiramente pelas crianças, em pequenos grupos, efetuámos a pintura da folha e a sua estampagem na tela, em local por elas escolhido. Foi muito interessante verificar que as crianças, ao estamparem as suas folhas, procuravam saber quem já tinha realizado a atividade com a

preocupação de estamparem a sua folha ao lado da de uma criança em específico. É importante realçar que a motivação das crianças foi uma realidade que acompanhou que acompanhou o desenvolvimento desta atividade, eventualmente por ser esta uma técnica de pintura menos explorada e que utilizou um suporte diferente do habitual.

No que diz respeito à atividade de *pintura de folhas* (A13) a mesma desenvolveu-se com o objetivo de complementar um trabalho anterior, desenvolvido pela Educadora titular. As crianças tiveram de pintar, com as tintas disponíveis na sala, as folhas com cores alusivas ao outono. Uma vez que na sala apenas estavam disponíveis as cores primárias, uma das crianças reparou que não existia a cor verde nem a cor castanha. Desta forma, e visto que se exigia que fossem criadas as cores em falta, com a nossa orientação, surgiu a experiência da mistura das cores primárias, para obter as cores secundárias de que necessitavam. Foi muito interessante de ver as expressões das crianças ao verificarem que a junção de duas cores específicas daria origem a novas cores. Com esta atividade acabou por surgir o mapa das cores, elaborado com as crianças, que não era nada mais do que um esquema base onde estavam representadas as cores primárias a misturar para que obtermos as cores secundárias.

Quanto à atividade de *construção de pés de milho* (A14), que decorreu em simultâneo com a atividade anterior e desenvolveu-se no momento de trabalho autónomo. As crianças construíram pés de milho para suportar as maçarocas que haviam construído na semana anterior com a Educadora. Como sabíamos que o pai de uma das crianças era agricultor, foi-lhe dada a palavra no sentido de partilhar com os colegas os conhecimentos que já tinha sobre o tema em questão e feito o pedido de ajuda na concretização desta atividade, que se afigurou muito interessante, pois a forma como estávamos a fazer o pé de milho não era, na sua opinião, a mais adequada, chegando mesmo a adiantar ele não queria que fizéssemos assim. No meio de alguns dos seus comentários realçamos afirmações como: “tu não percebes eu que sei”, ou “tem de levar mais folhas porque o milho tem muitas folhas... Tu não sabes!”. Identificado o conhecimento desta criança, foi dado espaço para que a mesma pudesse fazer o pé de milho à sua maneira e colaborar na construção dos pés de milho dos colegas. Nesta atividade, as crianças, recorreram a materiais da “recicloteca”, para concretizarem o previsto e o produto final serviu para se enriquecer o *painel do outono* (A22). Nesta atividade, as crianças decidiram a posição dos pés de milho e da respetiva maçaroca, colando cada um deles no sítio onde pretendiam, finalizando o painel e conjugando o mesmo com as restantes maçarocas de milho. Concluída a atividade foi possível verificar que a maioria das crianças deste grupo

tinha a capacidade de decidir e tomar decisões em parceria com os seus colegas. Este aspeto foi evidenciado na decisão da organização do painel. Apenas o grupo decidiu como iriam colar as maçarocas e os respetivos pés de milho, tendo todo o cuidado de não cobrir os seus nomes e o dos colegas que estariam presentes ao lado de cada estampagem de folha.

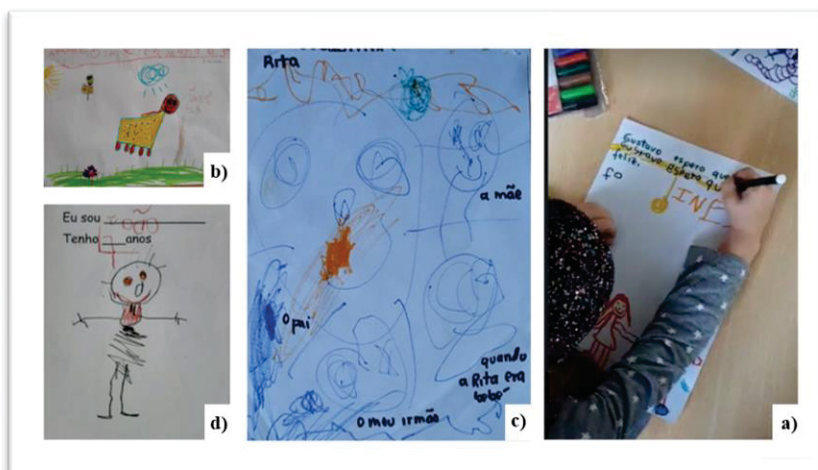
Relacionando o Natal com as atividades desenvolvidas no grupo, surgiu a atividade de *Decoração de Natal num frasco* (A34). Com recurso a um frasco de vidro que serviu de recipiente para guardar as bolachas que o grupo havia confeccionada na semana anterior, com tinta acrílica e recorrendo a *stencils* de símbolos do Natal feitos por nós, as crianças procederam à decoração dos seus frascos. É importante realçar que o grupo tinha toda a liberdade na decoração do frasco, pois não quisemos limitar nem restringir o trabalho a um modelo específico. Estandarizar determinada atividade não se enquadrava no modelo que estava a ser implementado neste grupo. Nesta atividade, ao nível do material, recorreremos ao frasco de vidro, à tinta acrílica, a pincéis/esponjas, *stencils* em folha autocolante e outros materiais que as crianças sugeriram.

Para finalizar as atividades desta categoria, realizámos a atividade A37, que também esteve relacionada com a época festiva mencionada anteriormente: o Natal. Nesta atividade as crianças elaboraram um *postal de Natal* com recurso a materiais da “recicloteca”. Uma vez mais, não limitámos ideias nem restringimos a elaboração do trabalho a um modelo. Demos a liberdade de expressão a cada criança, possibilitando a sua imaginação no sentido de realizarem um postal alusivo a esta época. A representação da família, através do desenho (atividade a ser mencionada na categoria seguinte) foi colada no interior deste postal.

Outro dos eixos de análise que elegemos no contexto desta apresentação e reflexão acerca da nossa ação educativa foi aquele que se prendeu com o lugar das Artes Visuais ao serviço do desenho, em momentos centrados no desenho. O Quadro e a Figura que se seguem procuram dar conta desta realidade (ver Quadro 3 e Figura 17).

**Quadro 3 – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas no Desenho como forma de Compreender e ilustrar o mundo**

Atividades	
A21	Desenho especial
A31	Registo de um desenho sobre o convívio
A36	Representação da família
A44	Registo gráfico do seu corpo



**Figura 17** – Desenho como forma de compreender o mundo

- a) Desenho especial (A21); b) Registo de um desenho sobre o convívio (A31);  
 c) Representação da família (A36); d) Registo do seu corpo (A44).

As atividades centradas no desenho como forma de compreender e ilustrar o mundo estão enunciadas no Quadro 3. No que diz respeito a estas atividades, podemos destacar que se centraram especificamente na representação de determinadas situações através da técnica do desenho. Neste sentido, passamos a descrever a forma como decorreram no contexto pedagógico do Estágio I.

Relativamente à atividade A21, esta consistiu na realização de um *desenho especial* dedicado a um colega que se encontrava em território nacional e que seria submetido a uma cirurgia. É de notar que nenhuma das crianças conhecia pessoalmente o colega em causa. A situação foi conversada durante o momento do acolhimento e surgiu a proposta de realizarmos o desenho para ser encaminhado para a criança. A ideia foi muito bem aceite por todo o grupo e as crianças, de forma livre e espontânea, foram pensando em mensagens pessoais para direcionar ao colega em causa. Para que ficasse registado o que cada um queria transmitir ao colega, foram escritas as mensagens individuais numa folha branca e encaminhadas as crianças para uma mesa onde realizaram um desenho, como complemento dessas mensagens, com materiais adequados para este registo, como lápis de cera e lápis de cor.

Convocando novamente a técnica do desenho, foi também realizado um registo relacionado com um convívio entre escolas (A31). O objetivo principal era o *registo de um momento marcante* vivenciado aquando da visita das crianças da escola visitante. Com acesso a marcadores, lápis de cor e lápis de cera, as crianças desenharam numa folha A4 o que os havia marcado de forma mais especial. Sempre que terminavam as suas

produções, verificávamos o registo e questionávamos a criança acerca do que havia representado.

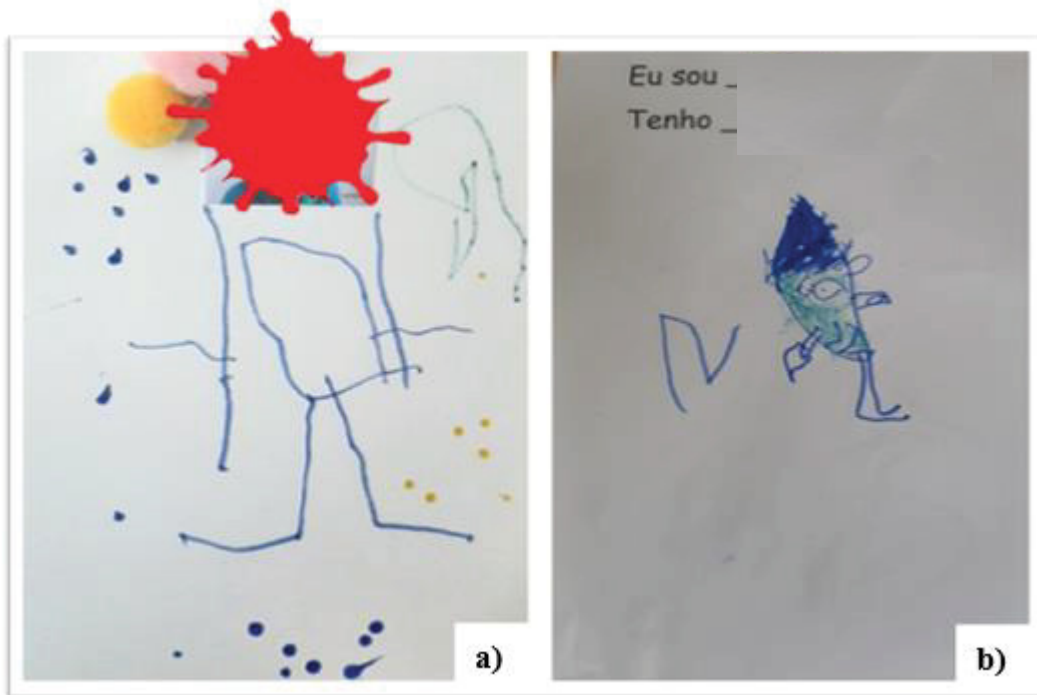
Para finalizar as atividades que inserimos neste eixo de análise, centramo-nos agora na atividade A44 na qual o desenho foi utilizado para ilustrar e representar o seu corpo. Desta forma, as crianças, no momento do trabalho autónomo, desenvolveram o *registo gráfico do seu retrato*. Com uma folha previamente preparada, propusemos que fizessem o registo, autonomamente, sem grandes instruções, para verificar mais tarde se o mesmo apresentaria evolução comparativamente ao registo efetuado no *cartão de aniversário* (A3). Através deste registo foi possível verificar uma evolução significativa da maior parte do grupo relativamente a registos gráficos realizados no início do semestre letivo. Neste contexto, partilhamos com o leitor alguns dos casos em que essa evolução foi mais notória (ver Figuras 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26).



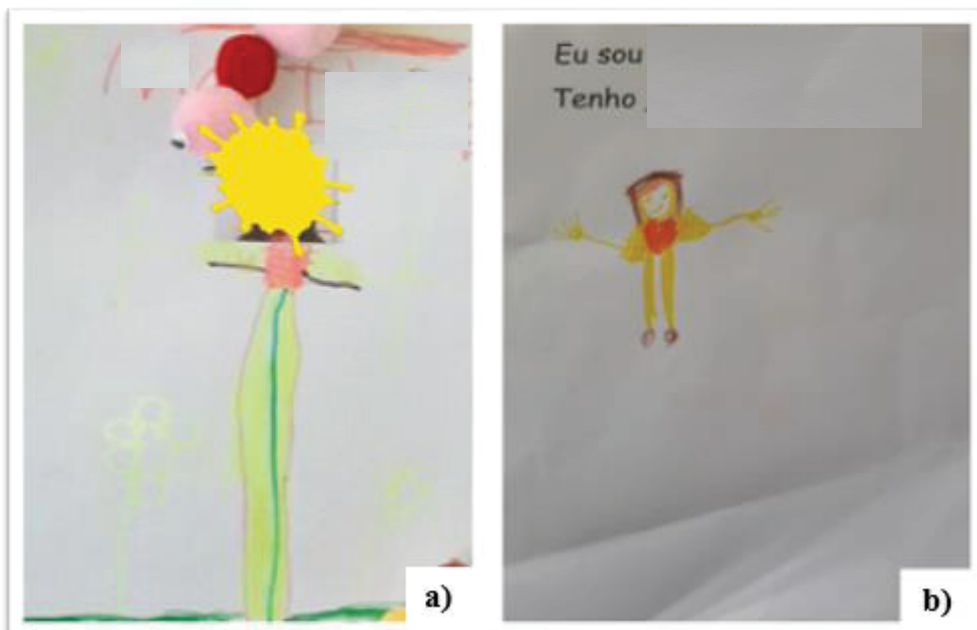
**Figura 18** – Evolução do desenho da criança A (menina, 5 anos)  
a) pré - esquemático; b) pré - esquemático em transição.



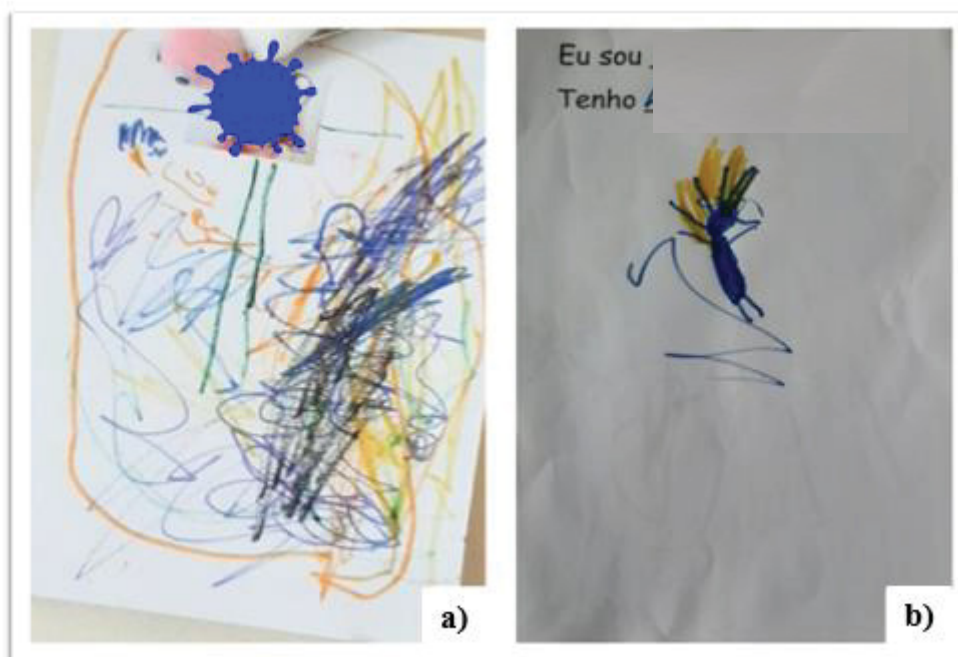
**Figura 19** – Evolução do desenho da criança B (menino, 4 anos)  
**a)** garatuja ordenada; **b)** pré - esquemático.



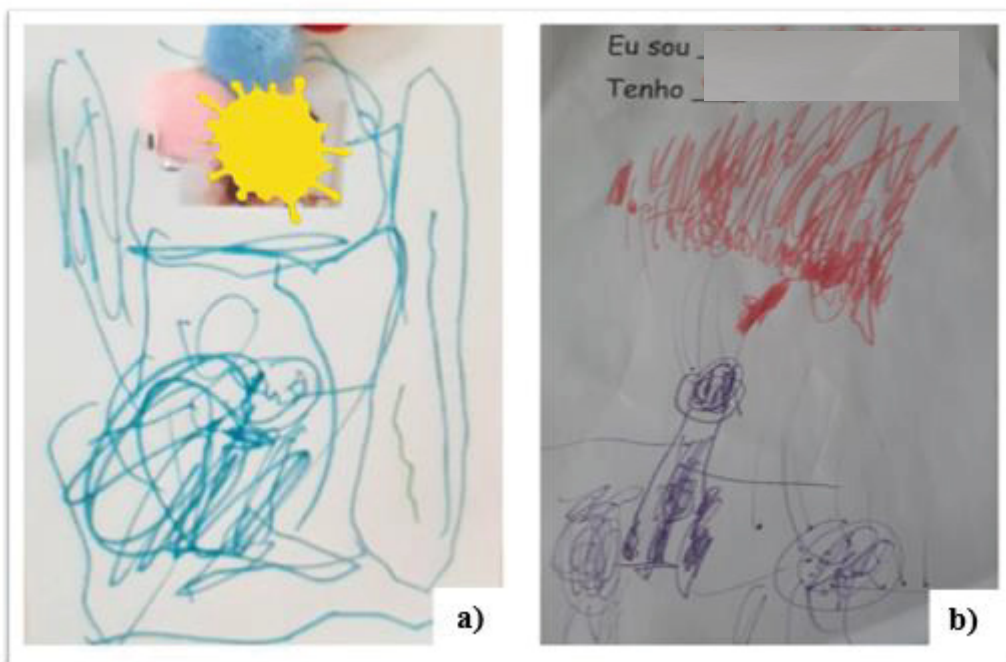
**Figura 20** – Evolução do desenho da criança C (menino, 4anos)  
**a)** garatuja nomeada; **b)** pré - esquemático.



**Figura 21** – Evolução do desenho da criança D (menina, 5 anos)  
 a) garatuja nomeada; b) pré - esquemático.

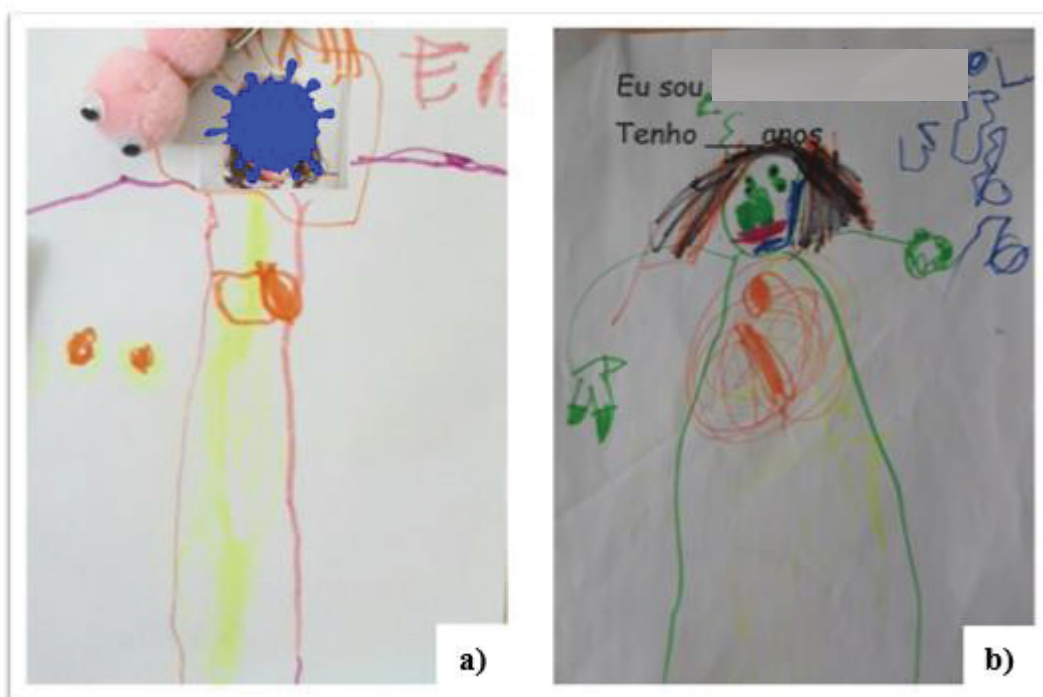


**Figura 22** – Evolução do desenho da criança E (menino, 3anos)  
 a) garatuja ordenada; b) garatuja nomeada.



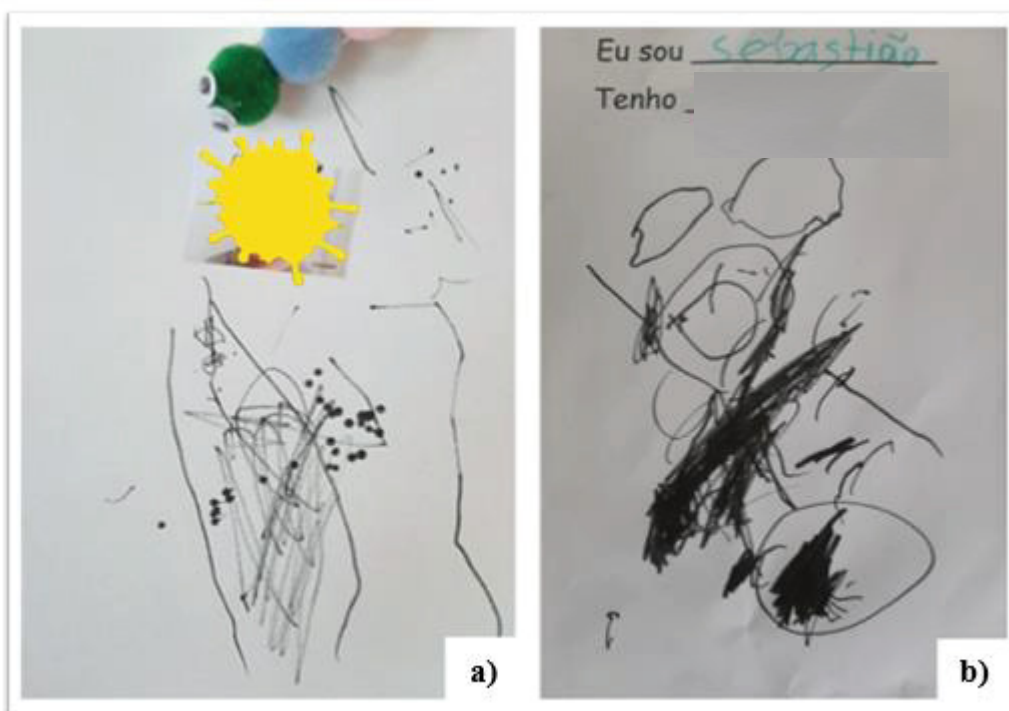
**Figura 23** – Evolução do desenho da criança F (menina, 4 anos)

a) garatuja ordenada b) garatuja nomeada.

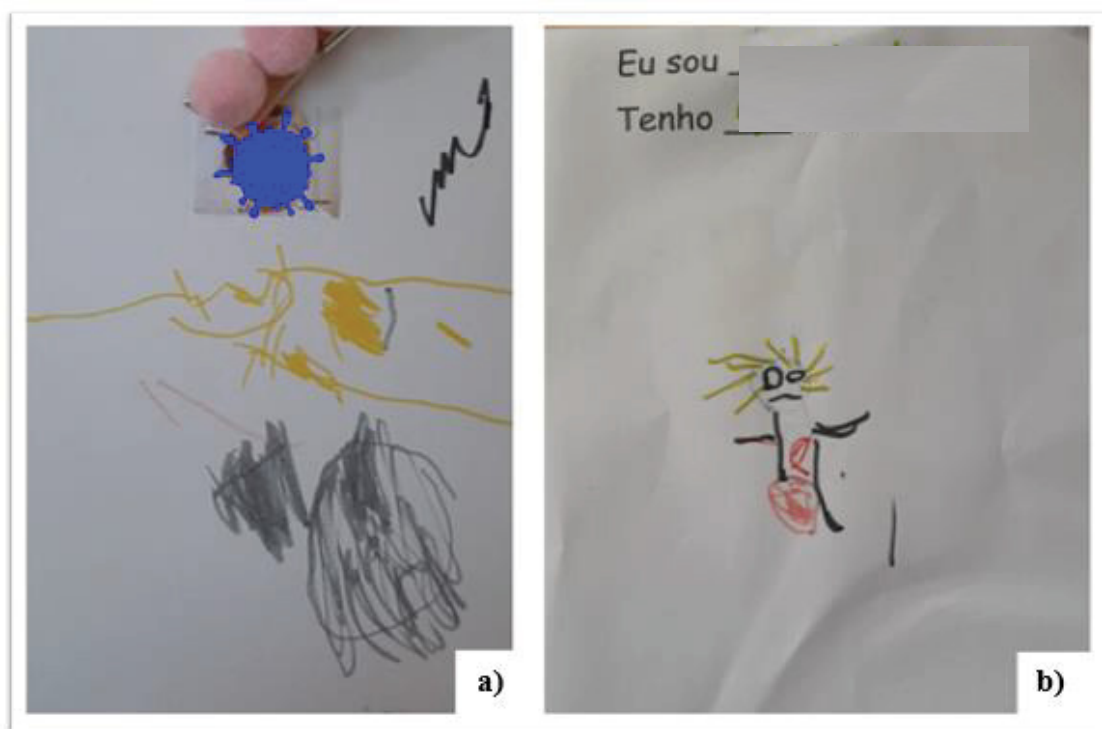


**Figura 24** – Evolução do desenho da Criança G (menina, 3 anos)

a) garatuja nomeada; b) pré - esquemático



**Figura 25** – Evolução do desenho da Criança H (menino, 3 anos)  
 a) garatuja desordenada; b) garatuja ordenada.



**Figura 26** – Evolução do desenho da Criança I (menina, 3 anos)  
 a) garatuja desordenada; b) garatuja nomeada.

Apresentados os contornos das atividades que convocaram a técnica do desenho e identificadas algumas manifestações do desenvolvimento gráfico verificado nas crianças do grupo que nos foi confiado, é chegada a altura de nos debruçarmos num novo eixo de análise da nossa ação educativa que abordará um conjunto de atividades que convocaram as Artes Visuais em conexão com outras áreas. No Quadro e no mosaico que se seguem enumeramos e ilustramos aquelas que mais se destacaram neste particular (ver Quadro 4 e Figura 27).

**Quadro 4 – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais em conexão com outras áreas**

Atividades	
A7	Inventário da casinha
A16	Construção de cartões com nomes de árvores e respetivos frutos
A24	Inventário da Recicloteca
A42	Lista de palavras com a letra S
A47	Composição com formas geométricas
A52	Planificação de uma aula de Educação Física
A56	Representação da composição com os blocos lógicos através do desenho



**Figura 27 – As Artes Visuais em conexão com outras áreas**

- a) Inventário da casinha (A7);
- b) Construção de cartões com nomes de árvores e seus frutos (A16);
- c) Inventário da Recicloteca (A24); d) Lista de palavras com a letra S (A42);
- e) Composição com formas geométricas (A47); f) Planificação de uma atividade Motora (A52);
- g) representação da composição com blocos lógicos através do desenho (A45).

No contexto das atividades em causa, começamos por debruçar-nos na atividade A7 que se centrou na *elaboração do inventário* de uma das áreas da sala de atividades. Neste contexto, as crianças, com a nossa orientação, realizaram o inventário da casinha. Nesta atividade foram explorados o desenho e a linguagem oral e abordagem à escrita. Desta forma, relacionámos um trabalho de escrita com recurso a um pictograma. Depois de realizarmos uma lista com os materiais que se encontravam na casinha, as crianças, elaboraram os respetivos desenhos, para que, mais tarde, fosse possível realizar uma leitura imagética e se perceber o que se encontrava nesta área. No desenvolvimento desta atividade, recorremos a uma cartolina e a material de desenho e pintura (marcadores, lápis de cor, lápis de cera...) utilizados para pintar e para escrever os nomes, e a vários papeis brancos de diferentes tamanhos onde foram desenhados os materiais.

No que se refere à atividade coletiva A16, as crianças construíram *cartões com nomes de árvores e respetivos frutos*, em cartões de formato A5, reforçados com cartão de caixas de cereais. O nome do fruto ou o nome da árvore era escrito em rodapé e os respetivos desenhos ocupavam a parte central da folha. É de notar que esta atividade resultou num registo diferente dos que as crianças estavam habituadas a realizar na tarde da escrita e, além disso, em diálogo com o grupo, acordámos que estes cartões iriam para o cantinho da escrita, onde serviriam de recurso, sempre que alguma criança precisasse de copiar ou relembrar como se escrevia determinada palavra. Nesta atividade, focamo-nos no domínio das Artes Visuais, nomeadamente na técnica do desenho, que funcionou como recurso do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Mais uma vez foi possível verificar que a conexão entre o desenho e as palavras permitiu que as crianças, mais tarde, realizassem uma leitura imagética.

Sobre a atividade em que realizámos o *inventário da recicloteca* (A24), esta enquadrou-se nas condições da atividade anterior, no entanto, e uma vez que estávamos a focar-nos em outra área da sala, encaminhamo-nos para a mesa que dava apoio a esta área, para facilitar o desenvolvimento da atividade. Nesta atividade contámos novamente com uma cartolina, materiais de registo, como lápis de cor e de cera, marcadores e pedaços de papel branco, em diversos tamanhos. É importante reportar que, com recurso às observações das crianças, escrevíamos os nomes dos materiais que diziam e, em simultâneo, cada uma delas efetuava um desenho do material enunciado. Realçamos que estas atividades se assumiram como bastante ricas, pois a conexão estabelecida entre a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o subdomínio das Artes Visuais complementam-se de forma bastante eficaz. Mais tarde, as crianças foram capazes de

efetuar uma leitura pictórica/imagética do material que se encontrava naquele espaço da sala de atividades.

Outra atividade que desenvolvemos no contexto deste eixo de análise foi a elaboração de uma *lista de palavras com a letra S* (A42), atividade que surgiu com base na exploração de uma história, explorada na hora do conto, através de uma gravação, realizada por nós previamente. Depois de escutarem a história em causa, as crianças, encaminhadas para a mesa de apoio ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em grande grupo e com a nossa orientação, realizaram uma lista de palavras começadas pela letra S. A atividade desenrolou-se com as crianças a enumerarem palavras iniciadas com esta consoante e, em simultâneo, íamos escrevendo as mesmas numa cartolina. Em complemento, as crianças desenhavam a representação da palavra, em pequenos pedaços de papel branco, com materiais de registo (lápiz de cor, lápis de cera e marcadores). Mais uma vez, esta atividade permitiu ao grupo, na área da escrita, recorrer à lista de palavras e realizar sempre que necessitasse uma leitura imagética das palavras começadas pela consoante S.

No que toca à atividade A47, podemos destacar que esta conectou o subdomínio das Artes Visuais com o domínio da Matemática. Tudo começou com a *audição da história da “Quadradinha”*, na hora do conto, à qual se seguiu a exploração de um conjunto de formas geométricas previamente preparadas por nós. Sem grandes dificuldades, as crianças foram associando as adivinhas enunciadas na história com as formas geométricas disponibilizadas. Posto isto, na mesa complementar ao domínio da Matemática, foi distribuída a cada criança uma folha branca A4 e sugeriu-se que realizassem uma composição com as formas geométricas disponíveis. Desta atividade resultaram composições muito originais, desde árvores, casas, pessoas, barcos entre outras, ficando as mesmas expostas no exterior da sala, para que os restantes colegas da escola conseguissem apreciar a atividade desenvolvida pelo grupo.

Outra atividade que desenvolvemos e que estabeleceu uma conexão entre as Artes Visuais e a Educação Físico-Motora, foi a de uma aula que explorasse este domínio. Três das crianças realizaram a atividade, dirigindo-se para a mesa de apoio da biblioteca. Com recurso a folhas brancas A4, lápis de cor e marcadores, começaram a planificar a aula de educação física. É de notar que esta planificação foi realizada através de desenhos, no entanto, registou-se no mesmo suporte de papel um registo escrito das diversas partes que as crianças tinham desenhado, com o objetivo de se perceberem de melhor forma o que

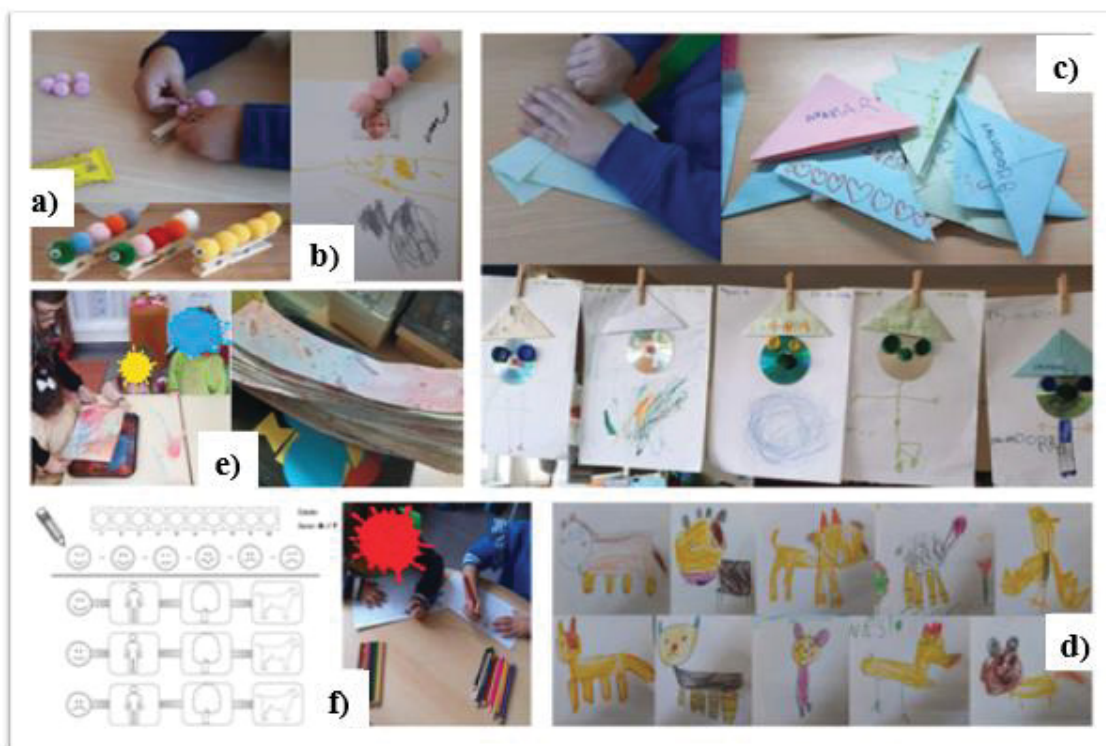
que lá estava representado. No momento das comunicações, uma das crianças mostrou e apresentou o seu trabalho a todo o grupo.

Por fim, e centramo-nos na última atividade desta categoria, a atividade A56, enquadrada no domínio da Matemática, com recurso às Artes Visuais. Foi convocada a técnica do desenho, após a exploração dos blocos lógicos, com os quais as crianças haviam realizado uma composição, na mesa destinada ao domínio da Matemática. Sugerimos que desenhassem a sua composição numa folha branca, explicando que ficaríamos com um registo do trabalho desenvolvido com este material. Esta atividade foi muito rica, pois a possibilidade de explorar os blocos lógicos, manuseando este material e compondo o que pretendiam em si, foi fundamental, pois permitiu colmatar a atividade A47, usando o material concreto. O facto de relacionarmos esta atividade com as Artes Visuais tornou a técnica do desenho ainda mais rica, pois permitiu que mais tarde fosse possível recorrer às representações das composições, que se encontravam em papel, como recurso para a repetição das mesmas.

Apresentados os contornos das atividades que exploraram as Artes Visuais em conexão com outros domínios curriculares, resta-nos explorar um último eixo de análise da nossa ação educativa, que abordará um conjunto de atividades que se centraram nas Artes Visuais utilizadas como recurso pedagógico. No Quadro e no mosaico que se seguem enumeramos e ilustramos aquelas que se destacaram neste particular (ver Quadro 5 e Figura 28).

**Quadro 5 – Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar centradas nas Artes Visuais como recurso pedagógico**

<b>Atividades</b>	
<b>A1</b>	Mola Minhoca
<b>A3</b>	Cartão de aniversário
<b>A5</b>	Dobragens de chapéus
<b>A17</b>	Ilustração dos animais da história “Procura e descobre números”
<b>A40</b>	Elaboração de separadores
<b>A51</b>	Aplicação do questionário



**Figura 28** – As Artes Visuais como recurso pedagógico

- a)** Mola minhoca (A1); **b)** Cartão de aniversário (A3); **c)** Dobragens de chapéus (A5);  
**d)** Ilustração dos animais da história “Procura e descobre os números” (A17);  
**e)** Elaboração de separadores (A40); **f)** Aplicação do questionário (A51).

Tal como nos é dado a perceber no Quadro 5 e na Figura 28, que acima partilhamos, desenvolvemos seis atividades nas quais as Artes Visuais foram convocadas como potenciais recursos pedagógicos. E sobre elas que nos debruçaremos nesta última parcela do Capítulo que dedicámos ao Estágio Pedagógico I.

No que diz respeito à atividade A1 – a *Mola Minhoca*, esta consistia em colar pequenos “pompons” coloridos numa mola de madeira. Esta atividade surgiu na sequência de uma intervenção de uma da criança aquando da rotina “Mostrar, Contar e Escrever”, tendo esta proposto aos colegas a realização da atividade em causa durante o momento de trabalho autónomo. Nesta atividade, as crianças teriam de ser capazes de escolher os pompons e efetuarem a técnica da colagem na mola por nós disponibilizada. Esperava-se que as crianças convocassem a sua motricidade fina e fossem capazes de colar os pompos devidamente na mola.

No geral, a atividade decorreu como havíamos planeado pretendido. Contudo, as crianças mais novas necessitaram de orientação e auxílio para colarem os pompos, pois não apresentavam muita destreza manual.

A atividade A3 – *Cartão de aniversário* baseou-se na realização de um registo gráfico, através da técnica do desenho do corpo humano. O registo em causa foi realizado num suporte de papel, em formato A5, com recurso a uma fotografia. As crianças teriam de completar o seu corpo, a partir de uma fotografia por nós disponibilizada, na qual se apresentava apenas a cabeça, ficando o tronco e os membros por conta da criança que desenharia as partes em falta.

Esta atividade permitiu que, inicialmente, tivéssemos a noção da etapa do desenvolvimento gráfico em as crianças se encontravam. Depois de realizados todos os registos, obtivemos um cartão com a foto de cada um e o registo do seu corpo humano, que foi complementado com o dia do seu aniversário. É importante salientar que esta atividade estava ligada com a atividade A1, pois com o recurso à mola minhoca, prendemos o cartão de aniversário de cada criança, no mês correspondente, no mapa dos aniversários presente na sala de atividades.

Na atividade A5, recorremos uma vez mais ao subdomínio das Artes Visuais através da exploração com o grupo da *técnica da dobragem*, com o objetivo de construirmos chapéus. Esta técnica foi também sugerida por uma das crianças do grupo, no momento do acolhimento e aquando da rotina “mostrar, contar e escrever”. Uma vez que nesta sala era implementada a metodologia de trabalho por projeto, aquando da planificação das atividades com as crianças para o momento de trabalho autónomo ficou proposta a elaboração de chapéus, através da técnica da dobragem. Todas as crianças efetuaram esta atividade, que se desenvolveu em pequeno grupo, com recurso a folhas de papel colorido e, posteriormente, recorrendo a material da Recicloteca, numa folha A3, utilizando os seus chapéus, voltaram a compor uma figura humana.

Para a atividade A17 – *Ilustração dos animais da história “Procura e descobre números”*, as crianças apenas tiveram de realizar a ilustração das personagens da história, mencionada, que tinha sido explorada no momento do conto, do dia anterior. Neste momento, e com recurso ao livro, as crianças selecionadas para a concretização desta atividade, seguindo a ordem por que apareciam as personagens no livro, foram efetuando o desenho, num suporte de papel, em formato A4, com recurso a materiais de registo, utilizando com lápis de cor e marcadores. No contexto desta atividade, é importante referir que o facto de as crianças terem participado na construção de um recurso, que viria a ser explorado pelo grupo, é uma mais-valia, pois a motivação pela sua exploração aumentou pelo facto de terem participado ativamente na sua concretização. A sua

participação na construção do recurso, a utilizar no domínio da Matemática, foi fundamental para a sua relevância e eficácia no contexto do grupo.

Seguindo a ordem das atividades apresentadas no Quadro 5, passamos a abordar a atividade A40, que consistiu na *elaboração de separadores* através de uma técnica de pintura desconhecida do grupo: a pintura através de bolhas de sabão. É de notar que esta atividade necessitou de maior atenção por parte do grupo, uma vez que as crianças teriam de soprar o líquido, ao invés de sugá-lo, dos recipientes. Para que não houvesse o risco de engolir o líquido, optámos por realizar a atividade com 3 ou 4 crianças de cada vez enquanto os restantes colegas realizavam trabalho autónomo. Visto que decidimos utilizar apenas as cores, azul, vermelho, laranja e verde para a realização desta atividade, foi mais fácil fazer a supervisão e gestão da mesma. No que diz respeito à sua concretização, antes de iniciarmos, foi explicado às crianças as várias etapas que teriam de percorrer, em que área se enquadrava a atividade e qual o material de que necessitávamos (desde copos plásticos, palhinhas, tinta, sabão, um pouco de água e um recipiente...), neste caso um tabuleiro para recolher as bolhas de sabão que caíam de cada copo.

Depois de explicadas as diferentes etapas, demos início à preparação das cores. Como na sala apenas existiam as cores primárias, com o auxílio do “*Mapa lembra cores*” demos início à mistura das mesmas. As crianças mostraram muito à-vontade nesta criação. Em continuidade, e depois das cores já estarem prontas, colocámos um pouco de água com sabão para facilitar a formação das bolhas.

Como já referimos anteriormente, optámos por explorar esta atividade com 4 crianças a cada vez e, neste contexto, decidimos dar a cada uma delas uma das cores produzidas e, cada uma, à sua vez, soprava através da palhinha e entornava as bolhas de sabão no tabuleiro que se encontrava à sua frente.

Depois de todos realizarem esta etapa, cada uma delas colocava uma das 2 folhas em que teriam de aplicar a técnica no tabuleiro e estampavam as bolhas de sabão. Foi muito interessante ver as reações das crianças quando percebiam que as bolhas ficavam marcadas nas folhas. Após todos terem estampado as suas folhas, recorreremos às restantes crianças para a concretização desta atividade, procedendo da forma anteriormente descrita. Posteriormente, depois de secas as folhas e dado que eram de tamanho A3, recortamos as mesmas em três partes iguais e utilizámos estas partes como separadores dos dossiers de trabalho de cada criança.

Para finalizar as atividades desta categoria de análise, adiantamos a atividade A51 que consistiu na *implementação de um questionário* ao grupo que, à semelhança da

atividade descrita anteriormente e considerando o nível de pormenor que implicava, também foi desenvolvida em pequenos grupos que, à vez, iam contando com o nosso apoio e supervisão. Este questionário, inspirado num instrumento semelhante utilizado para recolher dados num estudo realizado por um grupo de investigadores dos Estados Unidos da América, estava dividido em duas partes.

Inicialmente pedíamos às crianças que ordenassem uma paleta de cores consoante a sua preferência. De seguida, pedíamos que utilizassem essas cores para pintar cada uma das imagens presentes no formulário (3 árvores, 3 homens e 3 cães) às quais atribuíam, com recurso a um *smile*, diferentes temperamentos (bom, nem bom nem mau e mau).

Com a análise deste questionário percebemos que as crianças se serviam das cores de que mais gostavam para pintar as figuras boas e das que menos gostavam para colorir as más. Foi muito interessante a implementação destes questionários, pois resultaram diversos comentários associados às partes integrantes da estrutura do mesmo, por exemplo, na organização das cores por preferência, existiram meninos que descartavam a cor rosa e explicavam “esta é uma cor de menina, por isso fica para último” ou “esta é a minha preferida, fica em primeiro” ou simplesmente, na segunda parte do questionário, olhavam para o *smile* e para o desenho e escolhiam determinada cor dizendo “vou pintar o cão mau de vermelho porque ele está com raiva”, “vou pintar a árvore de amarelo porque ela está triste”, “vou pintar a árvore de verde porque é a cor dela e ela está contente”. Quando questionados sobre as cores utilizadas foi interessante percebermos que muitos optaram por pintar as figuras das suas cores reais, não dando grande relevância às suas preferências, o que nos deu a entender que, considerando as suas idades, esta metodologia poderá não ter tido o impacto que desejaríamos no grupo.

### **2.3. Em jeito de Síntese...**

Ao longo da nossa ação educativa, no Estágio Pedagógico I, entendemos ter conseguido estabelecer uma ótima relação com as crianças do grupo, proporcionando a possibilidade de implementar as atividades planificadas nas sequências didáticas com sucesso. É de salientar que o facto de ter sido possível planificar em concordância com as observações das crianças foi um fator crucial para o sucesso educativo das mesmas, uma vez que entendemos ter promovido o desenvolvimento de cada uma delas no que respeita às suas aprendizagens.

Analisando o percurso desta ação prática na Educação Pré-Escolar, podemos dizer que nem sempre correu tudo como planeado. No entanto, com o decorrer do estágio, foi possível perceber quais os aspetos que tínhamos de melhorar. Dado que estávamos a desenvolver uma ação centrada no movimento da escola moderna, era necessário, em algumas situações, e consoante as necessidades do grupo, adaptar as estratégias e metodologias. Queremos com isto dizer que foi possível compreender, em algumas situações, a necessidade do imprevisto, pois um grupo rapidamente interpelava com observações quanto a determinados temas, aspeto que nos obrigava a flexibilizar propostas, improvisar metodologias e adaptar as estratégias a adotar.

Fazendo um balanço de todo o percurso que vivenciámos, um dos aspetos que neste momento sentimos que poderíamos ter melhorado prende-se com a quantidade de atividades planificadas. Estamos em crer que se tivéssemos tido a oportunidade de poder implementar mais atividades, diferentes das que decorreram das interpelações e expectativas do grupo, tentaríamos desenvolver mais algumas que se enquadrassem no tema que decidimos aprofundar neste Relatório. Na verdade, a metodologia em causa, com a qual estávamos pouco familiarizadas, exigiu uma grande flexibilidade da nossa parte, levantou-nos algumas dificuldades na gestão da nossa prática pedagógica diária e o facto de nos concentrarmos nas perguntas, nos gostos e expectativas das crianças, impediu, em certa medida, que pudéssemos desenvolver e aprofundar atividades mais próximas da temática que tínhamos a intenção de aprofundar.

Ainda assim, não podemos deixar de referir que o contexto em causa, desafiador por natureza, exigiu de nós uma grande flexibilidade em termos metodológicos e fez com que perfeccionássemos a nossa capacidade de abraçar aventuras.

Sem dúvida que esta experiência foi determinante para a nossa aprendizagem profissional e ficará marcada, na nossa memória e na nossa história, quer enquanto pessoas, que como futuras profissionais de educação.

Concluída a apresentação, análise e reflexão, acerca da nossa ação educativa no Estágio Pedagógico I, interessa-nos utilizar uma metodologia semelhante relativamente ao estágio desenvolvido no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É o que nos propomos fazer no Capítulo que se segue.



# Capítulo III

Ação Educativa no contexto do Estágio  
Pedagógico II - 1.º Ciclo do Ensino Básico

### **3. Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico II – 1.º Ciclo do Ensino**

#### **Básico**

- 3.1.** Caracterização dos Contextos de Intervenção
  - 3.1.1.** Caracterização do meio envolvente
- 3.2.** Notas sobre o nosso Ensino à Distância
  - 3.2.1.** Caracterização da Instituição
  - 3.2.2.** Caracterização da sala e das rotinas
  - 3.2.3.** Caracterização da turma
- 3.3.** Ação Educativa no Ensino à Distância
  - 3.3.1.** Atividades que evocaram a Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico
- 3.4.** Em jeito de Síntese...
- 3.5.** Notas sobre o nosso Ensino Presencial
  - 3.5.1.** Caracterização da escola e da sala de aula
  - 3.5.2.** O horário da turma
  - 3.5.3.** Caracterização da turma
- 3.6.** Ação Educativa no Ensino Presencial
- 3.7.** Em jeito de síntese...
- 3.8.** Atividades que convocaram a Expressão Plástica

### **3. Ação Educativa no contexto do Estágio Pedagógico II - 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Feita a apresentação da nossa ação educativa no contexto do estágio desenvolvido na Educação Pré-Escolar, importa seguir uma metodologia semelhante na análise da nossa ação prática educativa no estágio que realizámos no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É importante salientar que esta ação prática teve contornos diferentes e foi necessário realizar adaptações nas nossas práticas. Estas adaptações aconteceram como resposta à situação pandémica causada pelo novo Coronavírus, designado por SARS-COV-2, detetado na China no final de 2019.

Neste contexto, o Estágio Pedagógico II resultou em dois momentos, sendo o primeiro desenvolvido entre os dias 20 de abril e 17 de junho de 2020 em contexto de ensino à distância e o segundo entre os dias 17 de setembro e 23 de outubro deste mesmo ano, em contexto de ensino presencial. Deste modo, no presente Capítulo, apresentaremos a nossa ação educativa desenvolvida nestes dois momentos. Realçamos que a nossa prática desenvolvida em contexto de ensino à distância aconteceu num estabelecimento de ensino diferente daquele que nos acolheu no segundo momento de estágio, implementado em ensino presencial. Ainda assim, e uma vez que as escolas pertenciam à mesma freguesia, a caracterização do meio irá abranger ambos os contextos de estágio.

#### **3.1. Características dos contextos de intervenção**

##### **3.1.1. Caracterização do meio envolvente**

Em primeiro lugar afigurou-se muito importante conhecer o meio envolvente da instituição em que decorreu a nossa ação educativa, visto que podíamos encontrar potenciais fatores que promoveriam aprendizagens com sentido e significado para cada aluno(a).

As escolas onde decorreram as práticas educativas do Estágio Pedagógico II situavam-se na zona norte da Ilha de São Miguel e pertenciam ao concelho de Ponta Delgada. Esta localidade era considerada a maior e principal “bacia leiteira” de toda a ilha, assumindo-se como a maior fonte de pastagens de bovinos e de zonas de terrenos de grande serventia para a agricultura e a pecuária. Para além destas atividades do setor primário, nos últimos tempos vinha-se notando o aparecimento de muitas outras

atividades ligadas à indústria e aos serviços, tais como serralharias, fábricas laticínios e construção civil, supermercados, talho, padarias, cafés, serviços de saúde, bancos, seguradoras, posto dos CTT e RIAC. Salientamos a importância destas atividades e espaços comerciais, pois contribuíram para a fixação da população com um número já bastante significativo, contribuindo com novos postos de trabalho em diferentes setores.

Em relação à atividade cultural da freguesia, a mesma estava apetrechada com associações que eram destinadas à dinamização cultural e social da população, como uma associação cultural ligada à juventude, um grupo de escuteiros, um grupo musical, a Casa de Povo que integrava diversas atividades, tais como um grupo folclórico, a escola de instrumentos de corda, o grupo de marchas e cantares populares e ainda um grupo desportivo. Qualquer uma das associações e atividades referidas, se assumia como uma mais-valia para aquela localidade pois procurava não só acolher a juventude, mas também abranger outras faixas etárias da população, nas diversas atividades que oferecem. Devido ao enunciado, anteriormente, podemos destacar que a aprendizagem dos alunos(as), contextualizada com os serviços e associações que o meio nos oferecia era enriquecedora.

### **3.2. Notas sobre o nosso ensino à distância**

A primeira parte do Estágio Pedagógico II decorreu online, visto que, como acima explicámos, no período, de tempo, em que este se desenvolveu, o país e a região encontravam-se com restrições, sendo uma delas o encerramento das escolas devido à pandemia causada pelo vírus COVID-19. Neste sentido, foi proposto que dessemos continuidade ao ensino através do Ensino à Distância, por forma a não prejudicar o percurso escolar das crianças, apesar das novidades que o mesmo representaria para docentes, alunos(as) e suas famílias.

Através de metodologias e estratégias diversificadas e diferentes das que se utilizavam no contexto do ensino presencial, os professores foram desafiados a desenvolverem novas formas de comunicação e de transmissão de conteúdos.

#### **3.2.1. Caracterização da instituição**

Relativamente à caracterização física da instituição, apesar de não ter sido explorada por nós em pormenor, podemos salientar que este núcleo, no final do ano escolar 2017/2018, foi alvo de intervenção ao nível de pintura e substituição dos telhados

que continham amianto. Na seguinte tabela podemos verificar a estrutura da escola onde se enquadrou a nossa ação prática pedagógica do Estágio Pedagógico II (Ensino à Distância).

**Quadro 6 - Estrutura da escola**

<b>Núcleo</b>	
<b>Tipo de edifício</b>	Plano centenário
<b>Blocos</b>	2+P4+1 Pré-Fabricado
<b>Salas de Pré-escolar</b>	4
<b>Salas de aula</b>	10
<b>Salas de apoio</b>	2
<b>Sala de Informática</b>	1
<b>Biblioteca</b>	-
<b>Sala de estudo</b>	-
<b>Sala de Professores</b>	1
<b>Polivalente</b>	-
<b>Ginásio</b>	1
<b>Gabinetes</b>	1
<b>Refeitório</b>	2
<b>Cozinha</b>	1
<b>Instalações Sanitárias</b>	10
<b>Arrecadações</b>	5
<b>Campos de Jogos</b>	1
<b>Parque Infantil</b>	1

### 3.2.2. Caracterização da sala e das rotinas

Apesar de não termos desenvolvido um trabalho em continuidade com a turma no contexto presencial, tivemos oportunidade de fazer umas sessões de observação antes de avançarmos para o ensino *online*. Ainda assim, e como acabámos por não tirar partido da mesma durante a nossa ação educativa, pouparemos o leitor dessa descrição e avançaremos para a descrição da forma como estavam organizadas as rotinas da turma.

A turma regia-se através de um horário estabelecido. No entanto, e sempre que necessário, a professora titular era flexível e fazia as devidas alterações a fim de atender às necessidades que poderiam surgir.

No entanto, e dada a situação pandémica que atravessamos, importa referir que a organização das nossas atividades não se regeu pelo horário estabelecido no início do ano letivo. Desta forma, foi decidido, em conjunto com a professora titular da turma, que exploraríamos com os(as) alunos(as) apenas atividades das três áreas que reuniam mais

tempos letivos semanais: Português, Matemática e Estudo do Meio, sendo no entanto possível estabelecerem-se conexões com as outras áreas do currículo.

Foram calendarizadas intervenções individuais e intervenções em conjunto com a nossa colega de estágio e ficou estabelecido que desenvolveríamos nove atividades semanais, três em cada área, nas intervenções conjuntas, e 6 atividades semanais, duas em cada área, nas intervenções individuais. Todas as atividades implementadas com a turma resultaram de uma planificação discutida com a professora cooperante nas quais tivemos em consideração a *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo* (2004), bem como os interesses e necessidades dos(as) alunos(as) de modo a contribuir para o seu desenvolvimento e para as suas aprendizagens.

As atividades propostas nas várias áreas tiveram em conta o contexto em que nos encontrávamos e foram aplicadas através do uso de dispositivos tecnológicos, muitos deles disponíveis *online*. Deste modo, foram utilizados vídeos para a explicação/revisão de conteúdos, fichas de trabalho através do programa *Google Forms*, guiões/orientações para a realização das atividades (para acesso a pais, encarregados de educação e alunos(as)), a correção das fichas de trabalho e um questionário sobre o qual falaremos com mais detalhe um pouco mais adiante. As restantes atividades sugeridas eram jogos, disponíveis *on-line*, por forma a facilitar o acesso das crianças e das suas famílias e tornar as aprendizagens mais dinâmicas e interativas.

O nosso objetivo principal naquela altura era facilitar os canais de comunicação e chegar a todas as crianças, até porque nem todas possuíam os meios técnicos para aceder à informação. Algumas possuíam computador, mas outras só conseguiam acompanhar as atividades através do recurso ao *smartphone*. Além disso, todas as atividades permitiram aos alunos(as) darem as suas respostas sem necessitarem de imprimir documentos.

Neste sentido, os recursos e estratégias das sequências didáticas foram elaborados de forma a serem adequados ao Ensino à Distância, podendo os(as) alunos(as) aceder aos conteúdos através de várias plataformas digitais e em qualquer momento que necessitassem, pois todos os materiais contruídos pelas estagiárias estavam sempre disponíveis. As atividades anteriormente mencionadas foram escolhidas de modo a proporcionar aos alunos(as) uma aprendizagem interativa e cativante.

A estrutura metodológica manteve-se no decorrer do estágio, em contexto de Ensino à Distância, pois o *feedback* dos(as) alunos(as) foi bastante positivo tendo em conta as circunstâncias em que nos encontrávamos. Quanto ao *feedback* da professora cooperante, que recolhíamos através de um pequeno questionário, na plataforma *Google*

*Forms*, este também foi positivo e essencial para dar continuidade à utilização das metodologias referenciadas.

No que diz respeito à estrutura das atividades e como estas eram expostas aos alunos(as), optámos por realizar um único documento PDF, uma espécie de guião com todas as orientações importantes para a realização das mesmas. As orientações eram dadas, por áreas, e com recurso a tarefas específicas, por exemplo, “clica no *link* para acederes ao diaporama – Rios de Portugal”. Eram explicadas e apresentadas, minuciosamente as atividades por forma a que todos(as) os(as) alunos(as), independentemente do diapositivo tecnológico que utilizassem, tivessem acesso ao proposto. Neste mesmo documento também era aferida, através de um *link*, a opinião dos(as) alunos(as) e da professora cooperante com o propósito de, em futuras sequências didáticas, correspondermos adequadamente aos interesses, expectativas e necessidades dos(as) vários intervenientes.

Após a primeira semana, que tanto para nós como para a turma foi de enquadramento, e depois da análise do *feedback* recebido às primeiras atividades, sentimos a necessidade de introduzir nas orientações das sequências didáticas seguintes um diaporama “ALERTA”. Neste novo diaporama, os(as) alunos(as) eram alertados para erros mais frequentes na resolução das suas atividades. Optámos por esta estratégia pois achámos que era uma mais-valia naquele contexto, para que os(as) alunos(as) ultrapassassem algumas das suas dificuldades. Foi evidente que em atividades posteriores à introdução dos alertas, os(as) alunos(as) apresentaram evolução nos aspetos mencionados.

Importa realçar que todo o contexto, de Ensino à Distância, tanto para os(as) alunos(as), como para os professores, foi um grande desafio, e como tal, para contribuirmos no processo de aprendizagem dos(as) alunos(as), foi importante adaptarmo-nos e estudar as melhores estratégias a utilizar na turma em questão tendo em conta as características da mesma e as condições contextos em que cada aluno(a) se inseria.

Segundo a 1.<sup>a</sup> série do Diário da República - Portaria 359/2019,

[a] modalidade de ensino a distância constitui uma alternativa de qualidade para os alunos impossibilitados de frequentar presencialmente uma escola, assente na integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos processos de ensino e aprendizagem como meio para que todos tenham acesso à educação (p. 17).

Neste sentido, e tendo em conta o estado pandémico, este era um método que tornava possível dar continuidade ao ensino, de modo a que os(as) alunos(as) continuassem a trabalhar conteúdos e a interagir virtualmente com colegas e professores. Este modo de aprendizagem surgiu repentinamente e desafiou os professores a utilizarem/criarem novos modos de comunicação e novas ferramentas de lecionação.

### **3.2.3. Caracterização da turma**

A primeira parte do Estágio Pedagógico II foi realizada com uma turma do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta turma era constituída por dezoito alunos(as), onze do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades compreendidas entre os nove e os dez anos. Apenas um destes(as) alunos(as), do sexo masculino, estava a frequentar o 4.º ano pela 2ª vez.

Era uma turma bastante participativa e os(as) alunos(as) mostravam empenho e interesse aquando da realização das atividades propostas. Relativamente à assiduidade, e segundo a professora titular de turma, estes(as) não registavam um número elevado de faltas. No entanto, quando faltavam, essas faltas eram justificadas pelos encarregados de educação. Quanto ao comportamento, podemos dizer que a turma era razoável e apenas em situações pontuais, alguns elementos em específico perturbavam o bom funcionamento das aulas.

Neste grupo, podemos destacar três situações mais complexas. Um dos alunos do sexo masculino, com dez anos, apresentava limitações moderadas no domínio cognitivo e graves no domínio emocional. Este beneficiava das seguintes medidas: apoio pedagógico personalizado prestado por professores de Necessidades Educativas Especiais (NEE) e pela professora titular de turma, bem como adequações no processo de avaliação. É de salientar que este aluno apresentava instabilidade emocional devido à situação familiar. Estava integrado no Núcleo de Educação Especial, mas não necessitava de apoio constante, apenas recorria à Psicóloga em momentos de necessidade. Para este(a) aluno(a), na altura, seria feita uma nova reavaliação e possivelmente não continuaria integrado no núcleo de NEE porque tinha superado as suas dificuldades e era um aluno de nível “Bom”. Para além do supramencionado, o aluno apresentava mais maturidade e responsabilidade, no entanto, era demasiado “perfeccionista” e concretizava as tarefas de forma mais lenta. Na realização das fichas de avaliação tinha disponível mais tempo do que os restantes alunos.

Outro aluno que também merecia a nossa atenção, com nove anos, do sexo masculino, apresentava limitações graves no domínio comunicacional e moderadas no domínio cognitivo. Este beneficia das seguintes medidas: apoio pedagógico personalizado prestado pelo professor de NEE, por técnico especializado e pela professora titular de turma, requerendo adequações no processo de avaliação. Mais especificamente, este aluno apresentava uma síndrome que nunca foi conclusivo, ficando na dúvida se se tratava de Asperger ou se se se tratava de um grau ligeiro do autismo. No entanto, o aluno apresentava uma tendência por aquisição de novos vocabulários, aplicando-os muito bem em diversos contextos. Revelava algumas dificuldades na área da Matemática, mas só em alguns conteúdos. Apesar de estar integrado no Núcleo de Educação Especial, este nunca necessitou de recorrer a ele.

Havia ainda um terceiro aluno, também do sexo masculino, com nove anos, que apresentava limitações moderadas no domínio cognitivo e graves no comunicacional. Este beneficiava das seguintes medidas: apoio pedagógico personalizado prestado por professor de NEE (treze tempos), assistente social da escola (quando necessário), e por professora titular de turma (apoio diário). O seu currículo era adaptado ao nível dos conteúdos, com base num programa socioeducativo. De forma mais particular, este aluno só aprendeu a ler no ano letivo em que nos encontrávamos e só nesta altura desenvolveu a sua escrita.

Para além das informações anteriores realçamos ainda que a turma também integrava um outro aluno, do sexo masculino, com onze anos, que estava a ser acompanhado pela Psicóloga da escola, com o objetivo efetuar uma avaliação de hiperatividade/défice de atenção, solicitada pela professora titular de turma. Este aluno foi integrado naquela turma e estava a repetir o 4.º ano. Apresentava maiores dificuldades na área da Matemática, não por incapacidade, mas porque não conseguia canalizar a atenção/concentração por muito tempo. Em relação à área do Português, este dominava bem os conteúdos, escrevendo sem erros ortográficos. Em relação a outras informações adicionais, a sua posição na sala era fundamental, encontrando-se mais perto do quadro, mas estava sempre muito irrequieto ou a chamar atenção de outros colegas distraíndo-os. Executava as tarefas muito rapidamente, embora de forma imperfeita e/ou incompleta. Se era chamado à atenção quanto a este aspeto, ficava muito admirado porque não se apercebia do que fazia. Quando se distraía tinha a tendência de estragar os seus materiais escolares. Apresentava muita dificuldade na gestão de tempo e na organização.

Existia ainda outro aluno na turma, do sexo masculino, com nove anos, que apresentava Dislexia, pelo que manifestava maiores dificuldades na área do Português. No ano anterior lia de forma silabada e tinha dificuldade em construir frases de forma totalmente autónoma. No entanto, já lia e escrevia melhor, mas apresentava pouca expressividade na sua leitura. Apesar dos problemas de leitura e escrita era um aluno bom nas restantes áreas de aprendizagem, atendendo a que apresentava facilidade de compreensão do que lia.

Tendo em consideração as diferentes áreas de conteúdo, apresentaremos de seguida, numa análise global da turma, uma caracterização apoiada nas avaliações do 1.º período, do ano letivo em que se encontravam, disponibilizadas pela professora titular da turma.

No que diz respeito à **área do Português**, relativamente às raparigas, podemos dizer que das sete existentes na turma, quatro apresentaram suficiente (S), duas Bom (B) e uma Muito Bom (MB), enquanto os rapazes, dois deles apresentavam suficiente (S), cinco apresentavam Bom (B) e três Muito Bom (MB). É de notar que apenas são apresentados, anteriormente, os resultados de dez dos alunos do sexo masculino, porque um deles era avaliado tendo em conta os parâmetros de desenvolvimento com adaptações do seu currículo. No entanto, a avaliação que lhe foi atribuída dentro deste currículo, em todas as áreas de aprendizagem, foi de Suficiente (S).

No que respeita à **área da Matemática**, quanto ao sexo feminino, podemos dizer que três das alunas apresentavam suficiente (S), três Bom (B) e uma Muito Bom (MB). Em relação aos meninos, e tendo em conta a situação acima enunciada, do aluno que se regia pelos critérios de desenvolvimento e adaptação do currículo, registávamos quatro alunos com Suficiente (S), três com Bom (B) e três com Muito Bom (MB).

No que diz respeito à área do **Estudo do Meio**, das sete alunas, podemos evidenciar duas com nível Suficiente (S), três com Bom (B) e duas com Muito Bom (MB). Quanto aos dez rapazes, registávamos um Suficiente (S), seis Bom (B) e três Muito Bom (MB).

No que respeita à **área das Expressões**, dos(as) dezassete alunos(as) da turma, apesar de serem 18, sabendo da situação particular de um deles, podemos referir que, três do sexo feminino, apresentam Bom (B) e quatro apresentavam Muito Bom (MB). Enquanto no sexo masculino, um revelava nível Suficiente (S), sete apresentavam Bom (B) e dois Muito Bom (MB). É de salientar que esta área, de forma geral, apresentava uma média das diferentes expressões, sendo que em alguns casos beneficiava e em outros

prejudicava o desempenho global dos(as) alunos(as). No que diz respeito especificamente à **Expressão Plástica**, tínhamos cinco Bom (B) e dois Muito Bom (MB), relativamente às meninas. No caso dos rapazes, registámos dois Suficientes (S), oito Bons (B) e um Muito Bom (MB).

Em relação ao **inglês**, podemos apresentar quatro dos(as) alunos(as) do sexo feminino com Suficiente (S), dois com Bom (B) e um com Muito Bom (MB). Relativamente aos rapazes, registámos três com nível Suficiente (S), três com Bom (B) e quatro com Muito Bom (MB). Mais uma vez apresentamos apenas dez rapazes, pelo facto de existir um aluno com adaptações no currículo.

Para além da informação mencionada anteriormente, é importante referir que esta turma fazia parte de um projeto que disponibilizava aulas de programação à distância para as escolas, oferecido pela Direção Regional da Educação. Mais concretamente, a plataforma UBBU que foi adaptada para o ensino em regime remoto e adaptada ao 1.º Ciclo. Esta plataforma proporcionava às escolas, pais e alunos(as), ferramentas e instruções especialmente dedicadas à realidade digital. Desta forma, a turma em questão, reservava do seu horário semanal 45 minutos para se dirigirem a outra sala, na escola, preparada para este projeto, que continha dez computadores para possibilitar a todos(as) os(as) alunos(as) aceder à respetiva plataforma. Esta oferecia um conjunto de aulas complementadas por desafios, que acresciam complexidade conforme o decorrer das aulas. É de salientar que para resolver certos desafios, os(as) alunos(as) teriam de possuir determinados conhecimentos em diversas áreas de aprendizagem, para lhe serem proporcionados outros. Como exemplo, destacamos a necessidade de possuir conhecimentos básicos de ângulos, voltas, meias voltas, entre outros conceitos, para resolverem possíveis itinerários. Para além do projeto se complementar com conteúdos matemáticos, este também exigia que os(as) alunos(as) conhecessem o teclado do computador. Por exemplo, alguns desafios remetiam para a aprendizagem da escrita fazendo o uso do teclado, uma vez que solicitavam que se abrisse um determinado cadeado com um ponto e vírgula, e a maioria não sabia como se efetuava esse procedimento. Entretanto, com a evolução das aulas e a passagem de níveis, os(as) alunos(as) já reconheciam algumas das funcionalidades do teclado.

Segundo a professora titular os(as) alunos(as) eram muito “desenrascados” na execução dos desafios e apenas necessitavam de ajudas pontuais. É de referir que dois dos alunos, do sexo masculino, os dois com nove anos, eram muito proativos e estavam na maioria das vezes duas a três aulas à frente dos(as) restantes alunos(as). A professora

titular só desbloqueava as aulas para os mais adiantados se a diferença fosse de dois ou três níveis, para que não se distanciassem e para que pudessem prestar apoio aos colegas. Salientamos que para todos os(as) alunos(as) que exploraram este projeto, atendendo à situação de ensino à distância que estávamos a atravessar, o projeto acabou por ajudar, pois promoveu o desenvolvimento da literacia digital no que respeita às tarefas realizadas *online*.

Relativamente ao contexto de Ensino à Distância, a regularidade na concretização das atividades foi razoável. Apesar das condições inerentes à situação, podemos dizer que o balanço foi positivo pois, dos dezoito alunos(as), recebíamos em média entre onze e doze respostas às nossas propostas, o que demonstra que alguns dos(as) alunos(as) mostraram interesse e preocupação em realizar as atividades em cada semana.

Importante realçar que, nas primeiras semanas e em diálogo com a professora cooperante, esta mostrou preocupação quanto à adesão dos(as) alunos(as) na concretização das atividades. No entanto, com o passar do tempo, esta opinião acabou por alterar-se. Tal contexto veio demonstrar que as estratégias adotadas foram um recurso apelativo e acessível à maioria dos(as) alunos(as). No entanto, existiram casos de alunos(as) que não apresentaram nenhum *feedback*.

É importante referir que a maioria dos(as) alunos(as) tinha acesso aos materiais através de dispositivos tecnológicos móveis, ou seja, telemóveis. Dada esta situação houve sempre a preocupação de construir e apresentar atividades flexíveis a todas as situações. Neste particular, a escola, em parceria com a Câmara de Ponta Delgada e a Assistente Social, estava sempre atenta a casos excecionais e necessitados, disponibilizando equipamento eletrónico para facilitar o acompanhamento das atividades propostas.

### **3.3. Ação Educativa no Ensino à Distância**

Após a caracterização do contexto referente à prática pedagógica que decorreu na primeira parte do Estágio Pedagógico II, e visto que já foram caracterizados os contextos e a primeira turma com o qual desenvolvemos a nossa ação prática educativa em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, centramo-nos agora na nossa ação educativa. Neste sentido, apresentaremos um conjunto de atividades planificadas e implementadas ao longo das intervenções, que serão analisadas e refletidas, com base no quadro que se segue (ver Quadro 7), numa metodologia semelhante à que seguimos no Capítulo anterior.

Importa referir que foi estabelecido um código de cores, semelhante ao já utilizado no quadro com características idênticas apresentado no contexto do Estágio Pedagógico I, sendo os tons mais escuros referentes às áreas predominantes nas várias atividades (áreas foco) e, da mesma cor, mas em tons mais claros, as áreas que também estiveram presentes nessas mesmas atividades (como associadas). Além disso, sombreámos a cor-de-rosa as atividades nas quais foi explorada a área que decidimos privilegiar neste Relatório de Estágio.

**Quadro 7 – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II – Ensino à Distância**

Calendarização		Áreas dos conteúdos									
Intervenção	data	Descrição da atividade	Cidadania	Estudo do meio	Português	Matemática	Expressões				
							Físico-Motora	Dramática	Plástica	Musical	
1.ª Intervenção – Par pedagógico	1 a 4 de maio	A1	Visualização de um diaporama “Estados Físicos da matéria”								
		A2	Ficha de trabalho “Estados Físicos da matéria”								
		A3	Fotografar materiais/situações nos três estados físicos da matéria								
		A4	Análise de um documento PDF “Pronomes possessivos e determinantes”								
		A5	Ficha de trabalho “Pronomes possessivos e determinantes”								
		A6	Seleção de pronomes possessivos e determinantes								
		A7	Visualização de um diaporama – “Ângulos”								
		A8	Ficha de trabalho – “Ângulos”								
		A9	Jogo sobre as amplitudes dos ângulos								



diferentes áreas do currículo. De maneira a facilitar a interpretação do quadro, selecionámos uma cor para cada área de conteúdo prevista na *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo* (2004), documento que norteou a nossa prática pedagógica.

Após uma apresentação global do quadro síntese das atividades desenvolvidas bem como uma breve explicação da sua forma de interpretação, torna-se relevante apresentar o seu conteúdo, que procurará detalhar a exploração realizada em cada uma das intervenções.

A **primeira intervenção** ocorreu entre os dias 4 e 8 de maio de 2020, sendo efetuada em conjunto com a nossa colega de estágio. Nesta primeira intervenção, e uma vez que nos enquadrávamos no contexto de ensino à distância, pela primeira vez, tentámos dar resposta às necessidades dos(as) alunos(as) através de uma determinada metodologia que se enquadrava nas características pessoais e sociais da turma. As áreas exploradas foram o Estudo do Meio, o Português, a Expressão Plástica e a Matemática. Em relação à área do Estudo do Meio, optámos por explorar a classificação da matéria quanto ao seu estado físico (sólido, líquido e gasoso), relacionando este tema com o planeta Terra, ou seja, mostrando que a Terra contém na sua constituição matéria em vários estados físicos. Esta foi uma temática importante de ser trabalhada com os(as) alunos(as), visto que permitiu um maior conhecimento acerca dos materiais que nos rodeiam e sobre o planeta onde vivemos. Os conteúdos que foram abordados estavam inseridos no Bloco “À Descoberta dos Materiais e Objetos”. Neste bloco é referido que “[a] exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem” (p. 123), permitindo aos alunos(as) explorar e adquirir os conteúdos acima referidos. Optámos por introduzir a temática através de um diaporama (A1), permitindo aos alunos(as), através do mesmo, adquirirem as competências essenciais.

De seguida, e para consolidar o que haviam escutado na atividade anterior, decidimos introduzir uma *ficha de trabalho* (A2) na qual se apresentaram vários desafios onde os(as) alunos(as) teriam de indicar os estados físicos da matéria e, posteriormente, dar um exemplo de cada estado e reescrever frases completando com a palavra em falta. Estas palavras, em falta, eram os estados físicos da matéria, anteriormente revistos. Para a seguinte, relacionada ainda com a mesma temática, foi sugerido que os(as) alunos(as) fotografassem materiais/situações em que era possível visualizar os três estados físicos da matéria (A3).

No que se refere à área do Português, foram explorados os pronomes possessivos e os determinantes. Estes apenas foram revistos através de um documento PDF (A4) e com exercícios de revisão, através de uma *ficha de trabalho* (A5). Relativamente à Expressão Plástica, optámos por explorá-la como área secundária nas atividades de Português, uma vez que, numa das atividades os(as) alunos(as) tiveram de recorrer a duas técnicas de Expressão Plástica, nomeadamente o recorte e a colagem, para aferir os conhecimentos adquiridos nas atividades anteriores (A5). Desta forma, através de uma tabela modelo, os(as) alunos(as) organizaram os recortes de pronomes possessivos e determinantes, retirados de suportes escritos, como revistas, jornais, caixas de cereais entre outros, e colaram na devida coluna. Tal como é referido no *documento que norteou as nossas práticas*, “[durante] o 1.º Ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas (...)” (p. 95).

Finalmente, em relação à área da Matemática, foi revisto o conteúdo referente aos ângulos, nomeadamente aos ângulos nulos, rasos, giros, retos, agudos, obtusos e comparação das suas amplitudes, um conteúdo pertencente ao bloco de *Geometria e Medida*. Foi um conteúdo passível de ser bem trabalhado à distância, pois o(a) aluno(a) encontrava ângulos em muitas coisas que o rodeavam no seu dia-a-dia. Desta forma, através de um diaporama (A7), os(as) alunos(as) visualizaram os aspetos mais importantes do conteúdo selecionado e, de seguida, através de uma ficha de trabalho (A8), colocaram em prática o que aprenderam com o diaporama. Podemos destacar que nesta ficha os(as) alunos(as) tiveram de selecionar a definição correta de ângulo, selecionar o nome correto do ângulo de cada imagem numa questão de escolha múltipla e explorar a amplitude de alguns ângulos através de uma questão de seleção. Por fim, os(as) alunos(as) explicaram a diferença entre “Ângulo giro” e “Ângulo nulo”. Para a atividade A9, também relacionada com este conteúdo matemático, disponibilizámos um jogo *online* relativo à amplitude dos ângulos. Neste jogo, os(as) alunos(as) teriam de selecionar o ângulo com maior amplitude.

Em relação à **segunda intervenção** que também se concretizou em par pedagógico, entre os dias 11 e 14 de maio de 2020, foi explorado o Estudo do Meio, o Português, a Expressão Plástica e a Matemática. Em relação à área do Estudo do Meio, optámos por explorar o *Ciclo da Água*, um conteúdo lecionado pela primeira vez. Relativamente ao que foi explorado podemos dizer que através do diaporama (A10), os(as) alunos(as) tiveram acesso à definição de ciclo da água, às fases deste ciclo e à

explicação de cada uma delas, acompanhada de exemplos da natureza, para que os(as) alunos(as) visualizassem de melhor forma os diferentes fenómenos. Este recurso foi complementado com uma ficha de trabalho realizada através do *Google Forms* (A11). Quanto à atividade A12, relacionada com este conteúdo, podemos referir que os(as) alunos(as) realizaram uma experiência relacionada com o ciclo da água. Através da Expressão Plástica colocaram em prática conteúdos da área do Estudo do Meio. Os conteúdos abordados estavam inseridos no Bloco cinco da *Organização Curricular e Programas Título: Ensino Básico — 1.º Ciclo* (2004) intitulado “À Descoberta dos Materiais e Objetos”. Neste bloco era referido que “[a] exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem” (p. 123), permitindo aos alunos(as) explorar e adquirir os conteúdos acima referidos.

No que se refere à área do Português, foi explorada a classificação morfológica das palavras. Este conteúdo foi apenas revisto pois, em contexto presencial, com a professora titular, já tinha sido trabalhado. Quanto às atividades, preparámos um diaporama (A13) e uma ficha de revisão, através do *Google Forms*, para a sua consolidação (A14). Mais uma vez, para cativar a atenção e interesse dos(as) alunos(as) pelo conteúdo trabalhado, disponibilizamos, jogos *online* (A15) (“*Aprender as classes de palavras*”; “*Aprender o Género e número*” e “*Aprender os verbos*”) relacionados com conteúdos explorados na área do Português.

Finalmente, em relação à área da Matemática, foi revisto o conteúdo referente aos *Polígonos*, nomeadamente os regulares e os irregulares, especificando critérios de distinção de dois polígonos e verificando os lados e ângulos de cada um dos polígonos regulares, apresentados no diaporama (A16). Este era um conteúdo pertencente à *Geometria e Medida* e foi passível de ser trabalhado à distância. Para verificar se haviam entendido o que foi enunciado no diaporama, os(as) alunos(as) realizaram uma ficha de trabalho através da plataforma *Google Forms* (A17). Por fim, foi proposto que os(as) alunos(as) elaborassem uma composição com polígonos regulares e irregulares (A18). Para esta composição procuraram em casa materiais que pudessem ser utilizados para a finalidade pretendida. Depois de recortados e colados os materiais, essas composições foram fotografadas e encaminhadas para a professora titular. Salientamos que, mais uma vez, numa conexão entre a Expressão Plástica e a Matemática, foi possível trabalhar conteúdos em causa.

No que diz respeito à **terceira intervenção**, realizada entre os dias 18 e 22 de maio de 2020, individualmente, foram desenvolvidas atividades de Estudo do Meio, Português, Expressão Plástica e Matemática. Em relação à área do Estudo do Meio, optámos por explorar os *Principais Rios de Portugal*, conteúdo lecionado pela primeira vez, evidenciando-se a distinção de ribeira e rio, visto que no nosso arquipélago apenas temos ribeiras. Relativamente ao que foi explorado podemos dizer que através do diaporama (A19), os(as) alunos(as) tiveram acesso à definição de ribeira e de rio, souberam a importância das ribeiras e dos rios na vida humana e, para além disso, foi transmitida informação relevante de cada um dos rios de Portugal, nomeadamente, o rio Minho, rio Douro, rio Mondego, rio Tejo, rio Guadiana, rio Sado e rio Mira. Ainda no diaporama, os(as) alunos(as) puderam visualizar, através de um mapa de Portugal, a localização de cada um dos rios. Complementando este diaporama disponibilizamos uma ficha de trabalho através do *Google Forms* (A20). Esta foi uma temática importante de ser trabalhada com os(as) alunos(as), pois permitiu um maior conhecimento acerca dos aspetos físicos do nosso país e região. Os conteúdos que foram abordados estavam inseridos no Bloco três da *Organização Curricular e Programas Título: Ensino Básico — 1.º Ciclo (2004)* intitulado “À Descoberta do Ambiente Natural”. Neste bloco é referido que “[a] curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples” (p. 115).

No que se refere à área do Português, foi explorada a distinção entre determinantes e pronomes demonstrativos. Este conteúdo foi apenas de revisão pois, anteriormente, já o tinham trabalhado. Quanto às atividades, preparámos um diaporama (A21) e disponibilizámos, nas respetivas orientações, um *link* para um jogo. Este jogo denominava-se “*Pineco*” (A22) e teve como objetivo principal a revisão deste e de outros conteúdos gramaticais, anteriormente trabalhados. Deste modo, no jogo, seguindo as orientações, exploraram o nível dois. Neste nível era possível identificar questões relativas à classificação e morfologia de palavras, antónimos e sinónimos e outros aspetos que iam surgindo.

Por último, em relação à área da Matemática, foi revisto o conteúdo referente às *Pavimentações do Plano*, especificando qual o critério de construção de um pavimento, apresentando os polígonos regulares que permitem fazer pavimentações, exemplificando uma sequência de pavimentações com diferentes polígonos regulares e apresentando pavimentações construídas através de polígonos regulares e não regulares, sendo estas

mais complexas. Após a visualização do diaporama (A23), e através do acesso ao *link* disponibilizado nas orientações, os(as) alunos(as) elaboraram uma sequência, com polígonos regulares, colorindo-os (A24). Em complemento a esta atividade, foi proposto que construíssem um pavimento com base na sua sequência (A25). Notámos que através desta atividade, que estabeleceu uma conexão entre Matemática e a Expressão Plástica, os(as) alunos(as) conseguiram realizar o desejado.

No que se refere à **quarta intervenção**, que decorreu entre os dias 1 e 5 de junho de 2020, individualmente, foi possível explorar o Estudo do Meio, o Português, a Matemática e a ainda a Expressão Plástica em conexão com as áreas do Estudo do Meio e à área do Português. Em relação à área do Estudo do Meio, optámos por explorar o conteúdo *a costa portuguesa*, um conteúdo lecionado pela primeira vez, evidenciando assim informações pertinentes quanto à nossa costa e enunciando características da mesma. Para além disso, os(as) alunos(as) também tiveram acesso a informações da costa dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira, destacando as suas características. Ainda no diaporama (A26), estava disponível, informação acerca da erosão, causas e consequências da mesma e possíveis soluções para a sua mitigação. Por fim, o diaporama deu ainda a conhecer três aspetos da costa, ou seja, a praia, as dunas e as arribas. Complementando este diaporama, disponibilizamos um *link* de um PDF para a realização de uma atividade da área da Expressão Plástica, mais concretamente, a realização de um jogo – “Quantos Queres” (A27), no qual foi explorado o conteúdo da dobragem, que foi complementado com informações da temática em estudo. Os conteúdos que foram abordados estavam inseridos Bloco três da *Organização Curricular e Programas Título: Ensino Básico — 1.º Ciclo (2004)* intitulado “À Descoberta do Ambiente Natural”. Neste bloco era referido que “[a] curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples” (p. 115).

No que se refere à área do Português, explorámos o conto “*O Segredo do Rio*” de Miguel Sousa Tavares. Quanto às atividades, preparámos um diaporama com o áudio da leitura deste conto (A28). Posto isso, disponibilizámos um *link* de um documento PDF para a realização de uma atividade da área da Expressão Plástica que iria complementar o diaporama. Nesta atividade os(as) alunos(as) tiveram de ilustrar sete momentos do conto (A29). Finalmente, em relação à área da Matemática, revimos o conteúdo referente à *Comparação e Ordenação de Sequências*, através da visualização e um diaporama (A30). Desta forma, foram apresentadas sequências com padrões de repetição,

reprodução de um padrão através de letras, sequências com padrões de crescimento, exploração de expressões que determinam o número total de imagens de uma determinada figura e sequências numéricas sem registo pictórico. Após a visualização do diaporama, e com acesso ao *link* nas orientações, os(as) alunos(as), realizaram uma ficha de trabalho através do *Google Forms* (A31). Nesta ficha responderam a questões relacionadas com o que tinham visto no diaporama.

Quanto à **última intervenção**, referente ao contexto de ensino à distância, realizada em conjunto com a nossa colega de estágio, entre os dias 15 e 19 de junho de 2020, explorámos o Estudo do Meio, o Português e a Matemática. Como áreas associadas estavam presentes a Expressão e Educação Plástica e a Expressão e Educação Musical. Em relação à área do Estudo do Meio, optámos por explorar as atividades económicas. As atividades propostas foram um diaporama com áudio (A32) e um vídeo interativo (A33). Os conteúdos abordados estavam inseridos no Bloco seis da *Organização Curricular e Programas Título: Ensino Básico — 1.º Ciclo* (2004) intitulado “À Descoberta das Inter-relações entre a natureza e a sociedade”, mais concretamente no tópico denominado “Principais atividades produtivas nacionais”. Neste sentido, relativamente ao que explorámos através do diaporama, os(as) alunos(as) tiveram acesso aos vários setores das atividades económicas. Além disso, foram disponibilizadas informações acerca destes mesmos setores de atividade, sendo estas mesmas informações acompanhadas por exemplos ilustrativos. Relativamente ao vídeo interativo, este apresentava imagens dos vários setores e tinha o intuito dos(as) alunos(as) selecionarem a resposta correta, enquadrando cada imagem no respetivo setor.

No que se refere à área do Português, explorámos uma fábula intitulada “*A Raposa e a Cegonha*”. Quanto às atividades, elaborámos um diaporama com áudio com a fábula (A34) e uma atividade de Expressão e Educação Plástica (A35). Importa referir que, ao longo da fábula, existiam duas canções. De acordo com o documento *Organização Curricular e Programas Título: Ensino Básico — 1.º Ciclo* (2004), “[as] situações musicais vivenciadas pela criança na escola são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspetos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global” (p. 68). No que diz respeito ao diaporama e ao invés de os(as) alunos(as) lerem a mesma, de forma mais cativante, escutaram-na através do áudio presente neste recurso.

Em relação à atividade de Expressão Plástica, esta consistiu na elaboração de uma banda desenhada relacionada com a fábula anteriormente escutada.

Finalmente, em relação à área da Matemática, explorámos o conceito de moda. As atividades propostas foram um diaporama com áudio (A36) e uma ficha de trabalho através do formulário *Google Forms* (A37). No diaporama relembámos os vários tipos de gráficos, explorados na semana anterior, e introduzimos o conceito de moda. Neste sentido, foram apresentados no diaporama os mesmos gráficos da semana anterior, mas, desta vez, com direcionamento à interpretação para o conceito de moda. Relativamente à ficha de trabalho, os(as) alunos(as) indicaram os tipos de gráfico estudados, o conceito de moda e a identificação da moda em vários gráficos.

Em suma, realçamos que o balanço geral foi positivo, pois possibilitou a hipótese de proporcionar momentos cruciais para o sucesso educativo dos(as) alunos(as) dando resposta a aspetos relevantes que contribuíram para o seu processo de ensino aprendizagem, enquadrado no contexto de Ensino à Distância.

### **3.3.1. Atividades que convocaram a Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico em contexto de Ensino à distância**

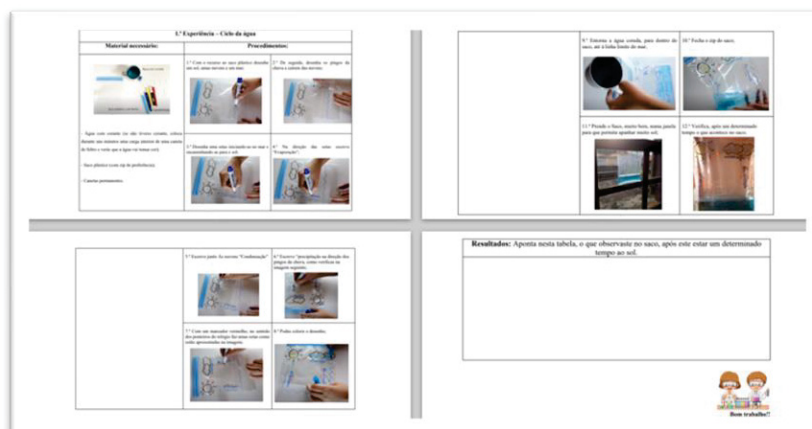
A Expressão Plástica, como vimos no Capítulo anterior, foi a área que entendemos destacar no conjunto da análise às nossas intervenções pedagógicas, tendo sido também uma área muito importante na abordagem que fizemos ao longo do Estágio Pedagógico II, em contexto de Ensino à Distância.

Nesse sentido, adiantamos que no 1.º Ciclo do Ensino Básico, embora tenha sido definido que só abordáramos as áreas com mais tempos semanais, também conseguimos explorar atividades de Expressão plástica através de conexões que fomos estabelecendo com as aquelas áreas curriculares.

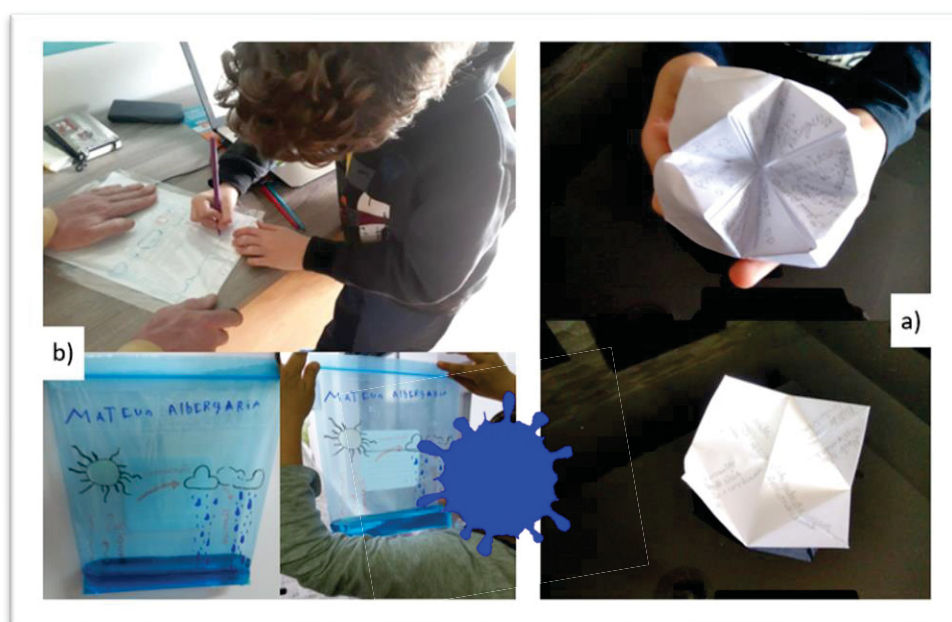
Neste contexto, apresentaremos de seguida todas as atividades que convocaram esta área curricular mediante conexões que fomos estabelecendo ao longo da nossa ação educativa. No Quadro que se segue, começamos por apresentar aquelas que conectaram a Expressão plástica com o Estudo do Meio (ver Quadro 8) Partilhamos igualmente algumas imagens com o objetivo de elucidar o leitor relativamente à natureza das atividades propostas (ver Figura 29 e 30).

**Quadro 8 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com o Estudo do Meio**

Atividades	
A12	Experiência alusiva ao Ciclo da água
A27	Construção do jogo “Quantos queres?”



**Figura 29 – Guião da Experiência do Ciclo da água**



**Figura 30 – Expressão Plástica com correlação com Estudo do Meio**

- a) Experiência alusiva ao Ciclo da água;
- b) Construção do jogo “Quantos queres?”.

No que diz respeito à atividade A12, intitulada “Experiência alusiva ao Ciclo da água” podemos destacar que os(as) alunos(as) tinham de realizar uma experiência, tendo

por base um guião. Em primeiro lugar e para avançar com a experiência os(as) alunos(as) tinham de recolher o material necessário: água com corante (se não tivessem corante, colocavam durante uns minutos uma carga interior de uma caneta de feltro e veriam que a água tomava cor), um saco plástico (com zip de preferência) e canetas permanentes. Após terem o material necessário, que foi pensado de forma que todos pudessem realizar a experiência em casa, no guião era possível verificar um conjunto de vários passos a seguir, que passavam por desenhar os vários elementos naturais (sol, mar, nuvens, pingos de chuva), as setas que orientavam o ciclo e as legendas das várias transformações físicas verificadas. Após seguirem todos os passos indicados no Guião da Experiência, tinham uma pequena tabela na qual registavam os aspetos observados. Após a conclusão desta atividade, os(as) alunos(as) teriam de enviar fotografias da mesma para a professora titular.

No que se refere à outra atividade, enquadrada nesta categoria, a construção do jogo “Quantos Queres?” (A27), relacionada com o Estudo do Meio e com a técnica da dobragem, foi sugerida aos alunos(as), através do mesmo modelo da atividade anterior, a construção de um jogo, para consolidarem conteúdos de Estudo do Meio. Com recurso ao guião de construção, teriam de seguir os passos apresentados.

Num contexto muito semelhante, também proporcionámos a oportunidade de se desenvolverem algumas atividades que estabeleceram conexão entre a Expressão Plástica e o Português, que apresentamos no quadro que se segue (ver Quadro 9). Partilhamos igualmente algumas imagens com o objetivo de elucidar o leitor relativamente à natureza das atividades que propusemos no contexto destas conexões (ver Figuras 31, 32 e 33).

**Quadro 9 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com o Português**

Atividades	
A4	Seleção de pronomes possessivos e determinantes
A29	Ilustração de 7 momentos do conto “O Segredo do Rio”
A35	Elaboração de uma banda desenhada relacionada com a fábula



Figura 31 - Seleção de pronomes possessivos e determinantes.

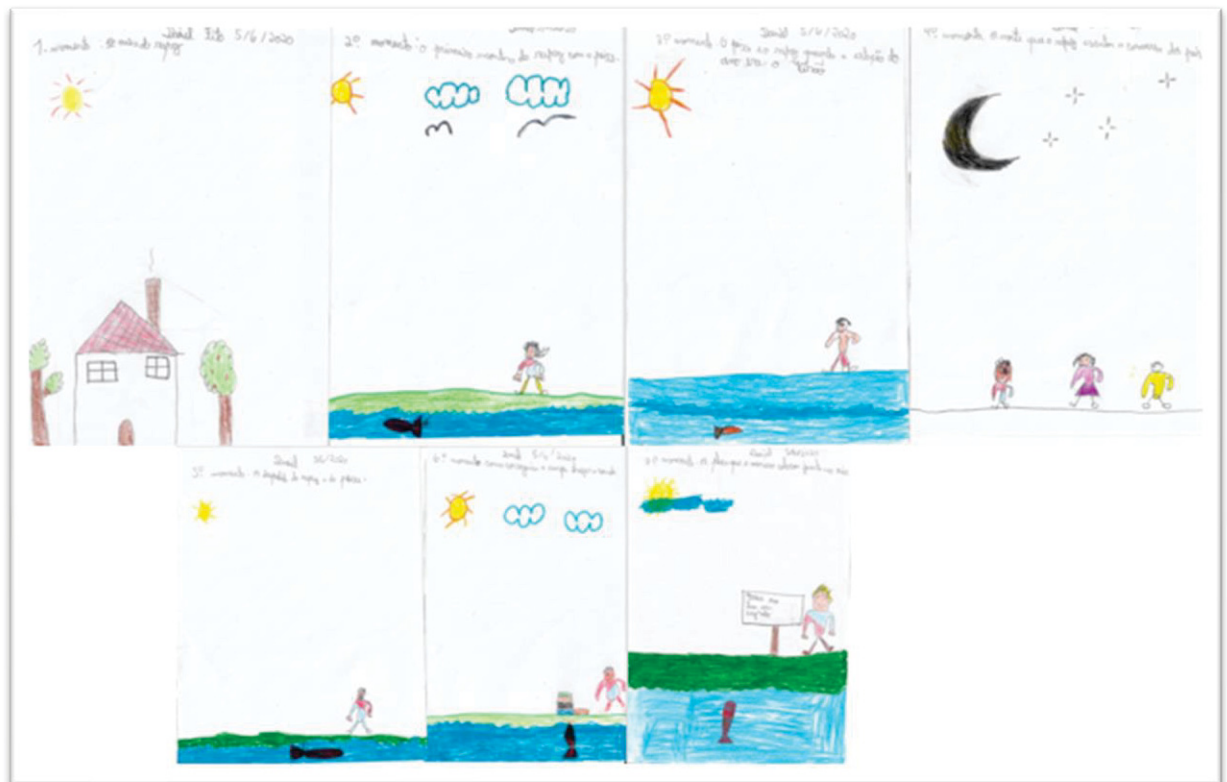


Figura 32 - Ilustração dos sete momentos do conto “O Segredo do Rio”.



**Figura 33** - Elaboração de uma banda desenhada relacionada com a fábula – “A Raposa e a Cegonha” - os trabalhos dos alunos.

No que diz respeito à atividade A4 - *Seleção de pronomes possessivos e determinantes*, podemos destacar que, primeiramente, e após a análise de um documento PDF relativo aos pronomes possessivos e aos determinantes, os(as) alunos(as) teriam de realizar uma seleção de pronomes possessivos e determinantes em revistas/jornais/caixas de cereais ou outros suportes físicos que contivessem palavras passíveis de serem recortadas. Após a seleção e recorte de vários pronomes possessivos e determinantes, os(as) alunos(as) agrupavam os recortes de acordo com a categoria em que se inseriam. No guião com as orientações para a realização das atividades propostas apresentamos uma proposta de tabela para a organização dos pronomes possessivos e determinantes encontrados. Os(as) alunos(as) teriam de realizar, no seu caderno, uma tabela baseada no exemplo dado e colar as palavras anteriormente recortadas. Importa referir que, para aferir se os(as) alunos(as) haviam identificado e agrupado corretamente os pronomes possessivos e determinantes, eles teriam de fotografar a tabela construída e enviar o

registo fotográfico para a cooperante ou para o par pedagógico via *e-mail*. Nesta atividade podemos destacar que o *feedback* da parte dos dezoito alunos(as) não foi muito positivo, pois apenas recebemos quatro registos fotográficos em relação a esta atividade.

Relativamente à atividade A29 - *Ilustração de sete momentos do conto “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares*, os(as) alunos(as), após escutarem e visualizarem um diaporama com o áudio da leitura deste conto, teriam de seguir as orientações que disponibilizávamos com o intuito de elaborar uma atividade da área da Expressão Plástica que iria complementar o diaporama. Nesta atividade tiveram de ilustrar sete momentos do conto, selecionados por nós. Em relação ao *feedback*, tal como na atividade anterior, apenas 4 dos(as) alunos(as) nos deram conta da sua realização.

Para finalizar as atividades desta categoria, propusemos que visualizassem um livro adaptado a um diaporama com áudio. O livro intitulava-se “A Raposa e a Cegonha” e pertencia à coleção Fábulas de La Fontaine. Depois de verem e analisarem esta Fábula, a atividade seguinte consistia na elaboração de uma Banda Desenhada (A35) acerca da fábula escutada. Deste modo, os(as) alunos(as) iriam basear-se num guião de forma a facilitar a organização do trabalho. Na elaboração da Banda Desenhada os(as) alunos(as) tinham de selecionar e ilustrar seis momentos da fábula. Depois de realizarem a atividade enviavam as fotografias dos resultados para a cooperante ou para o par pedagógico via *e-mail*. Nesta área tivemos o *feedback* de seis alunos(as).

Num contexto em tudo semelhante aos anteriores, também proporcionámos a oportunidade de se desenvolverem algumas atividades que estabeleceram conexão entre a Expressão Plástica e a Matemática, que apresentamos no quadro que se segue (ver Quadro 10). Partilhamos igualmente algumas imagens com o objetivo de elucidar o leitor relativamente à natureza das atividades que propusemos no contexto destas conexões (ver Figura 34).

**Quadro 10 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica em conexão com a Matemática**

Atividades	
A18	Composição com polígonos regulares e irregulares
A24	Elaboração de uma sequência utilizando polígonos regulares
A25	Construção de um pavimento com base na sua sequência



**Figura 34** - Expressão Plástica com correlação com a matemática

- a) Composição com polígonos regulares e irregulares;
- b) Elaboração de uma sequência utilizando polígonos;
- c) Construção de um pavimento com base na sequência.

Em relação à atividade A18, os(as) alunos(as), teriam de elaborar uma composição com polígonos regulares e irregulares, seguindo um guião, que apresentava um exemplo de uma composição. Sugerimos que os(as) alunos(as), numa folha de papel A4, com recurso a papéis coloridos, com formas dos polígonos regulares e irregulares, realizassem uma composição e a encaminhassem via *e-mail*, para a professora titular e ou para nós, para aferirmos se haviam realizado ou não a atividade. Recebemos *feedback* de apenas 2 alunos(as).

Quanto às atividades A24 e A25, realizada pelos(as) alunos(as), podemos destacar que as mesmas estavam interligadas. Realizámos uma revisão do conteúdo referente às *pavimentações do plano*, especificando, num diaporama, qual o critério de construção de um pavimento, apresentando os polígonos regulares que permitiam fazer pavimentações, exemplificando uma sequência de pavimentações com diferentes polígonos regulares e, ainda, apresentando pavimentações construídas através de polígonos regulares e irregulares, sendo estas mais complexas.

Após a visualização do diaporama, e com acesso ao *link* das respetivas orientações, os(as) alunos(as) teriam de elaborar uma sequência (A24), com polígonos regulares, colorindo-a com recurso a uma folha quadriculada. Tal como referimos acima e para complementar a atividade, foi proposto que construíssem um pavimento (A25), com base na sua sequência. Para esta atividade, o *feedback* foi inferior às restantes, apenas

um dos(as) alunos(as), realizou a mesma e encaminhou registos fotográficos para a professora cooperante.

### **3.4. Em jeito de Síntese...**

De forma global, destacamos que, ao longo da nossa ação educativa existiram aspetos positivos e os aspetos a melhorar, para conseguirmos organizar as nossas sequências didáticas da melhor maneira possível, considerando as necessidades de cada aluno(a) e tendo atenção à dificuldade que estes(as) alunos(as) apresentavam no acesso aos meios tecnológicos, até porque alguns deles só tinham acesso aos conteúdos e materiais complementares através de *smartphones*. Como estes eram os recursos que os(as) alunos(as) tinham ao seu alcance, tivemos de nos organizar e elaborar sequências didáticas com materiais complementares, em formatos a que todos pudessem ter acesso, independentemente do aparelho eletrónico que utilizassem.

Nesta ordem de ideias, destacamos que ao longo do nosso percurso o *feedback* que os(as) alunos(as) apresentavam foi decrescendo. Inicialmente, fomos adaptando as estratégias e metodologias utilizadas para dar resposta a este obstáculo, no entanto, fomos verificando que, mesmo apresentando outras opções de realização das atividades, o *feedback* que recebíamos era quase sempre dos(as) mesmos alunos(as). Ainda assim, e tendo por base um questionário, direcionado para a professora cooperante, tínhamos acesso ao seu *feedback* em relação à nossa prestação neste contexto. No que respeita aos recursos materiais que nós preparávamos, podemos destacar que esta sempre destacou aspetos positivos, na sua globalidade, e enfatizou que sendo um contexto de novidade para todos nós, era de valorizar o nosso esforço perante as adversidades que surgiam e também era de valorizar o *feedback* por parte dos(as) alunos(as), apesar deste ter decrescido. Acabou mesmo por assumir que, se fosse ela a implementar as atividades, achava que não iria receber tantas respostas como aquelas que fomos recebendo ao longo do nosso percurso.

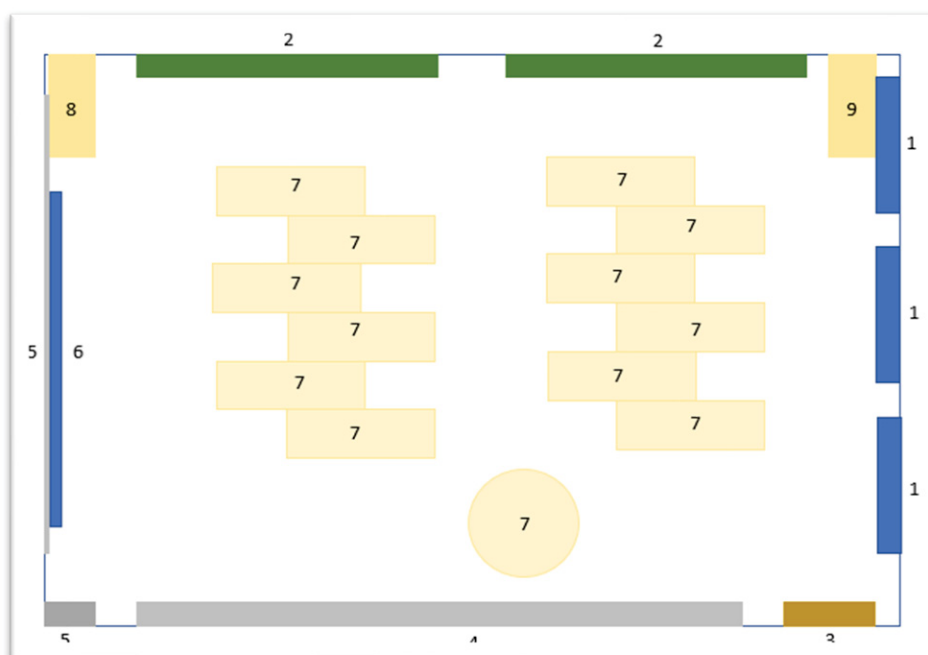
### **3.5. Notas sobre o nosso Ensino Presencial**

Depois de fazermos a apresentação e análise da nossa ação educativa no contexto do ensino *online*, adotaremos o mesmo procedimento também para as práticas que desenvolvemos durante o período de ensino presencial realizado depois do período mais

crítico da crise pandémica, quando voltámos novamente às escolas, já no ano letivo seguinte. Como explicitámos mais acima, estagiámos na mesma localidade, mas fomos acolhidas numa escola diferente. É deste contexto que nos ocupamos no ponto que se segue.

### 3.5.1. Caracterização da Escola e da sala de aula

Relativamente à caracterização física da instituição, podemos salientar que este núcleo se tratava de um edifício reformulado, com uma construção moderna, oferecendo aos alunos(as) a oportunidade de usufruir de um edifício apetrechado de estruturas e equipamentos muito sofisticados. Ao contrário do que aconteceu no momento de estágio anterior, em que contávamos apenas com os meios tecnológicos para comunicar com os alunos, desta vez, tínhamos à nossa disposição uma sala de aulas preparada para tal, aspeto que mudou significativamente a nossa ação educativa. Na Figura que se segue, partilhamos com o leitor a planta da sala que nos acolheu, que se localizava no piso térreo de um dos edifícios da escola, cuja arquitetura respeitava o traço dos antigos edifícios do plano dos centenários (ver Figura 35).



**Figura 35** – Planta da sala de aula em contexto presencial

- 1) Janelas; 2) Quadros; 3) Porta; 4) Armários;
- 5) Lavatório; 6) Cabides; 7) Secretárias/mesas;
- 8) Secretária da professora; 9) Secretária do computador.

### 3.5.2. O horário da turma

Quanto às rotinas da sala, os(as) alunos(as) regiam-se através de um horário estabelecido, afixado num dos armários. No entanto, e sempre que necessário, a nossa orientadora de escola era flexível ao ponto de ajustar e realizar as devidas alterações, atendendo às necessidades que poderiam surgir no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Na Figura que se segue partilhamos com o leitor a forma como estavam distribuídas as áreas curriculares ao longo da semana (ver Figura 36).

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00					
9:45	Português	Matemática	Matemática	E. Física	Português
9:45					
10:30	Português	Matemática	Matemática	Inglês	Português
10:30					
11:00	INTERVALO				
11:00					
11:45	Matemática	Português	E. Meio	Português	Matemática D.A
11:45					
12:30	Matemática	Português	E. Meio	Português	Matemática D.A
12:30					
13:30	ALMOÇO				
13:30					
14:15	E. Meio	Cidadania	Português	Matemática	E. Meio
14:15					
15:00	E. Meio	Inglês	Moral	Música	E. Plástica
15:00					
15:45	E. Física		E. Física	Dramática	

Figura 36 – Horário semanal

### 3.5.3. Caracterização da turma

A turma do 4.º ano onde a nossa ação educativa se desenrolou, no segundo momento do Estágio Pedagógico II, em contexto de Ensino Presencial, era constituída por doze alunos(as), sendo que cinco eram do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos. Todos(as) os(as) alunos(as) frequentavam o 4.º ano pela primeira vez.

Deste grupo, cinco alunos estavam inseridos no Centro de Apoio à Aprendizagem e, para eles, foram propostos percursos curriculares diferenciados: um dos alunos do sexo masculino apresentava limitações graves no domínio comunicacional e ligeiras no domínio emocional. Este aluno beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem. Relativamente às medidas seletivas beneficiava também de adaptações curriculares não significativas nas áreas do Português e Matemática. Tínhamos também uma menina que

apresentava limitações moderadas no domínio cognitivo e ligeiras no emocional. Esta aluna beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão. Ao nível de medidas seletivas beneficiava, também, de adaptações curriculares não significativas nas áreas de Português e Matemática e de apoio psicopedagógico: por docente de Educação Especial e técnicos especializados: terapeuta da fala e psicóloga (consultadoria e aconselhamento). A turma integrava ainda o uma outra menina que apresentava limitações ligeiras nos domínios cognitivo e emocional/personalidade e graves no domínio comunicacional (perturbação da aprendizagem específica, com défice na leitura (*dislexia*): precisão da leitura de palavras, ritmo ou fluência de leitura, compreensão da leitura; com défice na expressão escrita (disortografia): precisão ortográfica, precisão gramatical e da pontuação, clareza e organização de expressão escrita e com défice na Matemática (discalculia): nomeadamente problemas no processamento da informação numérica, aprendizagem de factos aritméticos, raciocínio matemático preciso e cálculo preciso. Esta aluna beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão. No que diz respeito ao nível de medidas seletivas, e tal como os outros(as) alunos(as), também beneficiava de adaptações curriculares não significativas nas áreas de Português e Matemática e de apoio psicopedagógico: por docente de Educação Especial e técnicos especializados: terapeuta da fala e psicóloga (consultadoria e aconselhamento). Por fim, havia ainda um outro aluno, do sexo masculino, que apresentava limitações graves no domínio cognitivo e comunicacional e moderadas no emocional/personalidade. Este beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão e de adaptações curriculares não significativas nas áreas de Português e de Matemática e de apoio psicopedagógico: por docente de Educação Especial e por técnicos especializados: psicomotricista e psicóloga (consultadoria/aconselhamento).

De modo geral, os(as) restantes alunos(as) apresentavam um nível de desenvolvimento adequado ao ano em que se encontram, no entanto, e visto que no ano curricular anterior tinham frequentado o ensino à distância, existiam conteúdos ao nível do 3.º ano do Ensino Básico que não haviam sido adquiridos.

### **3.6. A Ação Educativa no Ensino Presencial**

Após a caracterização do contexto onde se desenvolveram as nossas práticas no segundo momento do Estágio Pedagógico II, realizado em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em Ensino Presencial, centramo-nos agora na nossa ação educativa. Neste

sentido, reunimos um conjunto de atividades planejadas e implementadas ao longo das nossas intervenções, que serão analisadas e refletidas, com base no quadro seguinte (ver Quadro 11). Este, por sua vez, destaca as áreas convocadas nas diversas atividades, bem como as datas da concretização das mesmas.

**Quadro 11 – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico II – Ensino em contexto presencial.**

Calendarização			Áreas dos conteúdos										
Intervenção	data	Descrição da atividade	Cidadania	Estudo do Meio	Português	Matemática	Expressões						
							Físico-Motora	artísticas					
								Dramática	Plástica	Musical			
1.ª Intervenção – Par	21 e 22 de setembro	A1	Audição da fábula “A Lebre e a Tartaruga”										
		A2	Diálogo sobre a fábula “A Lebre e a Tartaruga”										
		A3	Ficha de trabalho – “A Lebre e a Tartaruga”										
		A4	Leitura da fábula “A Lebre e a Tartaruga”										
		A5	Escrita da moral da fábula “A Lebre e a Tartaruga”										
		A6	Diálogo sobre o calendário										
		A7	Poema sobre os meses do ano										
		A8	Preenchimento de tabela - numerais ordinais até 12										
		A9	Números ordinais de 10 até 20										
		A10	10 em 10 números ordinais										
		A11	Exercício oral – números ordinais										
		A12	Preenchimento de tabela – aniversários										
		A13	Relação entre o calendário e a agricultura										
		A14	Realização de um cartaz										





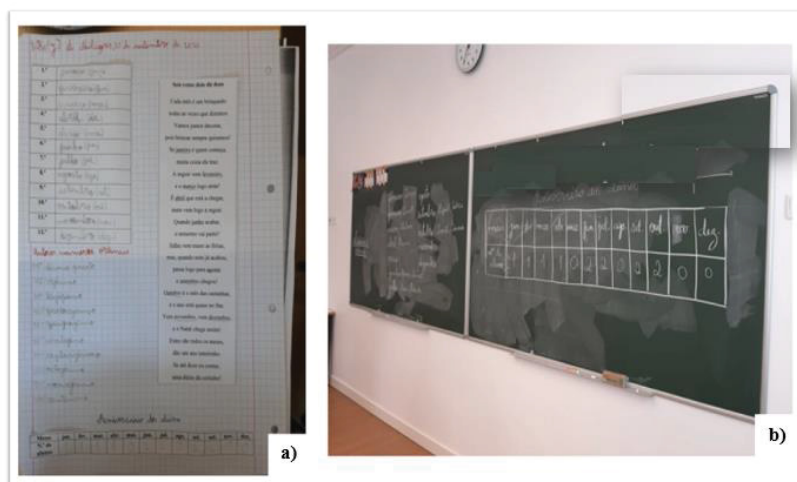
Após uma apresentação global do quadro síntese das atividades desenvolvidas, bem como uma breve explicação da sua forma de interpretação, torna-se relevante apresentar o seu conteúdo, que clarificará a exploração realizada em cada uma das intervenções.

Começamos por dedicar a nossa atenção ao **início do nosso estágio** e aos dias em que a intervenção foi partilhada com a nossa colega de estágio, que decorreram nos dias 21 e 22 de setembro de 2020.

Relativamente ao primeiro dia, e no que diz respeito às áreas exploradas, podemos destacar que trabalhamos conteúdos das áreas do Português, da Matemática e do Estudo do Meio. Na área do Português, optámos por explorar a fábula intitulada, “*A Lebre e a Tartaruga*”, pois na sequência da nossa observação e em diálogo com a professora titular, achamos por bem dar continuidade à exploração deste tipo de texto pois, na semana anterior, a professora titular também tinha recorrido a uma fábula. As atividades que preparámos para a exploração desta área foram: a audição da fábula, através de um CD (A1), explorando, de seguida, aspetos importantes da ação da fábula e escrita de palavras-chave sobre a mesma (A2), a leitura da fábula (A4) e, seguidamente, de forma individual, a interpretação escrita da mesma (A5).

Relativamente à área da Matemática e do Estudo do Meio, decidimos explorá-las em simultâneo, uma vez que o conteúdo que foi proposto enquadrava-se perfeitamente nas duas. Desta forma, iniciámos este momento com um pequeno diálogo, questionando, em grande grupo, o dia em que nos encontrávamos, o mês e o ano, de modo que os(as) alunos(as) associassem esta informação ao calendário (A6). De seguida, entregamos aos alunos(as) um poema alusivo aos meses do ano. Após a sua distribuição, pedimos que cada um o lesse individualmente e em silêncio e, posteriormente e de forma aleatória, em voz alta, foram lidos alguns versos (A7). Para complementar a leitura do poema e fazendo uma ligação com a área da Matemática, distribuímos uma tabela, que foi colada no caderno, com os números ordinais até doze. Fazendo ligação com o poema, pedimos que colocassem por ordem os meses do ano na tabela (A8). Complementando esta atividade, questionámos a turma se ainda se recordava dos numerais ordinais até vinte. Então, e como já estava planificado, no quadro e em simultâneo com a turma, pedimos que fossem escrevendo no seu caderno os numerais ordinais até vinte (A9). Depois de completarem os numerais ordinais até 20 decidimos explorar com a turma, os numerais ordinais de 10 em 10. Desta forma, e em grande grupo, fomos questionando os(as) alunos(as) sobre determinado numeral e pedimos novamente que registassem tudo no seu caderno. Neste

momento, notámos dificuldades na escrita e na enunciação de alguns numerais ordinais. Ainda na área da Matemática, entregámos uma outra tabela com a finalidade de organizarmos os aniversários da turma por meses. Ao questionar os(as) alunos(as) quanto ao seu dia e mês de aniversário, verificávamos, através da contagem, quantos festejavam em cada mês e, simultaneamente a esta contagem, íamos fazendo o respetivo registo na tabela (A12). Aproveitando um poema que falava dos meses do ano, foi possível explorar conteúdos que não sabíamos se já teriam sido trabalhados nesta turma. Na figura que se segue, procuramos ilustrar alguns dos contornos destas atividades (ver Figura 37).



**Figura 37** – Poema dos meses do ano e atividades complementares

- a) Registos no caderno de Matemática: tabelas;
- b) Registos das atividades no quadro.

Por fim, e fazendo uma ponte de ligação com o conteúdo e com as atividades exploradas, relacionámos o calendário com a agricultura (A13). Para esta atividade decidimos criar um cartaz que foi colocado na sala de aula, junto do calendário, com os produtos agrícolas que se semeavam em determinadas alturas do ano (A14).

Para finalizar, e com o objetivo de se verificar se haviam conseguido memorizar alguma informação, distribuámos pelos(as) alunos(as) uma minificha com palavras cruzadas (A15).

Relativamente ao dia 22 de setembro as áreas exploradas foram a área da Matemática, do Português e da Cidadania. Em relação à área da Matemática, as atividades que decidimos trabalhar com os(as) alunos(as) foram a leitura de números e a exploração do quadro posicional. Para este momento, decidimos disponibilizar uma ficha questionando sobre o quadro posicional que se encontrava preso no quadro (A16). Fomos

de seguida introduzindo os conceitos que iríamos abordar a seguir. Desta forma, e em grande grupo, explorámos a parte introdutória da ficha (A17). Neste momento, identificámos os vários tipos de leitura, definimos cada um deles no quadro e, assim, possibilitámos que os(as) alunos(as) completassem os espaços em falta com a informação correta, de forma a recorrerem à ficha mais tarde, para reverem ou relembrem este conteúdo. De seguida, e visto que a ficha estava dividida em duas partes, parte introdutória e parte prática, decidimos que daríamos oportunidade aos alunos(as) de resolverem a mesma sozinhos e, de seguida, corrigimos no quadro a leitura dos números que a mesma integrava (A18).

No que diz respeito à área do Português, decidimos retomar a fábula do dia anterior, “*A Lebre e a Tartaruga*” e iniciámos este momento com a leitura da mesma (A19). Fizemos depois um exercício ortográfico sobre o texto e a autocorreção do mesmo.

Finalizando o dia, ena área da Cidadania, realizámos com os(as) alunos(as) um diálogo quanto às regras da sala de aula (A23), com a finalidade de registarem e ilustrarem as regras (A24) para ficarem disponíveis na sala de aula, nos moldes que ilustramos na imagem que se segue (ver Figura 38).



**Figura 38** – Regras da sala de aula

No que diz respeito às **intervenções individuais**, mais concretamente, nos dias 23 e 24 de setembro de 2020, as áreas exploradas foram: a Matemática, o Estudo do Meio, o Português e a Educação Físico Motora. No que diz respeito à área da Matemática, demos continuidade ao conteúdo trabalhado no dia anterior, a exploração da leitura de números naturais através da utilização do quadro de valor posicional. Neste sentido, e para verificar se se recordavam do que tínhamos trabalhado, no quadro e em grande grupo,

questionamos os(as) alunos(as) quanto aos tipos de leitura, pedindo que fizessem a sua distinção (A25). Com recurso a uma ficha (A26), colocamos em prática o que até ao momento tínhamos explorado e partimos depois para a resolução de exercícios, que foram posteriormente corrigidos no quadro (A27).

No que se refere à área do Estudo do Meio, o conteúdo trabalhado foi a identidade. Desta forma e através do auxílio de uma cópia de um Cartão de Cidadão explicámos aos alunos(as) o significado de cada uma das partes que o constituem (A28). Sem grandes dificuldades e com intervenções orais muito interessantes os(as) alunos(as) davam exemplos de onde podíamos utilizar determinada informação do nosso cartão de cidadão, no nosso dia-a-dia. Em complementaridade, foi distribuído um cartão de cidadão, em tamanho A5, que cada um deles teve de completar com as suas informações pessoais (A29).

Em relação à área do Português, optámos por dar continuidade à atividade anterior da área do Estudo do Meio. Desta forma, explorámos a identidade de cada aluno(a) através da solicitação do preenchimento de uma ficha/guião onde teriam de utilizar informações do Cartão de Cidadão, complementando com outro tipo de informações mais pessoais como qualidades, defeitos e características físicas. Ao preencherem os campos da ficha, recordou-se o modo como se estruturava um texto descritivo, tarefa que motivou a escrita, no caderno, de um texto descritivo, com o auxílio do guião (A30).

Quanto à área da Educação Físico Motora, que decorreu no pavilhão da escola, começámos por pedir aos alunos para realizarem um aquecimento (A31). De seguida propôs-se a realização de um jogo intitulado “O Mestre” (A32). Uma vez que as normas de segurança da altura determinavam que se evitasse o contacto físico entre os(as) alunos(as), este jogo foi o mais indicado para aquele contexto, tal como se depreende da figura que se segue (ver Figura 39).



a) Aquecimento;  
b) Explicação do Jogo – “O Mestre”;  
c) Jogo – “O Mestre”.

Relativamente às áreas exploradas no dia 24, estas foram o Português, a Matemática e a Expressão Plástica. No que se refere à área do Português, foi retomada a fábula da segunda-feira, intitulada “*A Lebre e a Tartaruga*”. Neste sentido, iniciámos com a audição da fábula (A34) à qual se seguiu a exploração de um guião de apoio à realização de uma banda desenhada alusiva à mesma (A35).

No que se refere à área da Matemática, e dado que na aula anterior havíamos trabalhado o algoritmo da adição, seguimos o mesmo modelo e explorámos com os alunos o algoritmo da subtração (A36).

Por fim, no que diz respeito à área da Expressão Plástica e uma vez que necessitávamos de recolher alguns dados para o Relatório de Estágio aplicámos aos um questionário semelhante ao que havíamos utilizado no Estágio Pedagógico I (A37). No verso da folha, solicitámos que cada um fizesse um desenho livre (A38).

No que diz respeito à **segunda intervenção individual**, realizada nos dias 6 e 7 de outubro, as áreas exploradas foram: a Matemática o Português e a Cidadania. No que se refere à área da Matemática, e dado que em aulas anteriores havíamos trabalhado o algoritmo da adição e da subtração, seguimos o modelo utilizado anteriormente e explorámos, através de uma ficha de trabalho, problemas relacionados com as operações trabalhadas (A40).

No que diz respeito à área do Português, foi trabalhado com os alunos um poema, intitulado: “*A Alimentação*”. Neste sentido, antes de iniciarmos as atividades relacionadas com este poema, fizemos uma revisão, em grande grupo, do que havia sido trabalhado na semana anterior. O objetivo era idêntico ao da área da Matemática, ou seja,

realizar uma síntese no quadro (A41), de forma que os alunos copiassem para o caderno, relembando e memorizando a estrutura base dos textos explorados e inserindo a estrutura e exploração de um poema. Relativamente ao tema do poema, este foi escolhido com a intenção de o par pedagógico, junto com a professora cooperante, organizarem uma apresentação para a restante escola, no dia da alimentação (atividade do PAA - projeto anual de atividades). Por esse motivo, era importante que nesta semana começássemos a explorar o tema, de forma que ficasse decidido com os alunos os pormenores do Projeto. Quanto ao poema, os alunos realizaram uma leitura silenciosa e uma leitura para a turma (A42). Por fim, trabalhámos a expansão frásica a partir de frases relacionadas com a mesma temática. Para complementar esta atividade entregámos uma ficha de trabalho (A43) que estava estruturada em duas partes, uma parte introdutória e uma parte prática.

Quanto à Cidadania, optámos por mostrar à turma um vídeo que nos conduziu para um debate coletivo. É de salientar que ao realizar estas atividades trabalhámos conteúdos muito importantes desta disciplina, apelando aos valores. Neste caso, foi visualizado um pequeno vídeo (A44) que mostrava uma criança que chega sempre atrasada à escola porque necessita de ajudar a sua mãe que apresentava mobilidade reduzida. O professor da criança, inicialmente, não compreendia tais atrasos, mas depois de se cruzar com ele a ajudar a mãe, apercebe-se que havia agido de forma incorreta. Este tema veio a propósito, pois a escola recebeu dois grupos de crianças e jovens com necessidades educativas especiais e verificámos alguns comportamentos de rejeição por parte de alguns dos elementos da turma, daí a necessidade de sensibilizá-los para a diferença, para que refletissem e, posteriormente, procurassem melhorar as suas ações. Depois de debatido o tema, em grande grupo, os alunos escreveram um pequeno texto relacionado com o vídeo que visualizaram (A46).

Relativamente às áreas exploradas no segundo dia de intervenção, estas foram a Matemática, o Estudo do Meio, o Português e a Educação Físico-Motora. No que diz respeito à área da Matemática, demos continuidade ao conteúdo trabalhado no dia anterior, a exploração do algoritmo da subtração e a introdução de problemas relacionados com esta operação (A47).

No que se refere à área do Estudo do Meio, o conteúdo trabalhado foi “*A saúde e a segurança do esqueleto*”. Desta forma, e através do auxílio do manual, pedimos aos alunos que analisassem a informação apresentada, realizando uma leitura dessa informação, em grande grupo, sintetizando-a no quadro e copiando-a posteriormente para o seu caderno (A48).

Em relação à área do Português, e uma vez que não concluímos a ficha de trabalho, anteriormente explorada (A43) recorreremos à mesma para efetuar os exercícios restantes, (A49). As atividades planificadas para este momento ficaram para segundo plano. No entanto, é importante salientar que devemos ter abertura suficiente quando este tipo de situações acontecem. No nosso entender, nunca devemos avançar com matéria se a anterior não estiver bem consolidada.

Quanto à área da Educação Físico-Motora que decorreu no pavilhão da escola, pedimos que os alunos fizessem um aquecimento (A50), respeitando as orientações dadas em relação ao distanciamento entre os colegas. De forma voluntária, um dos alunos orientou este momento. No entanto, foi necessário complementar o aquecimento de forma que este fosse executado na perfeição. De seguida, foi proposto um jogo intitulado: “O jogo dos arcos” (A51). Por fim, e depois de jogarmos duas vezes, realizámos alongamentos (A52) de forma que, posteriormente, não houvesse lesões a reclamar.

Relativamente, à **semana intensiva de intervenção**, que decorreu de 12 a 16 de outubro, as áreas exploradas na segunda-feira, foram: o Português, a Matemática e o Estudo do Meio. No que diz respeito à área do Português, trabalhámos os verbos. Começámos por fazer revisões da matéria explorada na semana anterior (A53), e partimos depois para a introdução do tempo verbal – futuro do indicativo (A54). Para a realização desta atividade começámos por apresentar uma ficha de trabalho (A55) que se iniciava com os tempos verbais anteriormente lecionados.

No que se refere à área da Matemática, e dado que em aulas anteriores havíamos trabalhado o algoritmo da multiplicação e o sentido desta através de problemas, demos continuidade a este conteúdo. Desta forma, ao introduzir um problema modelo, voltámos a explorar com os alunos a organização que devem manter ao realizá-los. Sem grandes dificuldades alguns dos alunos foram oralmente indicando as partes essenciais que devemos ter em atenção na resolução de um problema (A56). De seguida, individualmente, resolveram outros problemas, tendo em conta a organização e complexidade dos mesmos, através de uma ficha de trabalho (A57).

Quanto à área de Estudo do Meio, e uma vez que, na semana anterior, não havia sido possível concluir todas as atividades propostas, porque em alguns momentos foi necessário aprofundar melhor os conteúdos, deu-se continuidade a estas atividades. O conteúdo explorado foi: “*A saúde e a segurança do esqueleto e dos músculos*” (A58). Uma vez que a turma havia abraçado o projeto do “*Dia da Alimentação*”, integrado no PAA da escola, no tempo restante, complementámos o pré-projecto deste, dividindo os

alimentos selecionados da roda dos alimentos pela turma, para que, nos dias seguintes, conseguíssemos concretizar os materiais necessários para a apresentação deste projeto (A60).

No que diz respeito às áreas exploradas na terça-feira, foram a Matemática, a Expressão Plástica e a Expressão Dramática. Desta forma, explorámos a divisão na área da Matemática, na área das Expressões preparámos os materiais necessários para a apresentação e na Expressão Dramática realizámos um primeiro ensaio.

Relativamente às áreas exploradas na quarta-feira, estas foram: a Expressão Plástica, o Estudo do Meio, o Português e a Expressão Dramática. Começámos por realizar a base de máscaras alusivas ao Halloween (A67), para complementar um outro projeto que se integrava no PAA da escola. Este projeto havia resultado de um convite endereçado pela universidade dos Açores, no contexto das atividades do Programa *American Connor* para a realização de máscaras alusivas ao tema que seriam depois avaliadas no sentido de eleger a mais original. Este pareceu-nos ser um desafio interessante, até porque vinha ao encontro do tema que queríamos aprofundar no nosso Relatório de Estágio.

No que se refere à área do Estudo do Meio, o conteúdo a ser trabalhado foi “*O esqueleto humano – e as suas diferentes funções*” e “*A Cabeça*”. O tema começou a ser explorado com base numa ficha de trabalho (A68). Para complementar a atividade, e dado que a escola possuía um esqueleto, tirámos partido deste recurso para consolidar o tema em estudo (A69).

Em relação à área do Português, realizámos uma revisão do conteúdo dos verbos. Mais uma vez, e com recurso a uma ficha de trabalho (A70).

Quanto à área da Expressão Dramática, no pavilhão da escola, realizámos um ensaio geral (A71), bem estruturado, tal como se estivéssemos a apresentar para as turmas, o projeto do *Dia da Alimentação*.

No que se refere às áreas exploradas na quinta-feira, estas foram: o Português, a Matemática e a Expressão e Educação Dramática. Quanto à área do Português, explorámos um texto narrativo. Desta forma, e com recurso a uma ficha de trabalho, os alunos efetuaram uma leitura silenciosa do mesmo à qual se seguiu também a sua leitura em voz alta, para toda a turma (A72). Esta foi, de facto, uma estratégia que adotámos ao logo do estágio, todas as vezes que trabalhámos determinado texto porque, aquando da audição e análise da leitura destes alunos, verificámos uma melhoria muito significativa

no seu desempenho, inclusive do aluno que se encontrava ao nível do 2.º ano. Após realizarmos a leitura do texto, os alunos fizeram a interpretação do mesmo (A73).

No que diz respeito à área da Matemática, e dado que em aulas anteriores trabalhamos o algoritmo divisão, e visto que ainda mantinham dificuldades em perceber a mecânica deste, em exercícios mais complexos demos continuidade, no caderno, e com recurso ao quadro para a correção, à realização de novos algoritmos da divisão (A74). Tentei que cada um pudesse vir ao quadro para que eu auscultasse quem percebia ou não a mecânica desta operação.

Em relação à área da Expressão e Educação Dramática, fizemos um novo ensaio geral da apresentação do projeto do *Dia da Alimentação* (A75), uma vez que no dia seguinte, de manhã, seria apresentado à escola. Apesar de não se tratar propriamente de uma dramatização, os alunos teriam de ter em conta aspetos relevantes da área da Expressão e Educação Dramática para efetuarem a apresentação. Por isso, foi necessário recorrer várias vezes ao ensaio para que na apresentação do dia seguinte corresse tudo como pretendido. Neste ensaio foi possível verificar que todos eles já sabiam as suas falas de cor, bem como os gestos teriam de efetuar durante a apresentação.

Por fim, relativamente à sexta-feira, as áreas exploradas foram: a Expressão Dramática, a Matemática, o Estudo do Meio e as áreas de Expressão Plástica e Expressão e Criação Musical. No momento dedicado da área da Expressão Dramática, apresentámos o projeto do *Dia da Alimentação* (A76). Destacamos deste momento que os alunos foram capazes de, autonomamente, apresentarem o que ensaiaram durante a semana para as restantes turmas. No geral a apresentação correu na perfeição, foi um momento muito rico de interação entre os diferentes anos escolares. É importante reforçar que cada um dos alunos apresentou a sua parte muito bem, notando-se um esforço e responsabilidade na concretização do projeto. Para além disto e uma vez que uma das turmas de NEE, também tinha ensaiado uma música, demos-lhe lugar no palco e ficámos a assistir à prestação destes jovens (A77). É de notar que este momento foi de uma riqueza impressionante, pois todos os alunos ficaram muito atentos e entusiasmados ao assistirem à apresentação dos colegas, com algumas limitações. Depois desta apresentação, e uma vez que a mesma englobava língua gestual, o professor de música que acompanhava a turma de NEE interagiu com os restantes alunos, presentes no pavilhão. Em grande grupo, ensinou-nos a realizar os gestos de forma que pudéssemos acompanhar os jovens.

Quanto à área da Matemática, e uma vez que necessitamos de um tempo deste momento para complementar o projeto, ao regressarmos à sala, demos continuidade às

atividades exploradas em dias anteriores. Desta forma resolvemos uma ficha de trabalho de problemas associados à operação da divisão.

No que se refere à área do Estudo do Meio, e uma vez apresentado o projeto, demos continuidade ao estudo do corpo humano. Neste momento, explorámos “*O Tronco*”. Com o apoio de uma minificha (A79), analisámos os principais ossos do tronco, explorando cada uma destas partes. De seguida, os alunos legendaram sem dificuldades, uma imagem alusiva a este conteúdo. Tal como aconteceu com o conteúdo anterior, neste momento, recorremos ao esqueleto para explorar e consolidar os conteúdos em estudo (A80). Como tínhamos vindo a efetuar este procedimento todas as vezes que aprendíamos algo novo acerca do esqueleto, foi perceptível verificar que os alunos identificaram, sem dificuldades, todos os ossos até então explorados.

Quanto à área da Expressão e Educação Plástica, foi solicitado que cada aluno realizasse um desenho livre em suporte de papel A4 (A81).

### **3.7. Em jeito de Síntese...**

Em suma, e para que fique registado, tal como havíamos verbalizado em alguns momentos do estágio, já tínhamos saudades de intervir com alunos. A metodologia utilizada no ensino à distância foi muito enriquecedora para a nossa prática profissional, até porque não sabemos os contextos que teremos de enfrentar no futuro. No entanto, trabalhar presencialmente com os alunos, sentir a turma em sintonia connosco e atenta ao que transmitimos, receber entusiasmo e perceber no imediato se estamos a atuar de forma correta é muito gratificante.

A nossa professora cooperante perguntava em voz alta várias vezes, “o que é um professor sem alunos?”. A resposta não se fazia esperar e os alunos retorquiam: “– E o que somos sem a professora?”. E foi este o sentimento que imperou ao longo deste estágio no qual tentámos tirar o máximo partido da presença física dos alunos e do potencial de interação que com eles se estabelecia.

Além disso, o fato de termos iniciado o estágio ao mesmo tempo que a professora titular foi uma mais-valia na interação com a turma. Em situações anteriores, pelo facto de entrarmos mais tarde, sentíamos que a turma não nos olhava como professoras e perdíamos um pouco a estabilidade que conseguimos encontrar ao entrar no dia em que os alunos começaram a escola. Na realidade, os alunos olhavam para nós, não como meras

estagiárias, mas sim como professoras, o que faz alguma diferença na nossa opinião, tanto na nossa prestação como estagiárias como a interação estabelecida com a turma.

### **3.8. Atividades que convocaram a Expressão Plástica no contexto do ensino presencial.**

À semelhança do que fizemos para os demais contextos de estágio, debruçamo-nos agora na análise das atividades que convocaram a Expressão Plástica, tema que mereceu especial destaque durante o nosso percurso, no contexto do presente trabalho. Nesse sentido, adiantamos que no 1.º Ciclo do Ensino Básico conseguimos explorar atividades que se centraram no *desenho* como forma de compreender e ilustrar o mundo, atividades que se concentram nas artes visuais em conexão com outras áreas e com atividades centradas nas artes visuais como recurso pedagógico. De seguida, serão as atividades que convocaram estas categorias acompanhadas de uma reflexão do que observámos na nossa prática pedagógica. Para cada categoria em causa, será apresentado um quadro síntese com as respetivas atividades e um mosaico ilustrativo das mesmas.

Tal como já tivemos oportunidade de explicar, neste ponto do nosso trabalho iremos aprofundar algumas das atividades que, no contexto da segunda parte do Estágio Pedagógico II, convocaram a Expressão e Educação Plástica, área que decidimos explorar de forma mais aprofundada no presente Relatório. Neste sentido, por uma questão de organização da nossa análise, começaremos por apresentar as atividades centradas no *Desenho como forma de compreender e ilustrar o Mundo*. No quadro que se segue, reunimos aquelas que desenvolvemos com base neste eixo de análise (ver Quadro 12).

**Quadro 12 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo centradas no Desenho como forma de compreender e ilustrar o mundo**

Atividades	
A38	Desenho livre – início do estágio
A80	Desenho livre – final do estágio
A67	Elaboração de máscaras

Como podemos verificar no Quadro que acima apresentamos, foram selecionadas três atividades, que passamos a apresentar com maior nível de detalhe.

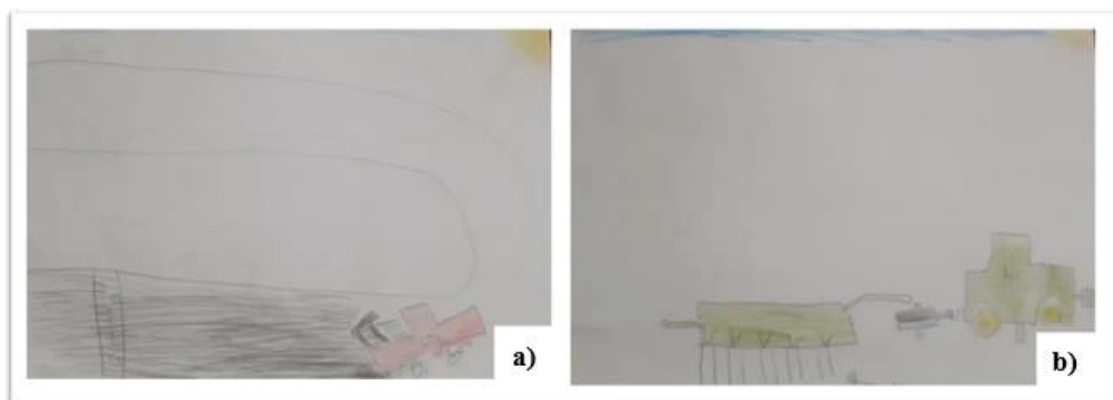
No que se refere à atividade A38, *Desenho livre*, solicitámos aos alunos que fizessem um desenho livre, numa folha A4 (A38). Cada aluno registou, com recurso a materiais de desenho, lápis de cor, lápis de cera, pontas de feltro, canetas coloridas, um desenho livre de forma que, futuramente, em comparação com um outro registo gráfico que veio a ser recolhido na semana intensiva (A80), conseguíssemos comparar os registos e verificar se havia marcas de evolução entre ambos. Neste contexto, podemos adiantar que, de uma forma geral, todos os alunos apresentavam características adequadas na aplicação da técnica do desenho. Especificando um pouco mais, realçamos o caso de uma menina da turma, com 9 anos de idade, cujos desejos revelam uma forte ligação entre si, convocando o mesmo elemento nos dois registos, neste caso um baloiço, tal como se percebe na imagem que se segue (ver Figura 40).



**Figura 40** – Desenho da aluna J (rapariga, 9 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

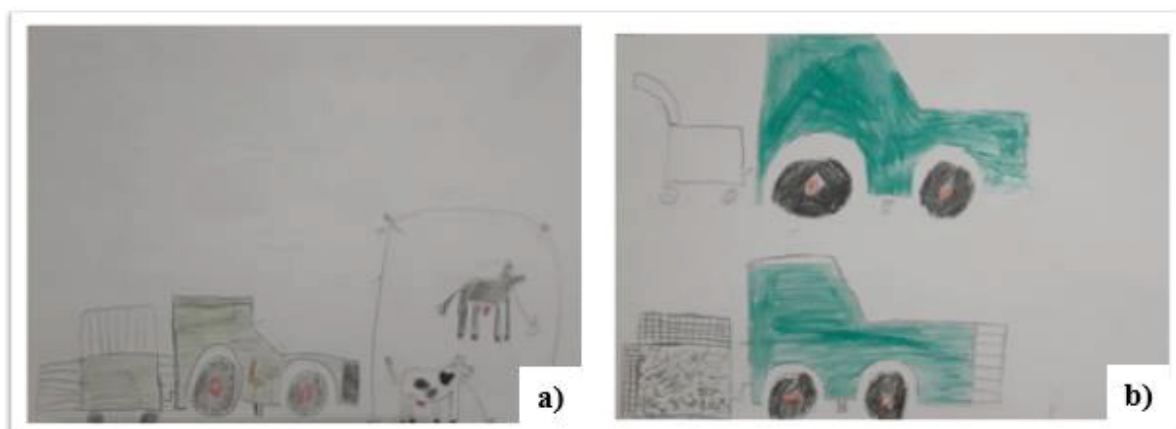
Dando continuidade à análise dos registos dos alunos no contexto destas atividades, realçamos o caso de outro aluno, desta vez do sexo masculino, com 9 anos de idade. Tal como aconteceu com a situação anterior, também neste caso se manteve o tema do desenho. Como podemos observar na Figura que se segue, o aluno optou por desenhar transportes agrícolas. Podemos acrescentar que este tema era um dos assuntos mais recorrentes nas suas conversas, pois os seus familiares próximos trabalhavam numa atividade que necessita deste tipo de transporte (ver Figura 41).



**Figura 41** – Desenho do aluno K (rapaz, 9 anos)

a) Desenho livre (A38); b) Desenho livre (A80)

Em outros registos, também foi possível verificar o gosto por este tipo de veículos, sendo que identificámos outras crianças que também os desenharam em ambos os registos gráficos por nós solicitados, tal como se pode confirmar num terceiro registo comparado que apresentamos de seguida (ver Figura 42).

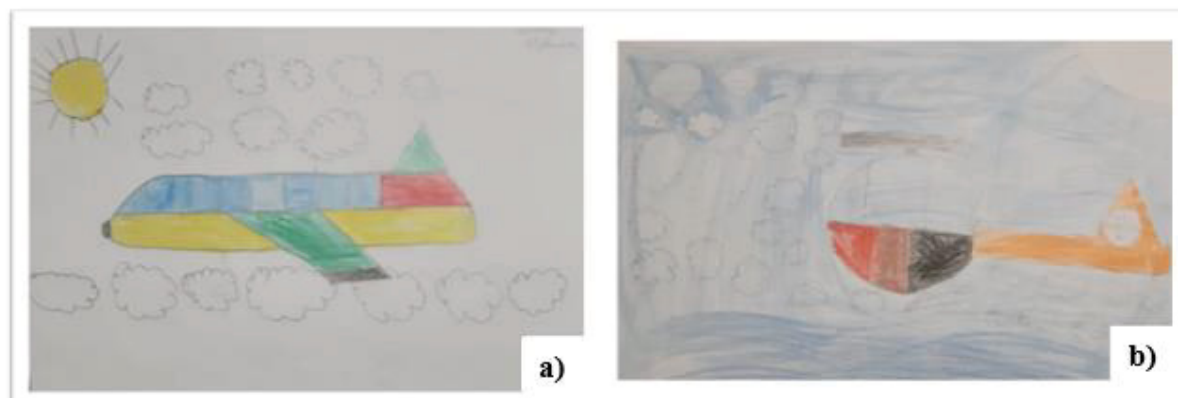


**Figura 42** – Desenho do aluno L (rapaz, 9 anos)

a) Desenho livre (A38); b) Desenho livre (A80)

Tal como o aluno anterior este também desenvolvia o gosto pessoal pela atividade e sempre que podia falava sobre o assunto nas aulas, demonstrando gosto pelas tarefas que desenvolvia quando acompanhava o seu pai na lida do campo. Na realidade, tanto no primeiro registo como no segundo, podemos observar a presença de transportes agrícolas, mostrando assim que existiu uma tendência na escolha dos elementos desenhados.

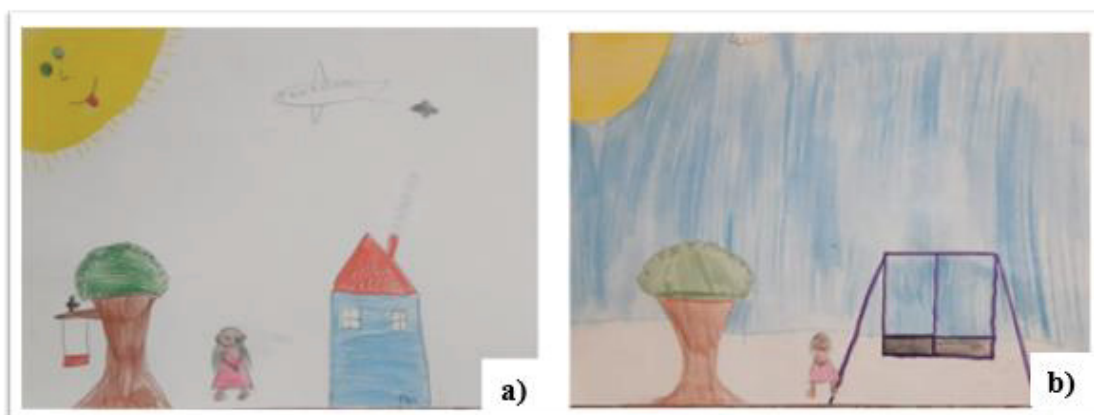
Outro caso semelhante, foi também identificado na comparação dos desenhos de outra criança da turma, um menino de 10 anos de idade. Neste caso o tema convocado de forma recorrente foram transportes aéreos: um avião e um helicóptero, tal como se com prova nas imagens que se seguem (ver Figura 43).



**Figura 43** – Desenho do aluno M (rapaz, 10 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

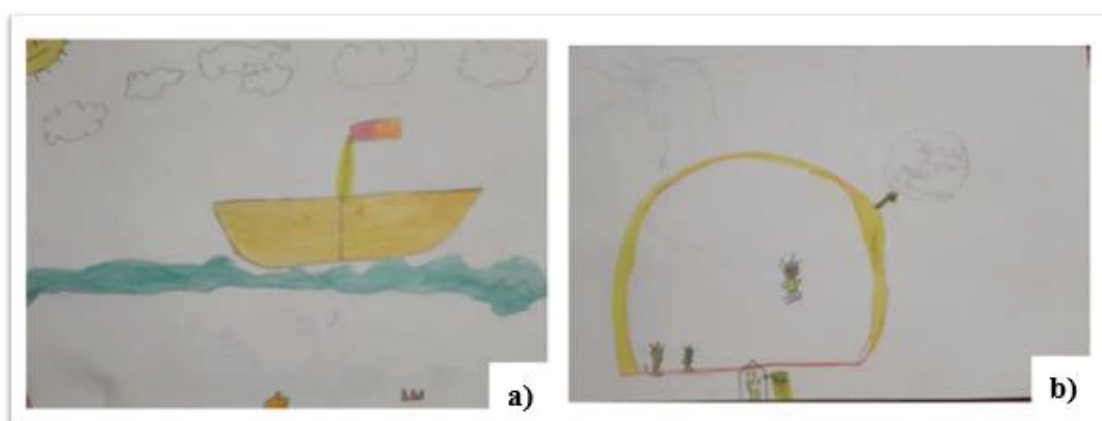
Acompanhando esta mesma tendência, partilhamos ainda uma sequência de desenhos nos quais é também notória a repetição dos temas desenhados. É o caso de uma menina de 10 anos cujos desenhos repetem elementos como o sol, a árvore, o baloiço e uma menina que aparece na mesma posição em ambos os registos. Na figura que se segue, damos conta desta realidade (ver Figura 44). Apesar de verificarmos algumas diferenças de um registo para o outro, podemos dizer que há tendência entre os dois.



**Figura 44** – Desenho da aluna N (rapaz, 10 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

Quanto aos próximos registos, desenhos de um aluno do sexo masculino, com 8 anos, podemos dizer que à primeira vista, não observamos elementos potencialmente repetidos. No entanto, e após analisarmos os desenhos, percebemos que o aluno optou, no primeiro registo por desenhar um barco no mar, sendo que no segundo registo desenhou uma cápsula de proteção de um tsunami, escrevendo isso mesmo dentro de um balão. Apesar de não existirem elementos repetidos de um registo para o outro, o tema escolhido nos dois registos está interligado e ambos refletem o fascínio que este menino tinha pelo mar.

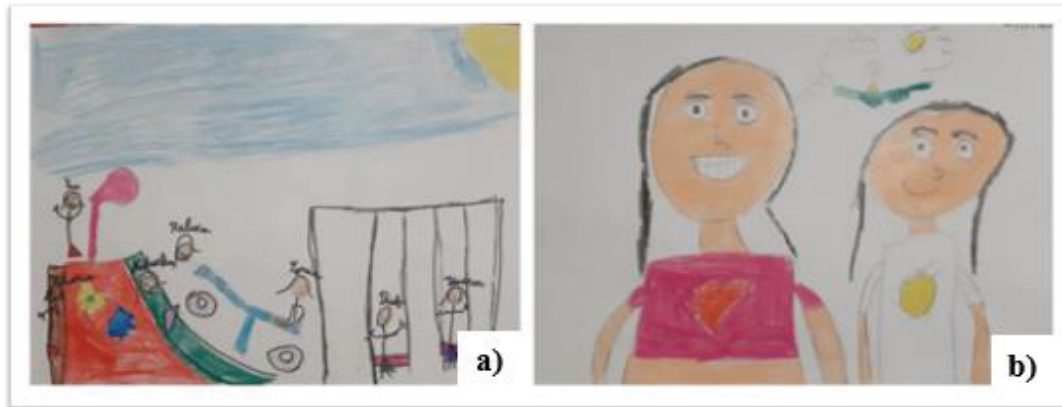


**Figura 45** – Desenho do aluno O (rapaz, 8 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

Os próximos registos foram realizados por uma menina com 9 anos. Nos desenhos que realizou, não encontramos nenhuma tendência. Enquanto no primeiro registo optou por desenhar um conjunto de figuras humanas, de traço simples, em atividades ao ar livre,

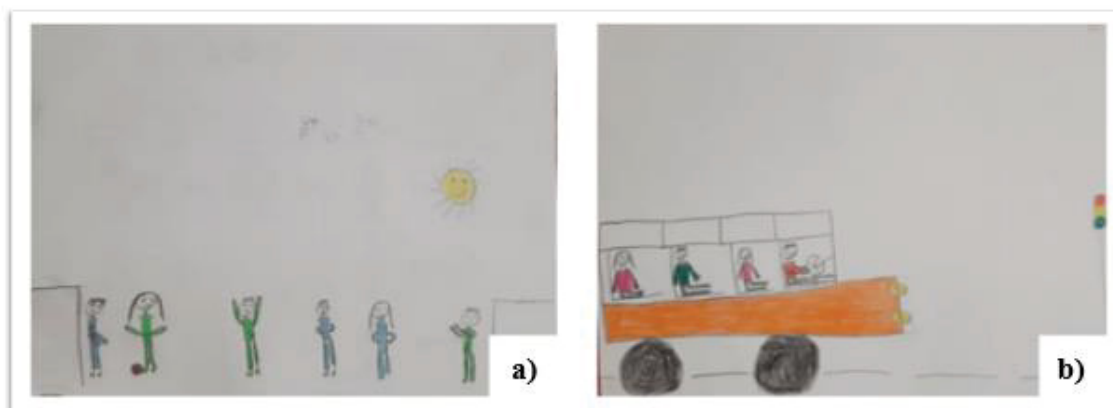
no que parece ser um parque, no segundo registo desenhou duas figuras meninas, em grande plano, com muitos mais pormenores do que nas figuras humanas desenhadas no registo anterior. No entanto, repare-se no balão de pensamento da menina da direita que, convocando o sol, parece representar uma brincadeira ao ar livre.



**Figura 46** – Desenho da aluna P (rapariga, 9 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

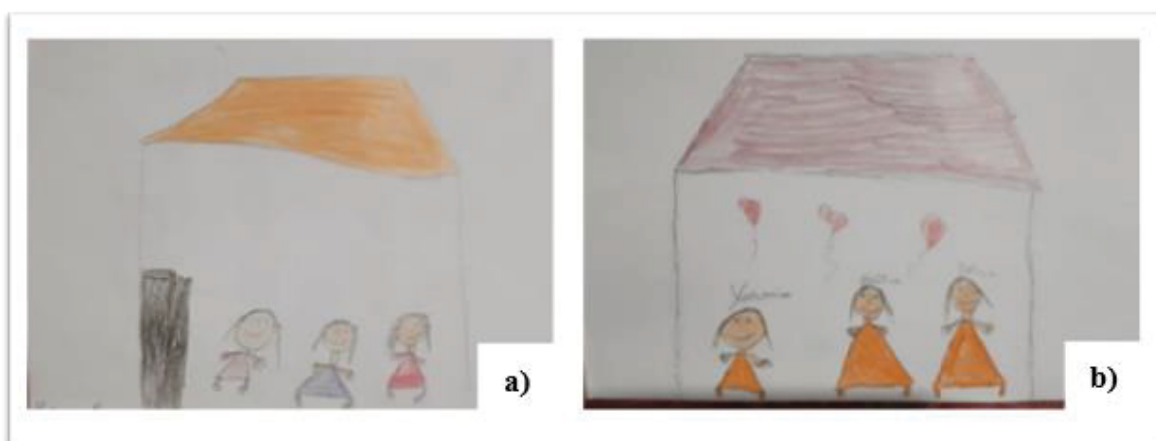
Relativamente, aos próximos registos, desenhados por uma menina de 8 anos, podemos dizer que, tal como acontece na situação anterior, não encontramos tendência nos seus registos. No primeiro registo escolheu desenhar um jogo de futebol, e no segundo registo desenhou um autocarro com alguma figuras humanas no seu interior. Em comparação, a única relação que podemos encontrar nos dois registos é o facto de ela ter escolhido duas ações que se desenrolam em grande grupo. Tanto no primeiro registo como no segundo, encontramos várias figuras humanas, a desenvolver uma atividade de grupo, naquela que Lowenfeld designa como uma marca da “idade do grupo ou do bando”. Podemos observar estes dois registos, na Figura que se segue (ver Figura 47).



**Figura 47** – Desenho da aluna Q (rapariga, 9 anos)

a) Desenho livre (A38); b) Desenho livre (A80)

Outro par de desenhos que também chamou a nossa atenção pela sua semelhança é aquele que apresentamos de seguida (ver Figura 48). Foram desenhados nos mesmos dois momentos que os que apresentámos anteriormente, por uma menina com 10 anos de idade.



**Figura 48** – Desenho da aluna R (rapariga, 10 anos)

a) Desenho livre (A38); b) Desenho livre (A80)

Tal como nos é dado a perceber, são notórias as semelhanças entre os dois desenhos, que apresentam elementos praticamente idênticos. De um registo para o outro a aluna decidiu registar os mesmos elementos, apesar de existir um ou outro elemento diferente, a verdade é que quem observa os dois não fica indiferente à semelhança entre eles.

Concluimos a nossa análise em que temos vindo a perceber, em grande parte dos desenhos realizados pelas mesmas crianças, embora que em tempos diferentes, semelhanças notórias relativamente aos temas convocados, com um último par de registos gráficos nos quais esta tendência volta a verificar-se. Trata-se dos desenhos de um menino com 9 anos de idade que partilhamos de seguida (ver Figura 49).



**Figura 49** – Desenho do aluno S (rapaz, 9 anos)

**a)** Desenho livre (A38); **b)** Desenho livre (A80)

Tanto no primeiro desenho como no segundo, o autor decidiu registar um jogo de futebol. Apesar de o número de jogadores ser diferente nos dois casos, os traços são em tudo semelhantes e identifica-se o mesmo número de nuvens bem como o sol que aparece repetido do mesmo lado da folha.

Em suma, e para concluir a análise realizada aos desenhos dos alunos, em dois momentos diferentes e separados no tempo, importa referir que qualquer um dos registos, foi realizado autonomamente pelos alunos e sem receberem qualquer indicação da nossa parte. Para além disso, quando realizaram o segundo registo, também não tiveram acesso ao primeiro, exatamente para evitar que a escolha dos temas a desenhar pudesse ser por isso influenciada.

A este propósito lembramos os contributos de Piaget e Lowenfeld que enunciámos no nosso enquadramento teórico no que respeita aos desenhos das crianças destas idades. Segundo os autores, esta é a fase em que os desenhos das crianças ganham pormenores nos traços, nas formas e nas cores. Outro aspeto relevante desta etapa prende-se com o facto de as crianças usarem sempre o mesmo esquema para representar um determinado objeto repetindo-o sem lhe diferenciar as características.

De acordo com a *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*, e tendo em conta as atividades expressas nesta categoria, a Expressão e Educação Plástica, tal como acontece com as Artes Visuais na Educação Pré-Escolar, proporciona aos alunos(as) a oportunidade de expressarem o que sentem, interpretando o mundo que

os rodeia, tal como esclarece o *Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico*, na sua edição de 2004. Assim, através das atividades acima descritas, os alunos e alunas conseguiram expressar e registar o que desenvolveram na sua imaginação.

Terminadas as atividades que considerámos neste eixo de análise, avançaremos para a apresentação e análise da categoria seguinte na qual consideramos conexões que estabelecemos entre a Expressão Plástica e outras áreas do currículo (ver Quadro #).

**Quadro 13 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo centradas nas Artes Visuais em conexão com outras áreas**

Atividades	
A35	Ilustração da fábula “A Lebre e a Tartaruga”
A64	Pintura de T-shirts - <i>Dia da Alimentação</i>
A67	Elaboração de máscaras

No que respeita a conexões estabelecidas entre a Expressão Plástica e outras áreas do currículo, destacamos a atividade (A35) na qual a mesma se conectou com a área de Português. Neste contexto, foi retomada a fábula “*A Lebre e a Tartaruga*” na área do Português com a sua audição e uma breve análise da mesma, depois da qual distribuímos um guião de banda desenhada aos alunos para que realizassem a ilustração dos momentos da fábula e legendassem os mesmos. Salientamos que no guião apenas havia o espaço para desenhar e alguns balões de fala. O objetivo era que os alunos desenvolvessem a capacidade de sintetizar informação necessária para completar os balões e ilustrassem os momentos complementares a cada fala. Deste momento resultaram trabalhos muito interessantes e diversificados, tal como nos é dado a perceber na Figura que ilustramos de seguida (ver Figura 50).



**Figura 50** – Ilustração da fábula “A Lebre e a Tartaruga”

Ainda no contexto das atividades que incluímos neste eixo de análise, interessa-nos falar da atividade A64 - Pintura de T-shirts - *Dia da Alimentação*, com a qual estabelecemos uma conexão entre a Expressão e Educação Plástica e o Estudo do Meio.

Visto que tínhamos em curso o projeto do *Dia da Alimentação*, prepararmos as *T-shirts* que os alunos vestiram na apresentação do projeto. Para realizar esta atividade, e em concordância com os alunos, realizámos a pintura de alguns alimentos nas *T-shirts* brancas, solicitadas na semana anterior. Para realizarmos esta pintura, os alunos tiveram à disposição uma imagem real do alimento decalcando-o na sua *T-shirt*, podendo se necessário recorrer a este desenho para efetuar a pintura. Neste momento, gerou-se um pouco de confusão visto que, inicialmente, tivemos de preparar as *T-shirts* de forma que tivessem apenas o necessário do tecido para não acontecerem acidentes. Para além disso, o facto de todos necessitarem de tintas, no início, foi complicado de gerir. No entanto, e dando algumas orientações, conseguimos organizarmo-nos muito bem. É de referir que todos os alunos conseguiram desenhar o alimento e pintá-lo com as devidas cores, sendo que em apenas em algumas situações necessitaram de alguns retoques. Na figura que se segue, partilhamos com o leitor alguns contornos desta atividade (ver Figura 51).



**Figura 51** – Pintura de T-shirts - *Dia da Alimentação*.

Como forma de explorar outra conexão entre Expressão Plástica e o Estudo do Meio, destacamos a atividade A67 – *Elaboração de máscaras*. Antes de avançarmos para a análise e descrição desta atividade importa referir que a mesma era complementar a um projeto que se integrava no PAA da escola, mais concretamente, a concretização de máscaras alusivas ao *Halloween*, para um concurso promovido pela Universidade dos Açores. As máscaras foram construídas através de um balão com recurso a colagens sucessivas de papel de jornal com cola branca, por forma a obter-se um suporte bem estável. No contexto desta atividade, referimos que tivemos em conta as dificuldades que sentimos ao realizar uma outra técnica de Expressão Plástica. Desta forma, atempadamente, organizámos o espaço de cada um com todo o material necessário, para que quando entrassem, fosse explicado o procedimento e começássemos logo a explorar a técnica. Alguns alunos não conseguiram efetuar as camadas necessárias em contexto de sala de aula, sendo necessário, nas horas dos intervalos e sempre que havia algum tempo livre, reforçar cada um dos balões, pois não conseguíamos “roubar” mais tempo às outras áreas para efetuarmos mais camadas. Além disso, e uma vez que a técnica em si necessitava de tempo para secar, não foi possível realizar a pintura da máscara no mesmo dia, ficando o restante procedimento por conta da nossa colega de estágio, durante a semana seguinte.



**Figura 52** – Elaboração de máscaras (Base)

Por forma a concluirmos a nossa análise, resta-nos partilhar as atividades relacionadas com as artes visuais como recurso pedagógico. Neste último eixo de análise, selecionámos duas atividades, que agrupámos no Quadro que se segue (ver Quadro 14).

**Quadro 14 – Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico centradas na Expressão Plástica como recurso pedagógico**

Atividades	
A24	Cópia e ilustração das regras da sala de aula
A37	Aplicação do Questionário das cores

Começamos por analisar a atividade A24. Esta atividade, baseava-se na cópia e ilustração das regras da Sala de Aula e foi desenvolvida no momento de Cidadania. Depois de dialogarmos com os alunos acerca das regras da sala de aula, fomos registando no quadro as regras que íamos debatendo. Uma vez que o grande objetivo desta atividade era a elaboração de regras que ficassem disponíveis e visíveis na sala de aula, preparámos uns balões de fala, colados em cartolinas coloridas e pedimos aos autores das regras que as ilustrassem e escrevessem num dos balões a expor na sala.

Ao finalizarem esta atividade obtivemos vários balões de fala que foram presos por molas, num fio, como se um estendal de roupa se tratasse. É de notar que estes balões ficaram num local visível a todos os alunos. Foi possível verificar que a maioria dos alunos mostrou à vontade na concretização desta atividade, ilustrando de forma criativa o que cada regra representava, tal como se depreende na figura que se segue (ver Figura 53).



**Figura 53** – Cópia e ilustração de Regras da sala de aula.

No que diz respeito à atividade A37, a última que apresentaremos neste contexto, aplicamos um questionário aos alunos, nos moldes que tínhamos desenvolvido no estágio anterior. Em grande grupo foi explicado à turma como se iria proceder o preenchimento deste recurso, que funcionou para nós como um instrumento de recolha de informação. Este questionário serviu foi inspirado num estudo publicado no *Journal of Child Psychology*, em março de 2003, no qual revelaram-se as conclusões de uma experiência que envolveu mais de três centenas de crianças e onde foram observadas quais as cores escolhidas para colorir figuras com diferentes características. Um conjunto de mais de 3 centenas de crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 11 anos, foi dividido em três subgrupos, onde iriam colorir três desenhos: o primeiro grupo o de um homem, o segundo de um cão e o terceiro de uma árvore. A experiência foi realizada em duas partes – na primeira foi pedido às crianças que avaliassem as suas 10 cores preferidas, ordenando-as da mais à menos preferida. Na segunda parte, o primeiro grupo recebeu três desenhos de um homem para colorir, o segundo grupo três desenhos de um cão e o terceiro três desenhos de uma árvore. A diferença estava na descrição das três “personagens”: enquanto um dos homens era apontado como “mau”, o outro era “bom” e o terceiro era

“normal”, e assim sucessivamente para o cão e para a árvore. Os resultados, cujos contornos se assemelham àqueles que também encontramos, revelaram que em todas as idades e em todos os grupos, as crianças utilizavam as suas cores preferidas para as “figuras boas”, as menos preferidas para as “figuras más” e as cores intermédias para as “figuras normais”. Outra conclusão deste estudo foi o facto de a cor preta ser a mais utilizada em todas as faixas etárias e em todos os tópicos (homem, cão e árvore) para aquela que foi denominada como sendo uma “figura má”. Em contraste, as crianças, na sua maioria, escolheram as cores primárias para as “figuras normais”. Para colorir a “figura boa”, houve um grande recurso às cores primárias e secundárias.

Com este interessante apontamento concluímos a apresentação e análise da nossa ação educativa, realçando a importância de refletirmos acerca das nossas práticas e assumirmos uma permanente atitude de investigação, contexto que retomaremos no nosso próximo Capítulo no qual partilharemos os dados de um estudo realizado em parceria com duas colegas de estágio, que convocou os contributos de 250 profissionais de educação.



# Capítulo IV

A Expressão Plástica na Infância: notas sobre as práticas de educadores e Professores

#### **4. A Expressão Plástica na Infância: notas sobre as práticas de Educadores e Professores**

4.1. Enquadramento

4.2. Percurso metodológico

4.3. Contextos e recolha de dados

4.4. A escola e as suas valências para a exploração das Expressões Artísticas

4.5. As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos Educadores/Professores

4.6. A família na exploração das Expressões Artísticas

4.7. As Artes Visuais e a Expressão Plástica na prática pedagógica diária

4.8. Potencialidades e desafios na exploração das Artes Visuais/ Expressão e Educação Plástica

4.9. As Expressões Artísticas no Ensino à Distância

## **4. A Expressão Plástica na infância: notas sobre as práticas de Educadores e Professores**

Nos Capítulos anteriores abordámos a nossa ação educativa no decorrer dos dois estágios realizados na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, refletindo acerca dessa prática, descrevendo e analisando aspetos que considerámos pertinentes tendo em conta o tema que decidimos aprofundar neste Relatório de Estágio. Neste sentido, e de modo a complementar o enquadramento teórico e os Capítulos dedicados aos dois estágios pedagógicos, apresentamos um estudo temático com o objetivo de aprofundar e refletir um pouco mais acerca dos temas em análise.

### **4.1. Enquadramento**

Esta investigação tem como instrumento principal de recolha de dados um inquérito por questionário (ver anexo I), elaborado e aplicado de forma colaborativa, com mais duas colegas do mesmo mestrado, que tiveram em comum o mesmo orientador científico e se encontravam a realizar uma investigação focada nas demais áreas expressivas. No nosso caso, focamo-nos inicialmente nas Expressões Artísticas, em geral, particularizando, de seguida, as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Uma vez que o instrumento de recolha de dados foi implementado após a primeira fase de ensino a distância, considerámos que seria benéfico centrar uma parte deste inquérito por questionário a esta modalidade de ensino, no que diz respeito às Expressões Artísticas.

De seguida iremos apresentar e analisar de forma reflexiva o nosso percurso metodológico, bem como a natureza dos dados que recolhemos.

### **4.2. Percurso metodológico**

A investigação realizada, tal como acima explicitámos, teve como tema principal as Expressões Artísticas. Deste modo, de forma global e partindo depois para o particular, procurámos perceber o lugar das Expressões Artísticas na escola, investigando e analisando conceções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no contexto educacional, aprofundando o estudo acerca do lugar das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica e tendo o cuidado de enunciar exemplos de boas

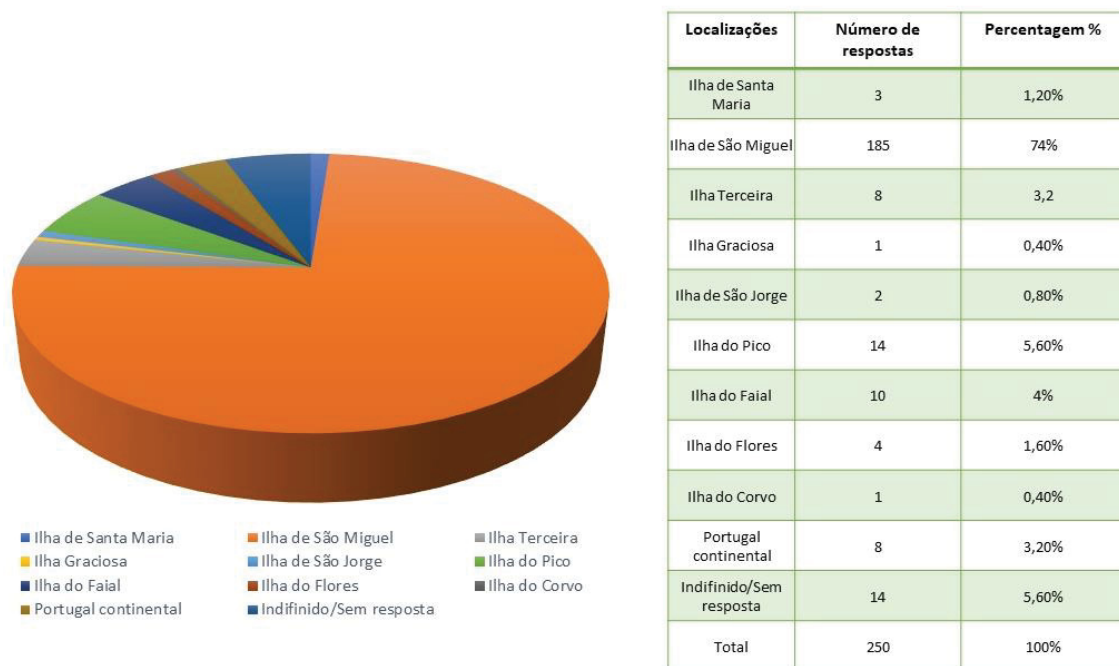
práticas, descritos por Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

É importante referir que este estudo se centra numa investigação de natureza mista e, como tal, se assumiu como uma mais-valia no contexto deste trabalho pois permitiu que fosse possível aprofundar e analisar melhor os dados que nos eram proporcionados. Deste modo, foi possível aprofundar e analisar aspetos relevantes da temática em estudo e alargar os mesmos numa perspetiva reflexiva, possibilitando obter novos saberes nos mais variados contextos.

### **4.3. Contextos e recolha de dados**

O estudo empírico que nos propusemos efetuar foi realizado com recurso a um instrumento de recolha de dados, o inquérito por questionário, tal como explicitámos anteriormente. Segundo Gil (2008) o questionário pode definir-se como “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações obre acontecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc” (p. 121). A sua grande vantagem reside no facto de abranger um público-alvo maior, tendo em conta que as pessoas poderão estar dispersas por uma área geográfica mais alargada. Para além disso, é possível garantir o anonimato das respostas, permitindo responder no momento mais conveniente.

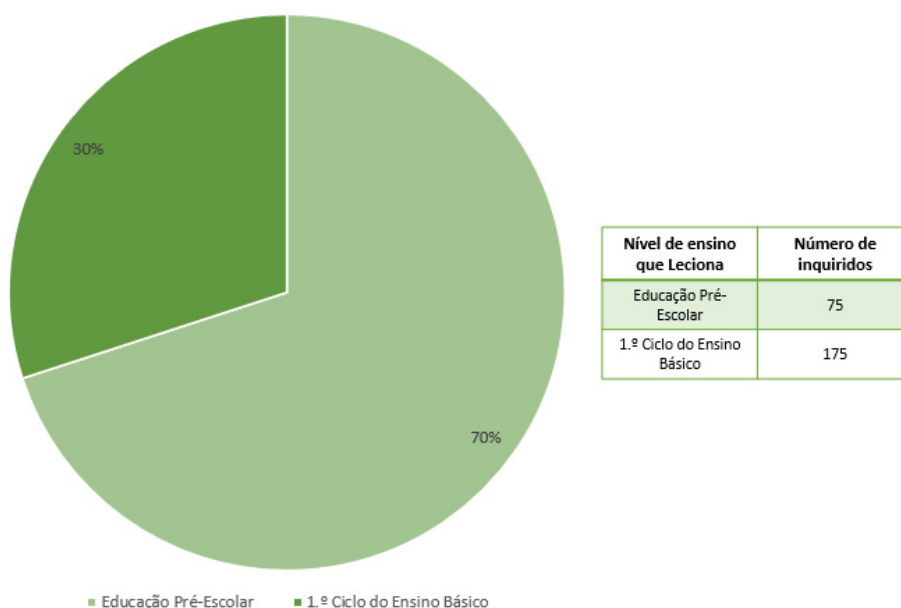
Este questionário foi elaborado no programa *Google Forms* e enviado aos participantes através de um *link*, havendo desta forma uma capacidade de distribuição mais eficiente, pois permitiu que chegássemos a vários pontos do país, sendo que obtivemos, no total, 250 docentes inquiridos. Na Figura que se segue podemos observar quais as localizações das escolas/instituições onde os inquiridos exerciam funções, bem como o número de inquiridos de cada localização (ver Figura 54).



**Figura 54 - Localização das escolas/instituições dos inquiridos**

Ao observar a Figura, podemos verificar que apuramos respostas de todas as ilhas do Arquipélago dos Açores, sendo a maioria proveniente da Ilha de São Miguel. Além de termos dados de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico residentes nas várias ilhas dos Açores, também alcançámos docentes de Portugal Continental. Importa referir que alguns dos inquiridos (catorze) não responderam à questão ou não identificaram a localização da escola/instituição onde lecionavam.

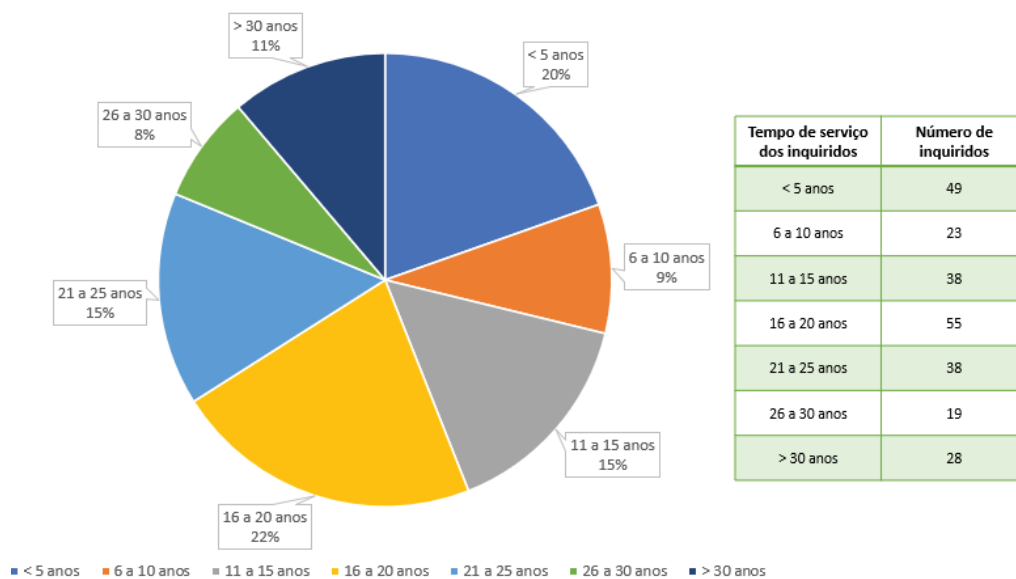
No que respeita ao nível de ensino em que lecionavam os docentes inquiridos, tal como podemos verificar na Figura que se segue, setenta e cinco eram Educadores de Infância (30%) e cento e setenta e cinco eram Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (70%) (ver Figura 55).



**Figura 55** - Nível de ensino em que lecionavam os docentes inquiridos

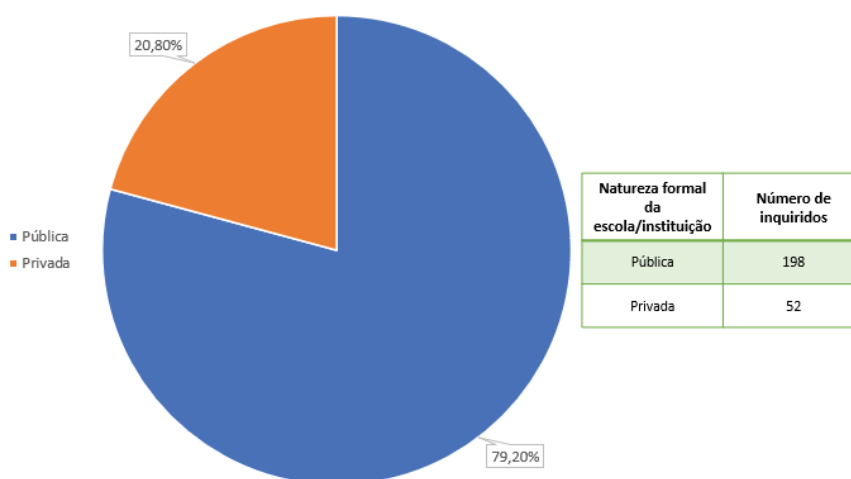
No que diz respeito ao género dos inquiridos, podemos verificar que 91,2%, eram do sexo feminino e 8,8% eram do sexo masculino.

Ainda sobre os inquiridos, com 41,2% obtivemos respostas de docentes cuja faixa etária se situava entre os quarenta e os cinquenta anos de idade, seguindo-se a faixa etária entre os trinta e os quarenta anos, com 30%. Relativamente aos inquiridos com mais de sessenta anos, apenas obtivemos três respostas (1,2%). Para além da informação mencionada, também conseguimos apurar o tempo de serviço dos docentes inquiridos. Na Educação Pré-Escolar a maioria dos inquiridos apresentava menos de cinco anos de serviço e no 1.º Ciclo do Ensino Básico realça-se o intervalo entre os dezasseis e os vinte anos de serviço. Na Figura que se segue, podemos observar estes dados com maior nível de detalhe (ver Figura 56).



**Figura 56** – Tempo de serviço dos inquiridos até 20 de agosto de 2020

No que respeita à natureza formal das escolas/instituições onde os inquiridos desempenhavam o seu trabalho, pudemos verificar que, na sua grande maioria, eram escolas públicas (79,2%), enquanto apenas 20,8% eram privadas. Este aspeto poderá ter influência relativamente às dinâmicas e rotinas de trabalho, podendo ser relevante na interpretação das mesmas, bem como nas condições físicas e recursos materiais nelas existentes. Podemos verificar estes dados na Figura que apresentamos de seguida (ver Figura 57).



**Figura 57** - Natureza formal da escola/instituição

Após a apresentação dos dados relativos à caracterização da nossa amostra e dos contextos onde esta se inseria, vamos dar início à análise dos dados relativos à forma como eram entendidas e exploradas as Expressões Artísticas.

#### 4.4. A Escola e as suas valências para a exploração das Expressões Artísticas

Numa primeira fase, questionámos os docentes quanto à sua opinião relativa às potencialidades do(s) espaço(s) da sua escola/instituição para a prática das Expressões Artísticas. Nas respostas obtidas verificámos várias tendências, ou seja, obtivemos respostas positivas e negativas. Neste sentido, a percentagem aproximada dessas tendências, foi de 51,6% para respostas positivas e de 27,6% para docentes que apresentaram insatisfação, para com as condições que a sua escola/instituição oferecia. Salientamos que os restantes docentes (15,2%), situavam-se numa zona intermédia pois realçaram aspetos favoráveis e menos favoráveis à prática das Expressões Artísticas na sua escola/instituição. De forma a exemplificar o *feedback* positivo dos docentes, na análise global das respostas obtivemos respostas como: “Boa”; “Muito Boa”; “Excelente”; “Muito potencial”; “A escola possui espaços completamente adequados”; “A escola possui condições e espaços adequados para a prática das Expressões artísticas”; “O espaço e ambiente é perfeito para despertar a consciência criativa e artística”.

Na nossa opinião, a escola/instituição deve estar preparada e equipada com os materiais e recursos necessários para corresponder às necessidades das crianças/alunos quanto ao seu desenvolvimento nesta área pois, só assim, iremos contribuir para um ambiente com as condições desejáveis para proporcionar aos mais pequenos a resposta aos seus interesses e potencialidades, no contexto do desenvolvimento harmonioso de cada um.

Ao aprofundarmos a questão, pedindo uma opinião sobre as condições específicas para a exploração das várias áreas de Expressão Artística, na análise das respostas verificamos uma grande variedade. No entanto, a área que se evidenciou nas respostas com mais condições para a sua exploração foi a das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Apesar de existirem escolas/instituições com escassez de materiais, nas respostas que obtivemos, foi possível apurar as opiniões de docentes que reconheceram boas condições, na sua escola/instituição para se desenvolver a Expressão Artística. Desta forma, apresentamos de seguida relatos de um(a) Educador(a) de Infância e de um(a) Professor(a) do 1.º Ciclo do Ensino Básico, respetivamente, que evidenciaram boas condições de trabalho nestas áreas:

*“Qualquer tipo de expressão pode ser desenvolvida no nosso Colégio. Tanto em contexto de sala de atividades como nos restantes espaços do Colégio”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, < 5 anos de serviço);

*“Penso que o espaço é adequado, pois na minha escola todas as salas têm uma área anexa para a realização de trabalhos de Expressão Plástica/experiências. Temos ainda um ginásio, onde podemos desenvolver atividades de música e dramática”* (Professor(a) da 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço).

Apesar de, maioritariamente, as respostas serem positivas, também foi possível apurar respostas dos docentes inquiridos que revelavam a existência de poucas condições na sua escola/instituição. Nos seguintes relatos podemos verificar que a falta de recursos é uma realidade bem presente em algumas instituições de ensino:

*“Na escola onde leciono não há um espaço reservado para a prática das Expressões. Os alunos não têm acesso a muitos materiais”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço);

*“Infelizmente na escola em que leciono as instalações para a prática das Expressões Artísticas são inexistentes funcionando as mesmas dentro da sala “normal” de aula e sem grandes recursos”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço);

*“Os espaços não estão devidamente preparados para a prática, faltando recursos materiais e instalações adequadas”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha Graciosa, menos de 5 anos de serviço).

Apesar das contrariedades, alguns docentes referiram que conseguem dar resposta e proporcionar às crianças um desenvolvimento satisfatório nas atividades das Expressões Artísticas, tal como nos é dado a perceber nos relatos que se seguem:

*“A minha escola não tem espaços suficientemente equipados para prática das Expressões Artísticas. Contudo, é de se realçar o grande esforço dos titulares de turma em fazer com que estas disciplinas não sejam descoradas da lecionação, pelo que é frequente trazer-se de casa material de apoio, quer para os alunos, quer para melhorar os espaços escolares, para que as aulas possam decorrer com a maior naturalidade”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“Não são os ideais, mas com criatividade consegue-se praticar todo o tipo de expressões artísticas, desde dança, teatro, música...”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço).

Além das condições gerais das escolas/instituições e considerando os objetivos do nosso trabalho, decidimos inquirir se estas também estavam bem preparadas ao nível dos recursos materiais necessários à exploração de atividades das Artes Visuais/Expressão e

Educação Plástica. Neste sentido verificamos que 186 inquiridos responderam de forma afirmativa e 74 dos inquiridos responderam negativamente. Aprofundando esta questão, verificamos quais os recursos que podíamos encontrar disponíveis na escola/instituição de cada inquirido que respondeu afirmativamente. Numa análise geral, podemos realçar que, maioritariamente, foram referidos os espaços circundantes a esta área bem como materiais de desgaste, relacionados com a Expressão Plástica, em respostas mais sucintas e ou completas. Nos relatos que se seguem, procuramos dar conta desta realidade:

*“Temos lavatório com bancada em inox; flipper com cavalete tamanho A1, papel de cenário, manteiga A1; diversos tipos de papel autocolante do transparente ao preto e até com padrões; diferentes tipos de papel em diferentes cores (lustre, celofane, crepe, canelado, etc...; guache, ceras, lápis de cor, canetas de feltro, marcadores, lápis de grafite e de cor, borrachas, afias, copos de pintura, pincéis de diferentes cerdas e com vários tamanhos, purpurinas, temperas sólidas, colas (bisnaga, baton, branca, quente, quente com cores e com purpurinas, tecido, madeira...), tintas acrílicas, etc...”* (Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço);

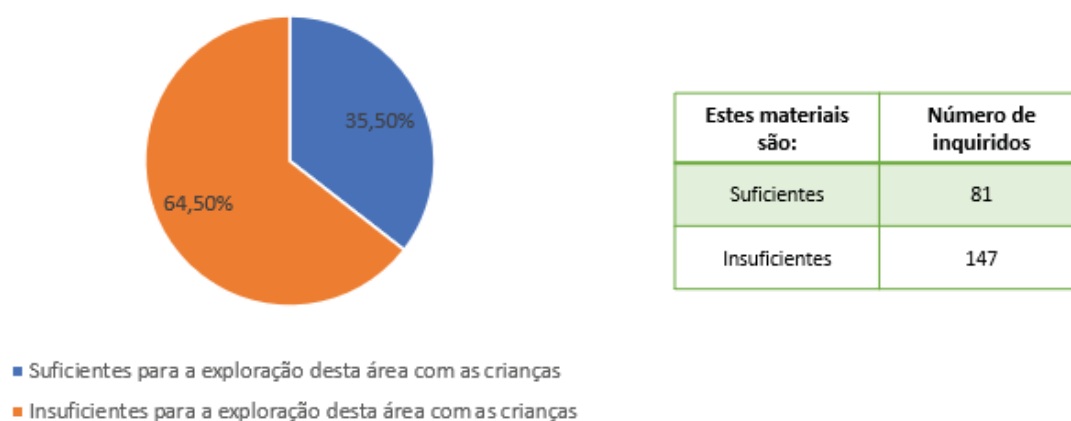
*“Em cada sala da instituição existem materiais de auxílio à Expressão Plástica: guaches, pincéis, telas, colas, tesouras, cartolina, lápis de colorir, marcadores, bem como de apoio existe apenas uma sala que serve como Ateliê de Artes. Existe uma forte exploração de reutilização de elementos supostamente descartáveis, como frascos de fruta, rolos de papel, tampas, para criar a partir dos mesmos”* (Educador(a) de Infância, Ilha Terceira, menos de 5 anos de serviço);

*“Materiais de desgaste: lápis de cor; marcadores; guaches; pincéis; cavalete; esponjas; rolhas; carimbos; plasticina; rolos; formas; massa de modelar; tesouras; cola; tecidos; diversos tipos de papéis; materiais de desperdício; ...”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço);

*“Materiais de desgaste, reciclável, tintas, cartolinas, papéis, plasticina...”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço);

*“Material de desgaste, de recorte, colagem, moldagem, reciclável”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

Questionámos, ainda, se os inquiridos consideravam que estes materiais eram suficientes para a exploração da área em questão. No contexto das suas respostas, 35,5% responderam que sim e pelo contrário, 64,5% afirmaram que estes recursos eram insuficientes. Dos duzentos e cinquenta inquiridos, duzentos e vinte e oito responderam à questão, sendo respetivamente verificados, oitenta e uma respostas para a variável suficiente e cento e quarenta e sete para a variável insuficiente. Concluímos que as opiniões se inclinam maioritariamente para a insuficiência de materiais na exploração desta área, tal como podemos verificar na figura que se segue (ver Figura 58).



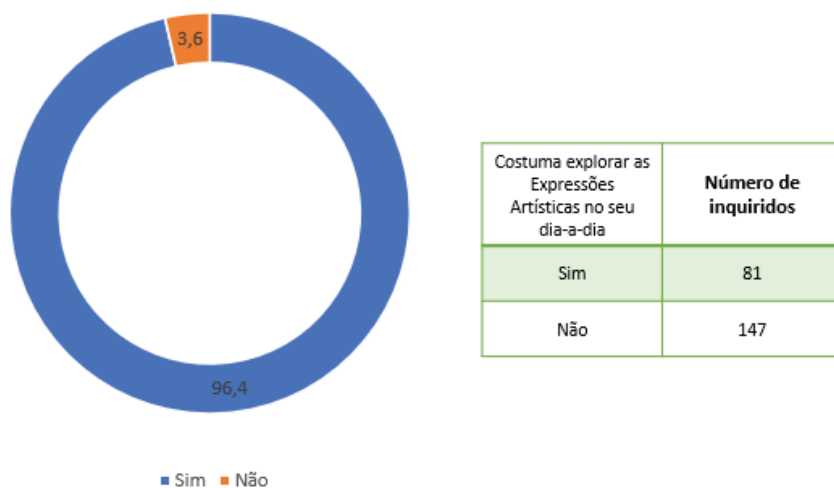
**Figura 58** – Opinião dos docentes acerca da quantidade de materiais disponíveis para a exploração da área

Após fazermos uma análise de todas as respostas referentes às condições das escolas/instituições para a exploração de atividades relativas às Expressões Artísticas, damos agora lugar, no tópico que se segue, que se prende com a forma como eram abordadas as Expressões Artísticas nas práticas diárias dos Educadores/Professores.

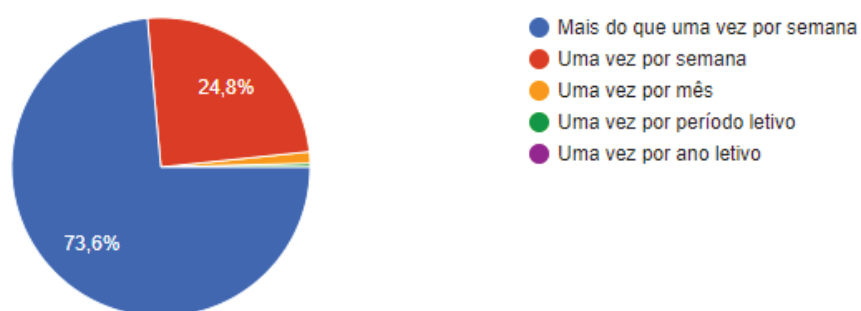
#### **4.5. As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos Educadores/Professores**

As Expressões Artísticas, tal como todas as outras áreas, são parte integrante do currículo da Educação Básica. Uma vez que estas são importantes para o desenvolvimento de cada criança/aluno, optámos por investigar sobre o modo como estas eram exploradas nas práticas diárias dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em primeiro lugar, perguntámos aos inquiridos se costumavam explorar as Expressões Artísticas, sendo que 96,4% respondeu que sim e foi possível verificar com que frequência esta área era explorada (ver Figura 59). Deste modo, constatámos que a maioria dos docentes inquiridos afirmou que explorava as Expressões mais do que uma vez por semana (73,6%), ou pelo menos uma vez por semana (24,8%) (ver Figura 60).

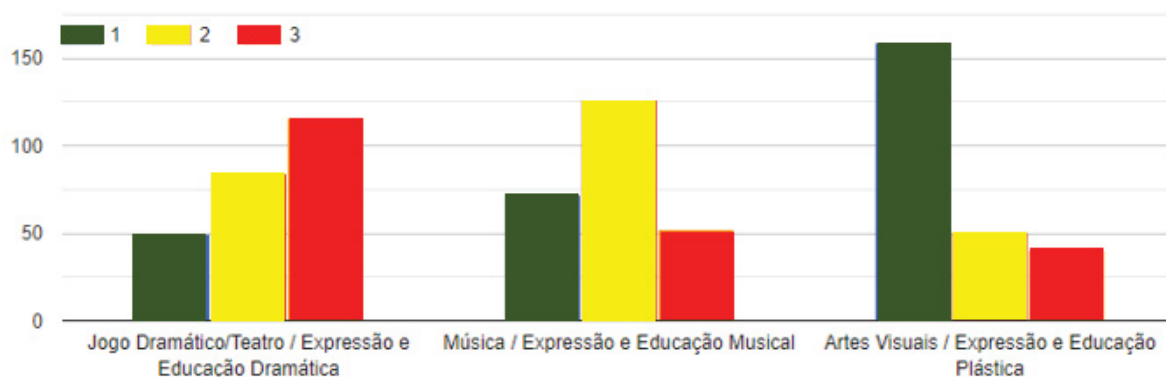


**Figura 59** - Costuma explorar as Expressões Artísticas no seu dia-a-dia Sim/Não



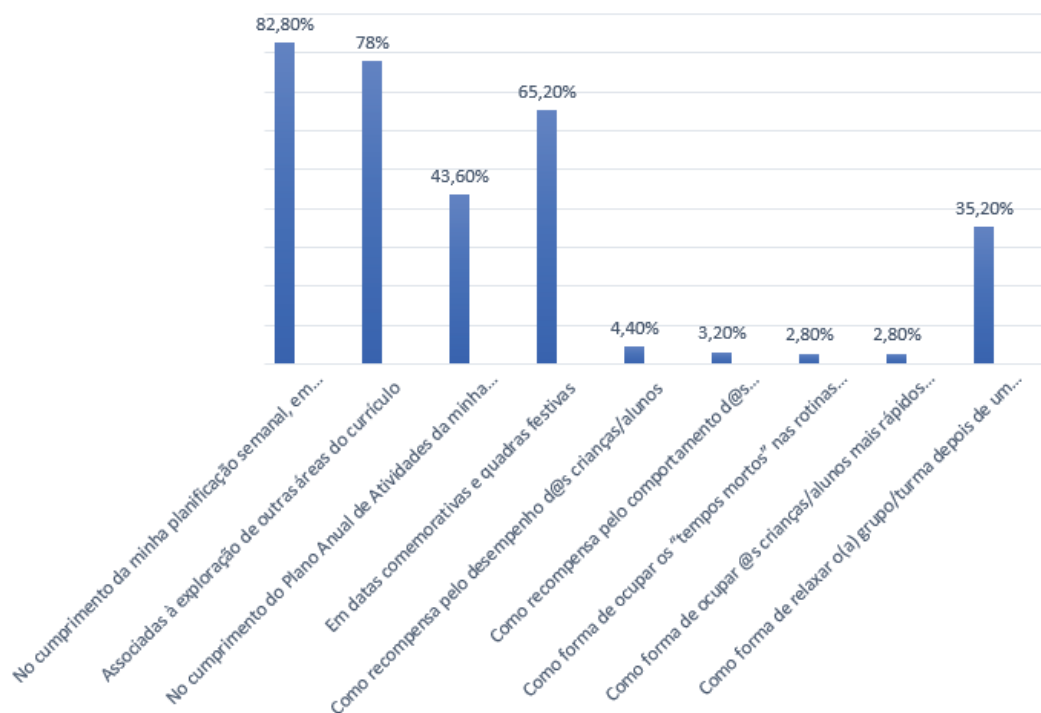
**Figura 60** - Frequência com que costuma fazê-lo

Prosseguindo no inquérito, pedimos aos docentes que ordenassem as três áreas de Expressão Artística, considerando a frequência com que as exploravam (atribuindo 1 à que exploravam mais e 3 à que exploravam menos). Ao analisarmos esses dados, conseguimos perceber que a área menos explorada era o Jogo Dramático/Teatro/Expressão e Educação Dramática e que, em contraste com esta, a área mais explorada era a das Artes Visuais/Expressão e Educação Visual, ficando a Música/Expressão e Educação Musical numa posição intermédia, tal como nos é dado a perceber na figura que se segue (ver Figura 61).



**Figura 61** – A exploração das Expressões Artísticas, por ordem de frequência

Posteriormente, questionámos os inquiridos acerca dos contextos pedagógicos nos quais desenvolviam as diversas atividades das Expressões Artísticas. Na Figura que se segue podemos verificar os dados que nos dão conta dessa realidade (ver Figura 62).



**Figura 62** - Contexto(s) pedagógico(s) em que se desenvolvem as atividades de Expressão Artística

Mais detalhadamente, e analisando os dados da figura anterior, podemos dizer que dos duzentos e cinquenta inquiridos, obtivemos 207 respostas na primeira variável. Ou seja, o contexto pedagógico em que se desenvolvem as atividades de Expressão Artística

com mais frequência, selecionado pelos docentes inquiridos foi *“No cumprimento da minha planificação semanal em cada área de expressão”*. Neste mesmo contexto, mas com uma frequência bastante menos expressiva (2,8%) obtivemos as respostas *“Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias”* e *“Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas”*.

Após apurarmos o que pretendíamos na questão anterior, quisemos ainda analisar se existiam outros contextos nos quais os docentes inquiridos desenvolviam atividades de Expressão Artística. Identificámos alguns contextos, diversificados e distintos, onde os docentes dinamizam atividades relacionadas com as Expressões Artísticas, tal como se pode comprovar nos relatos que se seguem.

*“Projeto yoga para crianças”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço);

*“Relacionando com projetos de rede regional, nacional e internacional, como por exemplo, em parceria com o projeto Eco-Escolas, projeto E-Twinning”* (Educador(a) de Infância, Ilha Terceira, menos de 5 anos de serviço);

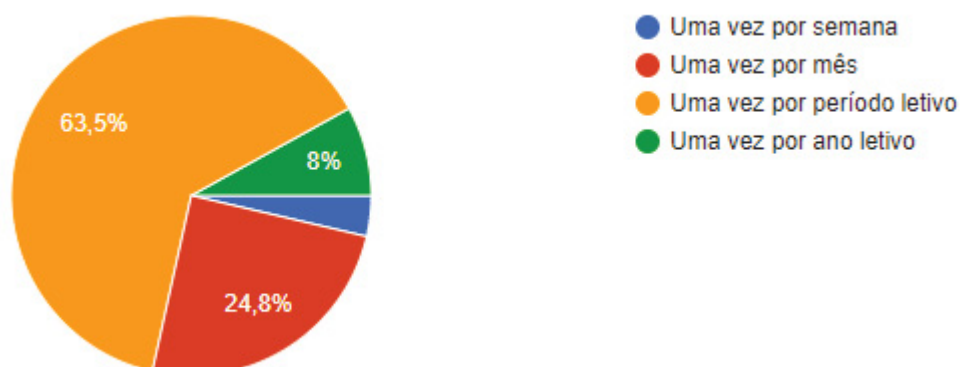
*“No contexto da meditação”* (Educador(a) de Infância, Ilha do Faial, 16 a 20 anos de serviço);

*“De acordo com os interesses das crianças, projetos de trabalho”* (Educador(a) de Infância, Ilha do Pico, 26 a 30 anos de serviço);

#### **4.6.A Família na exploração das Expressões Artísticas**

Considerámos que o papel da família seria pertinente de ser analisado e quisemos saber se havia envolvimento das famílias nas atividades relacionadas com as Expressões Artísticas. Com base nas respostas que recebemos, podemos afirmar que mais de metade dos inquiridos referiu que sim (55,2%). No que diz respeito à frequência deste envolvimento, também conseguimos apurar que 87 inquiridos (63,5%), responderam que a família se envolvia em atividades, *“Uma vez por semana”*, 34 inquiridos (24,8%) afirmaram que a família se envolvia *“Uma vez por mês*, 11 inquiridos (8%) apontaram que a família se envolvia *“Uma vez por período letivo”* e 5 inquiridos (3,6%) dos cento e trinta e sete inquiridos disse que o envolvimento da família apenas acontecia *“Uma vez*

por ano letivo”, tal como se depreende da figura que apresentamos de seguida (ver Figura 63).



**Figura 63** - Frequência do envolvimento da família em atividades das Expressões Artísticas

Nesta ordem de ideias, quisemos saber em que atividades se envolviam as famílias, de forma a partilharmos alguns dos contextos mais relevantes. É de notar que é igualmente interessante o facto de algumas destas parcerias terem envolvido a área das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, tal como se percebe nos relatos que se seguem.

*“Concursos de chapéus e gravatas no Carnaval, construção de cartazes para apresentação de trabalhos, construção de meios de transporte e castelos para exposição de trabalhos”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço);

*“No projeto Vai Vem em que a criança leva um livro para casa para a Família lhe ler ao fim de semana, os pais constroem algo sobre a história - normalmente maquetes, fantoches, desenhos, colagens, etc.”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço);

*“Ilustração de histórias e textos lidos em casa para apresentar à turma ou ano, preparação em casa de apresentações para a turma, pesquisas feitas em casa sobre temas tratados nas aulas, preparação de leituras e pequenas dramatizações com outros elementos do agregado familiar, canções, ...”* (Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço);

*“concurso de presépios reciclados, decoração de sacas para o Pão por Deus, preenchimento de painéis alusivos a dias festivos, ajuda na exploração de pequenos textos para dramatizações”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, < 5 anos de serviço);

Sendo uma mais-valia o facto de existir atividades que convocaram a Expressão Plástica, quer como área foco, quer como complemento de outras áreas, e tendo tais conexões um grande potencial no desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças, foi pertinente analisarmos tais contextos das práticas diárias de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, apresentaremos de seguida uma análise desta realidade.

#### **4.7. As Artes Visuais e a Expressão e Educação Plástica na prática pedagógica diária**

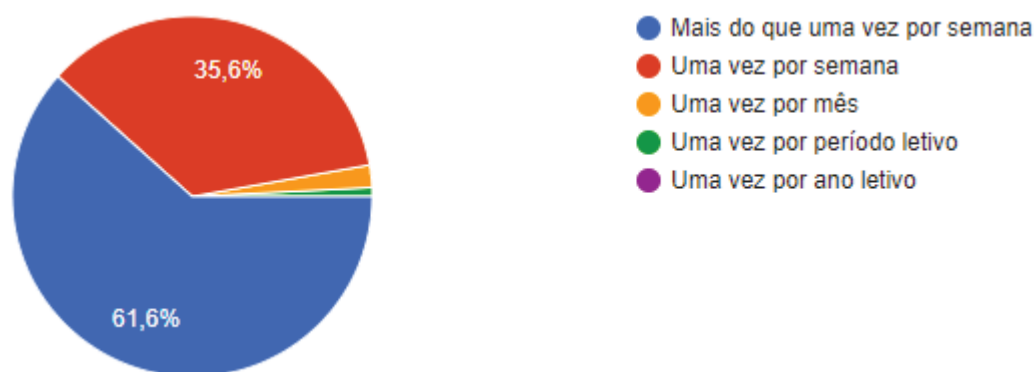
Tal como já analisamos e evidenciamos anteriormente, as Artes Visuais e a Expressão e Educação Plástica são fundamentais para o processo de desenvolvimento de cada criança. Por ser a área que decidimos aprofundar no presente Relatório de Estágio, também no nosso inquérito por questionário quisemos dedicar-lhe a devida atenção numa secção particular.

A secção em causa iniciou-se com uma questão relacionada com o tempo semanal em que as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica estavam contempladas nas rotinas ou no horário de cada grupo/turma. Observámos através das respostas dos inquiridos que, no caso da Educação Pré-Escolar, de uma forma geral, o(a)s Educadore(a)s costumavam explorar a área/subdomínio diariamente, coisa que não acontecia com os Professores do 1.º Ciclo. No entanto, quer num grupo, quer no outro, também obtivemos registos de que alguns Educadores de Infância/Professores do 1.º CEB teriam um momento específico da semana no qual tais atividades eram exploradas. Outros optavam por não lhe reservarem uma hora em horário e exploravam-na em conexão com as outras áreas do currículo, dependendo da valência que lecionavam.

Também quisemos saber se a área em causa era lecionada pelos docentes titulares ou se havia registo de alguma coadjuvação com outros docentes em termos de leção. A maioria dos inquiridos, 213 no total, referiu que esta área/subdomínio era lecionada/explorada pelo próprios (85,5%).

Nesta ordem de ideias, questionámos os nossos inquiridos se tinham por hábito explorar as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica na sua ação educativa diária, sendo que 98,8% dos docentes, 247 no total, responderam que “*Sim*”. Nesta sequência, considerámos interessante saber com que frequência ocorria a exploração em causa. Conseguimos constatar que a exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação

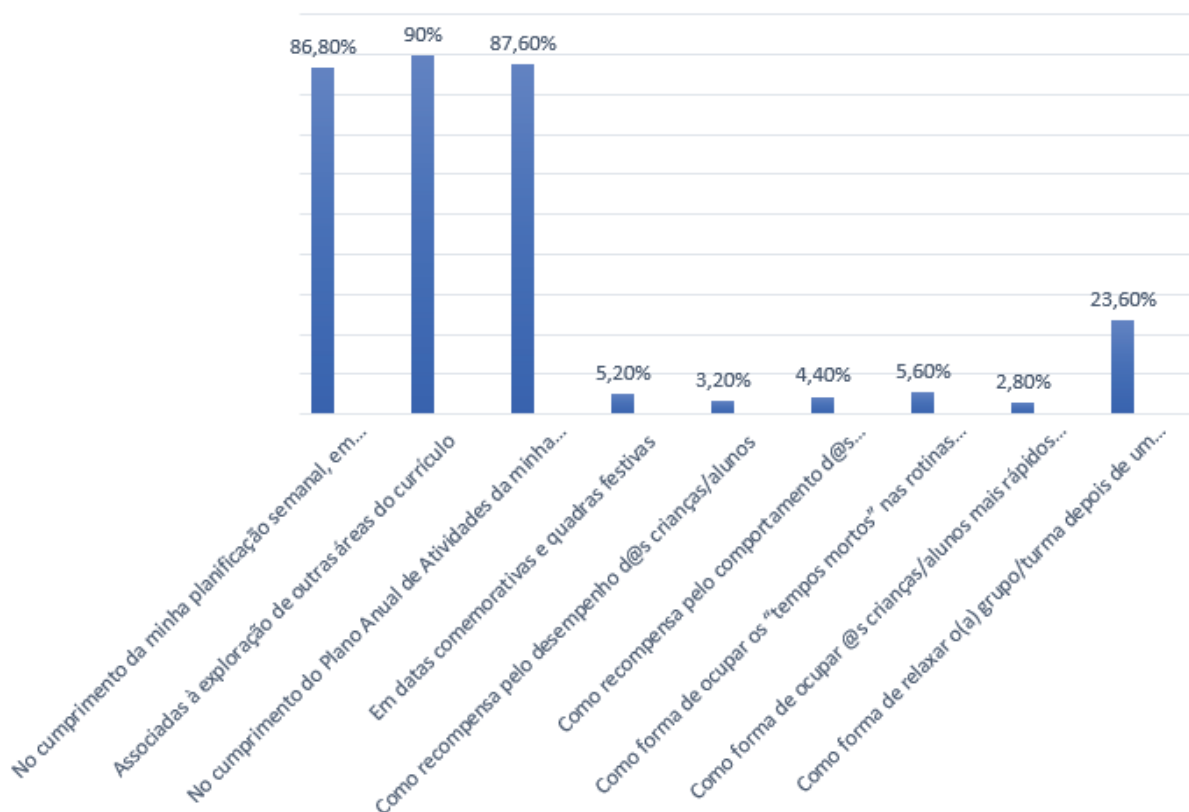
Plástica era feita, maioritariamente, “*Mais do que uma vez por semana*” (61,6%), o que corresponde 154 inquiridos. Na figura que se segue, procuramos dar conta desta realidade com maior nível de detalhe. (ver Figura 64).



**Figura 64** - Frequência da exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica

Considerando que seria benéfico saber quais os contextos pedagógicos nos quais eram desenvolvidas as atividades da área/subdomínio em causa, decidimos perguntar aos inquiridos em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolviam as atividades, pedindo que cada um deles assinalasse três opções que melhor correspondiam às suas práticas. Desta forma, foi possível apurar que os três contextos mais referidos pelos docentes inquiridos foram “*associadas à exploração de outras áreas*”, com 90%, logo seguido de “*no cumprimento do Plano Anual de Atividades da minha escola/instituição*”, com 87,6%, e

“No cumprimento da minha planificação semanal, em cada área de expressão” com 86,8%, tal como nos é dado a perceber na figura que se segue (ver Figura 65).



**Figura 65** - Contextos de exploração da(s) Artes Visuais/Expressão Plástica

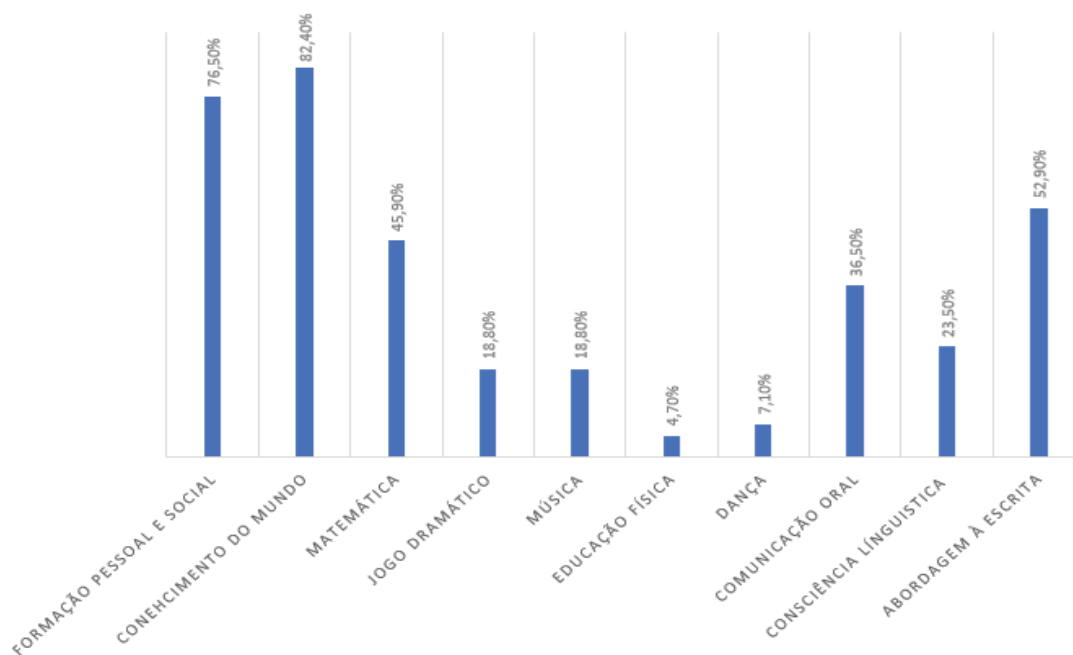
Referimos que, para além dos contextos anteriormente selecionados, os inquiridos tiveram a oportunidade acrescentar algum outro contexto, no qual desenvolvessem as tais atividades. Nos relatos que se seguem selecionámos alguns dos contextos referenciados pelos docentes.

*“Quando as crianças querem...”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço);

*“Sempre que possível, como um bom meio de expressividade dos alunos”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço);

*“Aquando da realização de algumas Visitas de Estudo”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço);

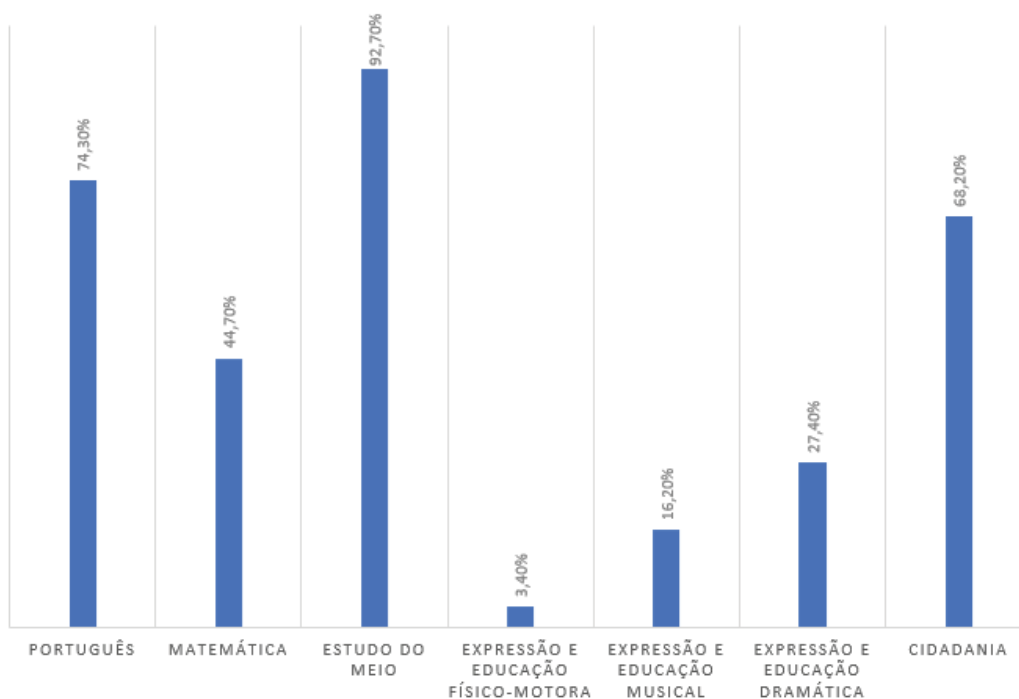
Continuando a nossa análise, também inquirimos os nossos docentes acerca das áreas eleitas para o estabelecimento de conexões com a Expressão Plástica. Na figura que se segue, damos conta desta realidade no contexto específico da Educação Pré-Escola (ver Figura 66).



**Figura 66** - Áreas/domínios/subdomínios associados na exploração das Artes Visuais

Tal como nos é dado a perceber através da leitura do gráfico que se apresenta, os Educadores de Infância selecionaram, na sua maioria, a opção “*Conhecimento do Mundo*” (70 respostas), seguindo-se a “*Formação Pessoal e Social*” (65 respostas). A opção menos escolhida foi a “*Educação Física*” com apenas quatro respostas.

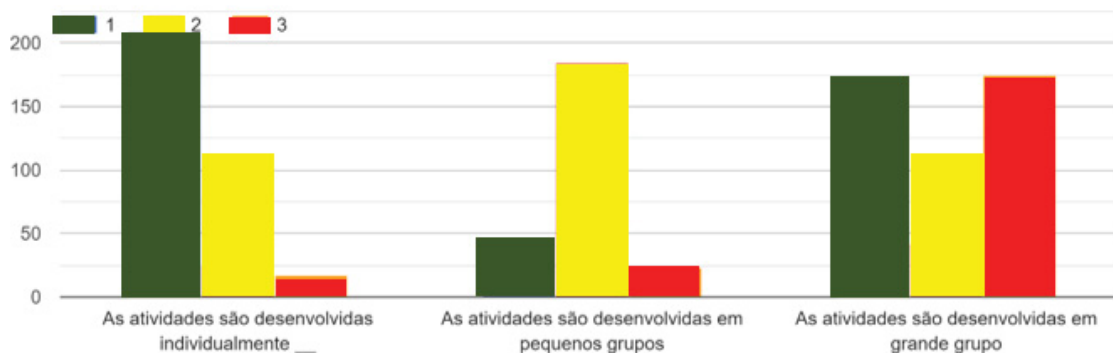
Relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, as opções diferenciam-se, tal como nos é dado a perceber na Figura que apresentamos de seguida (ver Figura 67).



**Figura 67** – Áreas curriculares associadas na exploração da Expressão Plástica

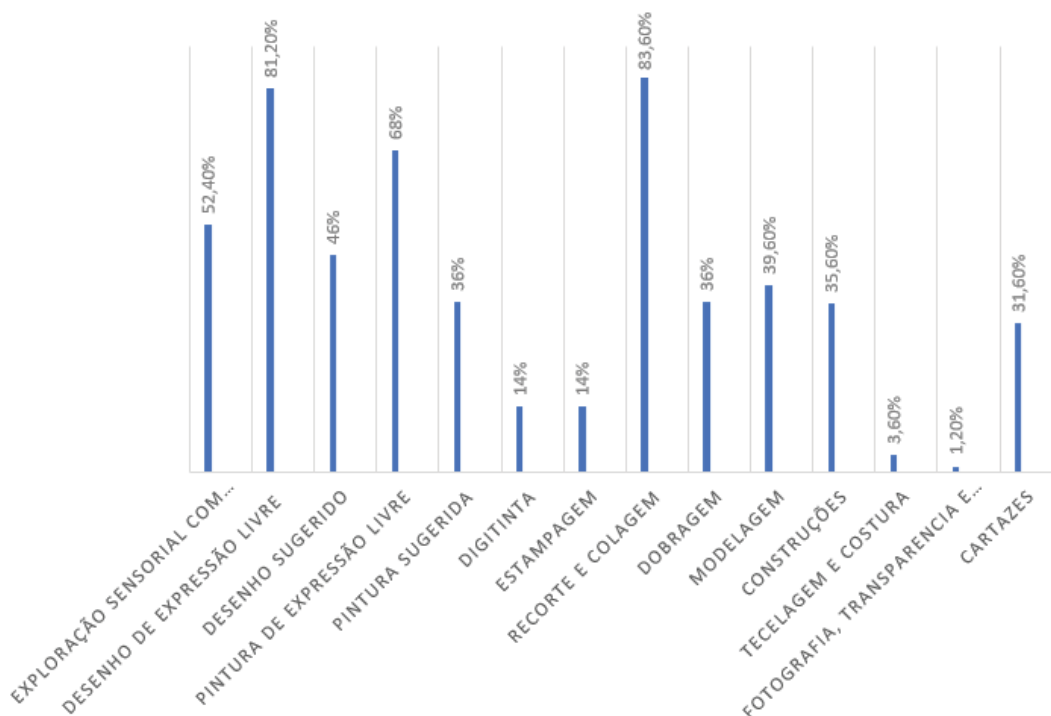
A partir da observação dos dados acima apresentados, percebemos que a área mais frequentemente associada à Expressão e Educação Plástica é a do “*Estudo do Meio*” (166 respostas), aparecendo como segunda opção o “*Português*” (133 respostas). Notámos, ainda, que “*Cidadania*” fica logo atrás com 122 respostas.

Outra questão que colocámos aos docentes nesta seção era saber qual a metodologia utilizada para a organização do grupo/turma aquando da exploração da Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Desta forma, pedimos que ordenassem, numerando de 1 a 3, a metodologia mais utilizada nas suas práticas, no que respeita à organização do grupo/turma, aquando da exploração da(s) Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, atribuindo assim 1 à modalidade que mais utilizavam e 3 à que menos utilizavam. Ao analisarmos esses dados, conseguimos perceber que de uma maneira geral, os docentes preferem desenvolver as atividades “*individualmente*”, só depois em “*pequeno grupo*” e por fim, a menos referida, em “*grande grupo*”. (ver Figura 68).



**Figura 68** – Organização do grupo/turma aquando da exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica

Em relação a este contexto, entendemos que também seria útil saber quais as metodologias mais utilizadas. Na Figura que se segue, apresentamos os dados que recolhemos relativamente à sua abrangência (ver Figura 69).



**Figura 69** - Conteúdos e recursos específicos das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica convocados pelos docentes inquiridos.

Como verificamos através da análise da Figura, e destacando as cinco opções mais mencionadas pelos docentes, podemos apurar que a opção mais escolhida foi “*Recorte e colagem*”. Considerando uma vez mais a nossa experiência pessoal, a nossa ação prática

e as observações que fomos fazendo ao longo do tempo, esta era também a nossa representação nos estágios pedagógicos. De seguida, e com uma percentagem elevada (81%), o “*Desenho de Expressão livre*” também foi uma das cinco opções selecionadas. A terceira opção mais escolhida foi a “*Pintura de expressão livre*” e, de seguida, com 52,4%, “*Exploração sensorial com materiais diversos*”. Por fim, a quinta opção mais escolhida, pelos inquiridos, foi o “*Desenho sugerido*” (46%). Para contrastar com as cinco opções mais selecionadas destacamos que a opção menos enunciada foi “*Fotografia, Transparência e meios audiovisuais*”, com uma taxa de resposta de 1,2%.

#### **4.8. Potencialidades e desafios na exploração das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica**

As atividades que convocam a expressão plástica da criança assumem-se com bastante potencial e trazem-nos muitos desafios contribuindo para um melhor desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos alunos. Nesta ordem de ideias, cabe ao Educador/Professor organizar as suas práticas por forma a tirar o maior aproveitamento, proporcionando a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, adaptando-se da melhor forma às necessidades que podem surgir.

Centrando-nos nas potencialidades e desafios desta área curricular, introduzimos algumas questões relacionadas com o tema em análise no inquérito por questionário.

Começamos por procurar saber qual era a reação das crianças face às atividades das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Desta forma, verificámos que todas as respostas dos Educadores de Infância e Professores do 1.º CEB, inquiridos, apontavam para um *feedback* muito positivo. Neste sentido, foi possível apurar que os docentes afirmaram que as crianças reagem com “*entusiasmo*”, “*satisfação*”, “*motivação*”, “*criatividade*”, “*empenho*”, “*interesse*” e “*alegria*” às atividades propostas no contexto desta área.

Nesta ordem de ideias, considerámos que seria importante conferir quais as opiniões dos nossos inquiridos sobre as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração das atividades das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Neste sentido, verificámos evidências nas mais variadas respostas. Ou seja, apesar da variedade das mesmas, podemos observar que os inquiridos apontam, maioritariamente, para o desenvolvimento da “*criatividade*”, “*concentração*”, do “*espírito crítico*” e da “*motricidade fina*”. Adiantaram, na suja grande maioria, que as Artes

Visuais/Expressão e Educação Plástica se assumia como uma mais-valia para o desenvolvimento de competências nas crianças/alunos.

Uma vez analisadas as competências em causa, importa também referir a opinião dos inquiridos quanto aos desafios e dificuldades sentidas na exploração das atividades articuladas com as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. O maior desafio e dificuldade enunciada pelos participantes neste estudo foi a gestão do tempo e a crença de que há formas corretas, inculcadas nas crianças, de representarem o mundo, desencadeando nos mais pequenos a certeza de que não conseguem fazer ou representar algo, por não se enquadrar em determinados padrões.

Também perguntámos se ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa os docentes tinham encontrado dificuldades na exploração desta área. Apercebemo-nos que 73,5% dos inquiridos responderam que “*não*” e 26,4% responderam “*sim*”.

Desta forma, e dando continuidade à questão anterior, pedimos aos docentes que responderam “*Sim*” que enunciassem as dificuldades que sentiam. Deste modo, foram adiantados contextos semelhantes aos das respostas anteriores como assumindo-se a “*falta de tempo*” como a maior das dificuldades apontadas.

De modo a concluir a secção dedicada à área que decidimos aprofundar neste Relatório de Estágio, decidimos questionar os participantes quanto ao melhor conselho que poderiam dar a um futuro Educador de Infância/Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica nas suas práticas diárias. Foram inúmeras as respostas que obtivemos, nas mais variadas formas. Destacamos de seguida aquelas que nos pareceram mais interessantes e enriquecedoras, que apontam para a importância de darmos liberdade à criança para criar e evitarem-se os modelos e a imposição da visão do adulto.

*“Promover momentos livres em que a criança possa criar e não apenas dar-lhe a tarefa já estruturada”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço);

*“Entrega-te ao momento e cultiva o agradável nas crianças”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, menos de 5 anos de serviço);

*“Tente fazer trabalhos de reinterpretação de forma a manter uma ligação à cultura, à história e ao património da humanidade”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço);

*“Conhecer todas as técnicas que possa! Dar asas à imaginação. O mais importante de tudo é pensar sempre no que a criança consegue fazer. Os trabalhos devem*

*refletir a “mão da criança. Um trabalho pouco perfeito, mas feito exclusivamente pela criança é o melhor e mais bonito de todos!”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

Com todos os conselhos acima enunciados fechámos a secção dedicada às Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica. Consideramos que toda a análise feita foi bastante enriquecedora pois possibilitou-nos compreender, de uma maneira geral, que esta área/subdomínio ainda é a mais explorada nas práticas diárias dos Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para concluir o nosso estudo, quisemos ainda recolher alguns dados relativos ao Ensino a Distância, um contexto pedagógico com o qual todos nós nos confrontámos, imprevisivelmente, de um momento para o outro, em consequência do estado pandémico que vivenciamos.

#### **4.9. As Expressões Artísticas no Ensino à Distância**

O ensino à distância foi uma realidade recorrente no ano letivo de 2019/2020, devido à pandemia causada pelo vírus COVID-19. Deste modo, imprevisivelmente, os professores e os alunos tiveram de se adaptar e reinventar metodologias e estratégias capazes de responder às necessidades sentidas, dado o contexto de ensino que se vivia. Uma vez que as Expressões Artísticas se assumem como áreas que privilegiam competências sociais e relacionais, mais eficazes em contexto presencial, tivemos curiosidade em saber quais teriam sido as metodologias e estratégias adotadas pelos Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico para dar continuidade à exploração destas áreas, em contexto de ensino à distância. Em primeiro lugar, quisemos saber se no contexto do cenário pandémico que vivemos, e aquando do ensino a distância, os Educadores de Infância e os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico orientaram propostas de trabalho na área das Expressões Artísticas. A maioria dos docentes inquiridos deu uma resposta afirmativa, mais especificamente, 79,2%, sendo que os restantes 20,8% assumiram que não o fizeram.

Também quisemos saber quais as áreas/subdomínios explorados, sendo que 91 dos docentes inquiridos selecionaram a opção “*Jogo Dramático/Teatro/Expressão e Educação Dramática*”, 152 assumiu ter explorado a área/subdomínio da “*Música/Expressão e Educação Musical*” 196 optaram pelas “*Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica*”. Analisando os dados, verificámos que a área/subdomínio mais

explorado foi o das “*Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica*”, área foco deste Relatório de Estágio. Para aferir e dar continuidade ao estudo da abordagem às Expressões Artísticas no ensino à distância, os docentes referiram alguns exemplos de atividades que colocaram em prática neste contexto. Nos relatos que se seguem damos conta de alguns dos exemplos por eles referenciados:

“*Pintura, construção, dobragens, audição de músicas*” (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço);

“*Desenho do arco-íris, construção de puzzles, legos, desenhos orientados, pintura*” (Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço);  
“*Colorir colagem e pintura*” (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço);

“*elaboração de diversos jogos (recorte e colagem) pintura sugerida e com legenda elaboração de projetos conforme a temática a explorar (elaboração de maquetas)*” (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, < 5 anos de serviço).

De seguida, questionámos os nossos inquiridos acerca de eventuais dificuldades na exploração das Expressões Artísticas no contexto do ensino a distância, sendo que 45,2% responderam afirmativamente. Perguntámos quais tinham sido as dificuldades sentidas. Das respostas apuradas, noventa e duas centraram-se na falta de recursos e na ausência de *feedback* por parte das crianças e alunos, impossibilitando assim formas de avaliar tendo em conta o contexto de ensino que prevalecia.

Para finalizar, pedimos aos docentes que nos fizessem um balanço da experiência de trabalhar as Expressões Artísticas à distância. Verificámos uma maioria de respostas um *feedback* positivo. No entanto, as respostas menos positivas contabilizaram também um número bastante elevado, só com a diferença de catorze unidades de registo comparativamente às primeiras. Na maioria das respostas, os docentes apontam para um momento enriquecedor no seu percurso. Apesar das contrariedades e dificuldades sentidas, os nossos inquiridos assumiram tentar contorná-las e ultrapassá-las, tendo em conta as necessidades das crianças. Para além disso, referiram que a experiência se revelou uma mais-valia, pois o sucesso que obtiveram na resposta às suas atividades de exploração no âmbito das Expressões Artísticas, no geral, foi muito positivo, realçando em algumas situações o envolvimento dos encarregados de educação que participaram indiretamente para que a aplicação das atividades resultasse no melhor possível. Nos relatos que se seguem procuramos dar conta do *feedback* adiantado pelos docentes neste contexto particular.

*“A área das expressões que melhor resultou no ensino à distância foi a Expressão Plástica. Eu fazia propostas de trabalhos e os alunos desenvolviam a tarefa de forma livre e davam-me feedback. Os trabalhos eram partilhados no classroom, sendo apreciados por toda a turma”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço).

*“As atividades de expressões e principalmente no domínio da expressão plástica e musical foram fundamentais. Os pais conseguiam elaborar as atividades usando materiais reciclados, que normalmente têm em casa. Ao nível musical as crianças conseguiam ouvir e reproduzir autonomamente, facilitando assim a tarefa das famílias”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Foi muito gratificante trabalhar as expressões artísticas pois desenvolvemos habilidades que contribuirão para a criatividade, cidadania, autonomia e pensamento crítico”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, menos 5 anos de serviço).

*“De um modo global, foi muito desafiante pois, tal como já referi anteriormente, alguns encarregados de educação não tinham acesso às novas tecnologias nem a alguns dos materiais solicitados (cartolinas, colas...)”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“Foi interessante pois tanto as crianças como os pais levaram a cabo estas atividades com muito empenho e interesse. A família pode desta forma partilhar os seus gostos, preferências e criatividade. Percebi que alguns pais ficaram muito orgulhosos de capacidades que desconheciam que os filhos possuíam”* (Professor(a) do 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“Tive um grupo cujos encarregados de educação participaram bastante. O maior desafio era encontrar materiais em tempo de ficar em casa. Mas inventavam... Sugerir sempre materiais de reciclagem. Por exemplo, no dia do ambiente fizeram um marcador de livros com caixas de cereais”* (Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, mais de 30 anos de serviço).

Concluimos assim o nosso Capítulo que dedicámos a um estudo mais aprofundado acerca do tema que entendemos explorar com mais detalhe no presente Relatório de Estágio. Procurámos partilhar os dados recolhidos no nosso questionário de forma analítica e reflexiva procurando realçar os aspetos que mais se evidenciaram nas opiniões e descrições de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca do papel e do lugar das Expressões Artísticas, no geral, e das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, em particular, na sua ação prática educativa, quer no contexto pedagógico habitual, quer no período de ensino a distância, cujos constrangimentos foram sentidos por todos nós e que ficarão certamente na nossa memória como um momento marcante do nosso percursos formativo.

Resta-nos fazer um balanço final de toda a nossa experiência ao longo dos nossos estágios, tarefa que reservamos para a última parcela do nosso Relatório que partilharemos já de seguida

## Considerações Finais

Chegando à reta final do nosso trabalho, é o momento de nos debruçarmos sobre todo o percurso que percorremos até aqui. Iremos deste modo realçar aspetos positivos e menos positivos, que consideramos relevantes no processo de desenvolvimento de uma futura profissional de educação que terá em conta estes marcos no contexto da sua aprendizagem profissional.

Neste sentido, começaremos por recuperar os objetivos definidos inicialmente e refletir um pouco sobre a maneira como os atingimos. Posteriormente, faremos um balanço final sobre os Estágios Pedagógicos, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico sem esquecermos os resultados obtidos no nosso estudo empírico.

No que respeita aos nossos objetivos, consideramos que os mesmos foram atingidos, tendo sido, realmente, fundamentais para nortear as nossas práticas e desenvolver as nossas competências, quer do ponto de vista pessoal, quer no que respeita à profissão que decidimos abraçar.

No que se refere aos objetivos delineados para a ação educativa durante o Estágio Pedagógico I e o Estágio Pedagógico II, consideramos que foram atingidos de forma positiva, sendo todos indispensáveis para o desenvolvimento de toda a nossa prática pedagógica. A observação dos contextos onde foi desenvolvida a nossa ação educativa mostrou-se fundamental para a compreensão e adequação de estratégias e metodologias impulsionadoras ao desenvolvimento de competências nas crianças/alunos. Em consequência, as sequências didáticas, planificadas com base nas características e necessidades das crianças foram fulcrais, pois através destas conseguimos convocar conteúdos programáticos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Concentrando-nos, ainda, nos objetivos delineados da nossa ação prática educativa, houve a necessidade de incluir alguns que convocassem a área da temática em estudo neste documento: Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica.

Um dos objetivos em causa foi criar condições para que as Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica fossem exploradas de forma consistente nos contextos de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, dando valor às capacidades de cada criança/aluno e aos seus interesses/necessidades. Foi possível apurar que conseguimos cumpri-lo pois, ao longo dos Estágios Pedagógicos, tivemos o cuidado de conceber ambientes favoráveis para a exploração e criação.

Outro objetivo que tivemos de incluir na nossa ação p educativa foi a capacidade de explorar a potencialidade pedagógica e didática das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica como área promotora da expressão, comunicação e socialização das crianças/alunos enquanto elemento motivador para outras aprendizagens. Neste sentido, sentimos necessidade de elaborar atividades capazes de proporcionar às crianças/alunos estratégias articuladas com o trabalho já elaborado, complementando-o tendo em conta as dificuldades e necessidades do grupo/turma. O nosso propósito ao inserirmos novas diretrizes no processo de aprendizagem das crianças/alunos era potenciar ambientes e contextos que, conseqüentemente, favorecessem a capacidade de desenvolver competências correlacionadas com a área foco deste documento. Para além destes objetivos, conseguimos analisar e refletir criticamente acerca das limitações e constrangimentos com os quais nos deparámos e alcançar soluções capazes de ultrapassar tais dificuldades.

Após enunciados os aspetos anteriores, importa agora fazer um balanço geral dos nossos Estágios Pedagógicos. Neste contexto, realçamos que as artes Visuais/Expressão e Educação Plástica proporcionam à criança/aluno a capacidade de criar e explorar, através do recurso aos diferentes materiais e técnicas inerentes a esta área curricular. Neste particular, concluímos que na nossa ação educativa, nos contextos onde estivemos inseridos, a Expressão Plástica foi muito valorizada e utilizada pelo grupo/turma que nos foi confiado. Esta área foi explorada individualmente ou em conexão com as demais áreas do currículo, com especial destaque para a nossa experiência na Educação Pré-Escolar, contexto no qual era utilizada com bastante regularidade, proporcionando o bem-estar das crianças, que se mostraram sempre motivadas e interessadas pelo que faziam.

Centrando-nos um pouco mais no Estágio Pedagógico II, a exploração desta área foi desenvolvida de forma integrada, convocando conexões com as demais áreas do currículo. Ao contrário do que aconteceu na Educação Pré-Escolar, neste Ciclo Educativo, a exploração desta área baseou-se na complementaridade de atividades e projetos que ficaram enriquecidos com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Focando-nos no estudo empírico que realizamos, e sendo que um dos nossos objetivos era investigar as concepções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da importância das Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica no contexto educacional, identificando exemplos de boas práticas, relatados pelos docentes, no contexto específico da sua exploração, entendemos que tal propósito foi bem-sucedido. Neste sentido, verificámos que os docentes inquiridos valorizavam as

Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica, tendo por hábito, na generalidade, a sua exploração diária. No entanto, vimos que a falta de espaços próprios e ambientes adequados para esta exploração dificulta um pouco a sua abordagem aos nossos inquiridos. Ainda assim, verificámos a existência de um conjunto de boas práticas educativas, relacionadas com a área em questão, que nos proporcionaram potenciais exemplos para a nossa ação educativa, quer durante o estágio, quer aquando da nossa futura atividade profissional no âmbito da docência.

Em jeito de balanço final, entendemos que a nossa investigação foi muito rica em conteúdo, pois o facto de existir docentes inquiridos, oriundos de vários quadrantes geográficos, fez com que as considerações e análises realizadas de forma reflexiva fossem relevantes e diversificadas. Além disso, o facto de termos questionado os inquiridos relativamente às suas práticas de ensino à distância fez com que este estudo seja distinto de outros estudos que consultámos. O facto de o Ensino à Distância ter sido uma realidade nova na época em que nos encontramos fez com que este estudo se distinga dos demais e ofereça novas conceções das realidades vivenciadas pelos docentes naquele período.

Agora, de pincel numa mão e lápis de cor na outra, conscientes e certos de que este trabalho será uma mais valia para o nosso futuro próximo, como profissionais de educação, vamos aproveitar tudo o que pudermos aprender com a elaboração deste trabalho e pintar, desenhar e colorir as instituições de ensino, os corações e as emoções de cada criança/aluno, por onde passarmos, com as mais variadas técnicas e materiais, renovando as práticas que estamos habituados a observar com artes e criações que irão representar emoções, sentimentos e sensações centradas na imaginação e nos sonhos dos mais pequenos.

## Referências Bibliográficas

Abreu, J. P. C. M. (2016). *O Jogo Pedagógico e a Expressão Plástica para a motivação nas aprendizagens escolares – Contributos de um Projeto Curricular Integrado*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação, Universidade do Minho, Minho.

Almeida, A., Santos, P. & Santos, M. (1971). *Educação pela arte na escola primária: Guia didático*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.

Barbosa, R. (2009). *A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar. Estudo de caso no Jardim-de-Infância “Amor de Deus”*. UNI-CV-Praia: Universidade de Cabo Verde.

Bell, J. (1997). *Como realizar um Projecto de Investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.

Cardoso, C. & Valsassina, E. M. M. (1982). *A arte infantil: linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença.

Diário da República, 1.<sup>a</sup> série. (8 de outubro de 2019). Portaria 359/2019. *Educação*, p. 17. Obtido em 26 de maio de 2021, de <https://dre.pt/application/file/a/125097189>

Fróis, J. P., Marques, E. & Gonçalves, R. M. (2000). *A educação estética e artística na formação ao longo da vida*. In J. P. Fróis (ed.), *Educação estética e artística: Abordagens transdisciplinares* (pp. 201 – 243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gabey, G. & Vimenet, C. (1974). *A criança Criadora*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Garcia, L. J. B. (2015). *A Expressão Plástica e os Materiais Pedagógicos, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: perspetivas e diálogos*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Gil, António Carlos. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Atlas.

Gloton, R. & Clero, C. (1997). *A Actividade Criadora na Criança*. Lisboa: Editorial Estampa  
Lowenfeld, V. (1977). *A criança e sua arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Guerreiro, M. (2012). *A Influência das Artes Plásticas no Desenvolvimento da Criança*. Universidade do Algarve, Escola Superior da Educação e Comunicação, Algarve.

Lowenfeld, V. (1977). *A Criança e a Sua Arte*, Editor: Mestre Jou.

Lowenfeld, V.; BRITAIN, L. (1980) *Desarrollo de la capacidad creadora*, Editorial Kapelusz.

Luquet, G. (1987). *O Desenho Infantil*. Porto: Livraria Civilização

Medeiros, C. (2017). *Queres que te faça um desenho? O lugar e o papel das Imagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Mèridieu, F. (2017). *O Desenho Infantil*, Editora Cultrix.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: ME – Departamento da Educação Básica. 4.<sup>a</sup> Edição.

Mota, J. F. C. (2019). *A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Pereira, A. (2016). *A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância*. Universidade do Algarve, Algarve. Obtido em agosto de 2019.

Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1.º Volume - Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto de Piaget.

Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3.º Volume – Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, R. P. S. (2014). *A Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Stern, A. (sd). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.

Stern, A. (sd). *Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças*. Lisboa: Livros Horizonte.

Telmo, I. (1994). *Linguagem Gráfica Infantil*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.

# ANEXOS



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

## *Questionário*

### **Nota introdutória**

O presente questionário surge no âmbito de um trabalho de investigação desenvolvido pelas mestrandas Carolina Pereira de Medeiros, Maria José Botelho Leite Pacheco e Vanessa Guiomar da Costa, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, promovido pelo Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores, sob orientação científica do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

A elaboração deste questionário foi feita de forma colaborativa pelas três mestrandas, no âmbito de uma pesquisa acerca do potencial das Expressões Artísticas na Educação Básica, na qual cada uma aprofundará, no contexto do seu Relatório de Estágio, uma das três áreas de expressão em particular: Dramática, Musical e Plástica, respetivamente. Neste sentido, pretendemos perceber quais as conceções e representações de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo de Ensino Básico relativamente à exploração destas áreas nas suas práticas pedagógicas diárias.

Sem a sua resposta, esta investigação correria o risco de ficar incompleta e empobrecida, pelo que a sua colaboração é de vital importância para o nosso trabalho.

Será garantida a absoluta confidencialidade das suas respostas no presente questionário, cujo conteúdo permanecerá unicamente à disposição das responsáveis pela investigação.

Caso subsistam questões, poderá contactar as mestrandas através dos seguintes correios eletrónicos: x, x, x, bem como o seu orientador científico, pelo endereço: x

*Gratas pela colaboração.*

## 1. A minha identificação

Esta secção reunirá alguns dados sobre a sua identificação.

### 1.1. Sexo:

F \_\_\_

M \_\_\_

### 1.2. Idade:

23 – 30 \_\_\_

30 – 40 \_\_\_

40 – 50 \_\_\_

50 – 60 \_\_\_

>60 \_\_\_

### 1.3. Tempo de serviço docente (até 31 de agosto de 2020):

<5 anos \_\_\_

6 a 10 anos \_\_\_

11 a 15 anos \_\_\_

16 a 20 anos \_\_\_

21 a 25 anos \_\_\_

26 a 30 anos \_\_\_

>30 anos \_\_\_

### 1.4. Nível de ensino a que leciona:

Educação Pré-escolar \_\_\_

1.º Ciclo do Ensino Básico \_\_\_

## 2. A minha escola

Esta secção reunirá alguns dados sobre a instituição de ensino onde leciona.

2.1. Qual a escola/instituição em que leciona (facultativo)?

2.2. Qual a natureza formal da escola/instituição onde leciona?

Pública \_\_\_\_

Privada \_\_\_\_

2.3. Quais as potencialidades do espaço escolar para a prática das expressões artísticas?

---

2.4. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Dramática**?

Sim \_\_

Não \_\_

2.4.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes.

\_\_\_\_\_

2.4.2. Na sua opinião, estes materiais são...

**Suficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_

**Insuficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_

2.5. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Musical**?

Sim \_\_

Não \_\_

2.5.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes.

\_\_\_\_\_

2.5.2. Na sua opinião, estes materiais são...

**Suficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_

**Insuficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_

2.6. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Plástica**?

Sim \_\_

Não \_\_

2.6.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes

\_\_\_\_\_

2.6.2. Na sua opinião, estes materiais são...

Suficientes para a exploração desta área com as crianças \_\_\_

Insuficientes para a exploração desta área com as crianças \_\_\_

### 3. As crianças com quem trabalho

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre as crianças/alunos com quem trabalha**

3.1. Qual a faixa etária/o ano de escolaridade das crianças/alunos do(a) seu(ua) grupo/turma? \_\_\_\_\_

3.2. Qual o número de crianças/alunos do(a) seu(ua) grupo/turma? \_\_\_\_\_

### 4. As Expressões Artísticas nas minhas práticas diárias

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar das Expressões Artísticas nas suas práticas pedagógicas diárias**

4.1. Costuma explorar as Expressões Artísticas no seu dia-a-dia?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

4.1.1. Se sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

4.2. De forma mais particular, **ordene as 3 áreas** de Expressão Artística, considerando a frequência com que as explora (atribua 1 à que explora mais e 3 à que explora menos):

Jogo Dramático/Teatro / Expressão e Educação Dramática\_\_\_

Música / Expressão e Educação Musical \_\_\_

Artes Visuais / Expressão e Educação Plástica\_\_\_

**4.3.** Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal, em cada área de expressão \_\_\_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_\_\_

No cumprimento do Plano Anual de Atividades da minha escola/instituição \_\_\_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

\_\_\_\_  
Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**4.4.** A família costuma envolver-se nas atividades relacionadas com as Expressões

Artísticas que desenvolve?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

**4.4.1.** Se respondeu sim, indique com que frequência acontece tal envolvimento.

Uma vez por semana \_\_\_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_\_\_

**4.5.** Dê exemplos de atividades por si planificadas nas áreas de expressão artística em que a família se tenha envolvido.

---

---

## 5. O Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática na minha prática pedagógica diária

Esta seção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar do Jogo Dramático/Teatro e da Expressão Dramática nas suas práticas pedagógicas diárias

5.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que está contemplad@ o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

---

5.2. O Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática são explorados/lecionados pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

5.3. Tem por hábito explorar o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática na sua ação educativa?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

5.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

5.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

—

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho\_\_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**5.5.** Se tem por hábito explorar o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão e Educação Dramática de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma associá-lo(a). Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_

Matemática \_\_\_

Artes Visuais \_\_\_

Jogo dramático \_\_\_

Música \_\_\_

Educação Física \_\_\_

Dança \_\_\_

Comunicação Oral \_\_\_

Consciência Linguística \_\_\_

Abordagem à escrita \_\_\_

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_

Matemática \_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_

Educação e Educação Físico-Motora\_\_\_

Expressão e Educação Musical\_\_\_

Expressão e Educação Plástica\_\_\_

Cidadania\_\_\_

**5.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática? **(atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo \_\_\_

**5.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza.

Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):

As atividades são desenvolvidas n@ grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**5.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

**/domínio**, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Jogo simbólico \_\_\_

Representação intencional de experiências da vida quotidiana \_\_\_

Representação intencional de situações imaginárias \_\_\_

Jogos de exploração \_\_\_

Jogos dramáticos \_\_\_

Linguagem verbal \_\_\_

Linguagem não verbal \_\_\_

Corpo e voz \_\_\_

Espaço \_\_\_

Cenários e adereços \_\_\_

Fantoches \_\_\_

Sombras Chinesas \_\_\_

Máscaras \_\_\_

Dramatizações em pequenos grupos \_\_\_

Dramatizações em grande grupo \_\_\_

Projetos de teatro \_\_\_

**5.9.** Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração do Jogo Dramático/Teatro/Expressão e da Expressão Dramática nas suas práticas diárias indique:

**5.9.1.** Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?

---

**5.9.2.** Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

**5.9.3.** Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

**5.9.4.** Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**5.9.4.1.** Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

**5.9.4.1.1.** O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

**5.10.** Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

**5.11.** Se pudesse aconselhar um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar o Jogo Dramático/Teatro/ a Expressão Dramática nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## 6. A Música e Expressão e Educação Musical na minha prática pedagógica diária

Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar da Música e Expressão e Educação Musical nas suas práticas pedagógicas diárias

6.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que está contemplada a Música/ Expressão e Educação Musical nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

6.2. A Música/ Expressão e Educação Musical são explorados/leccionados pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

6.3. Tem por hábito explorar a Música/ Expressão e Educação Musical na sua ação educativa?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

6.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

6.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas \_\_\_

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**6.5.** Se tem por hábito explorar a Música/ Expressão e Educação Musical de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma associá-lo(a).

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_

Matemática

Artes Visuais

Jogo dramático

Música

Educação Física

Dança

Comunicação Oral

Consciência Linguística

Abordagem à escrita

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_

Matemática \_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_

Expressão e Educação Físico-Motora \_\_\_

Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Expressão e Educação Plástica \_\_\_

Cidadania \_\_\_

**6.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora a Música/ Expressão e Educação Musical? **(atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza.**

**Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo \_\_\_

**6.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora a Música/ Expressão Musical? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):

As atividades são desenvolvidas no grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**6.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

**/domínio**, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Interligação de audição, interpretação e criação \_\_\_

Audição de música de diferentes géneros musicais \_\_\_

Exploração das características dos sons \_\_\_

Exploração de fontes sonoras \_\_\_

Jogos de exploração musical \_\_\_

Utilização do Corpo e da voz \_\_\_

Criação e utilização de instrumentos musicais \_\_\_

Exploração de diversos tipos de instrumentos \_\_\_

Utilização de Música gravada/ CD's \_\_\_

Exploração de canções \_\_\_

Exploração de lengalengas \_\_\_

Exploração de rodas cantadas \_\_\_

Experimentação, desenvolvimento e criação musical \_\_\_

**6.9.** Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração da Música/ Expressão Musical nas suas práticas diárias indique:

6.9.1. Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?

---

6.9.2. Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

6.9.3. Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

6.9.4. Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

6.9.4.1. Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

6.9.4.1.1. O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

6.10. Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

6.11. Se pudesse aconselhar um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar a Música/ Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## **7. As Artes Visuais e a Expressão e Educação Plástica na minha prática pedagógica diária**

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar das Artes Visuais/ Expressão e Educação Plástica nas suas práticas pedagógicas diárias**

7.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que estão contempladas as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

---

7.2. Como são exploradas/ lecionadas as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica, pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

7.3. Tem por hábito explorar as Artes Visuais/ a Expressão Plástica?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

7.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

7.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_

7.5. Se tem por hábito explorar as Artes Visuais/a Expressão e Educação Plástica de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma

associálo(a). Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_

Matemática

Artes Visuais

Jogo dramático

Música

Educação Física

Dança

Comunicação Oral

Consciência Linguística

Abordagem à escrita

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_

Matemática \_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_

Expressão e Educação Físico-Motora\_\_\_

Expressão e Educação Musical\_\_\_

Expressão e Educação Dramática\_\_\_

Cidadania\_\_\_

**7.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora as Artes Visuais/ a Expressão Plástica? **(atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza.**

**Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo\_\_\_

**7.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora as Artes Visuais/a Expressão Plástica?

**(atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas no grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**7.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

**/domínio**, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Exploração sensorial com materiais diversos \_\_\_

Desenho de expressão livre \_\_\_

Desenho sugerido \_\_\_

Pintura de expressão livre \_\_\_

Pintura sugerida \_\_\_

Digitinta \_\_\_

Estampagem \_\_\_

Recorte e colagem \_\_\_

Dobragem \_\_\_

Modelagem \_\_\_

Construções \_\_\_

Tecelagem e costura \_\_\_

Fotografia, transparências e meios audiovisuais \_\_\_

Cartazes \_\_\_

**7.9. Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração das Artes Visuais / Educação Plástica nas suas práticas diárias indique:**

**7.9.1. Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?**

7.9.2. Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

7.9.3. Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

7.9.4. Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

7.9.4.1. Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

7.9.4.1.1. O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

7.10. Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

7.11. Se pudesse aconselhar um(a) futuro(a) Educador(a) de Infância ou Professor(a) do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## **8. As Expressões Artísticas no ensino à distância**

**Esta secção reunirá algumas conceções e opiniões acerca da abordagem às Expressões Artísticas no ensino à distância, na sequência do contexto pandémico que vivemos.**

8.1. No contexto do contexto pandémico que vivemos, e aquando do ensino à distância, explorou/orientou propostas de trabalho na área das Expressões Artísticas?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**8.2.** Se respondeu sim, indique em que áreas...

Jogo Dramático/Teatro/Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Música/ Expressão e Educação Musical \_\_\_

Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica \_\_\_

**8.3.** Apresente alguns exemplos de atividades que tenha aplicado com o seu grupo/turma neste contexto.

---

**8.4.** Sentiu dificuldades na Exploração das Expressões Artísticas neste contexto?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**8.4.1.** Se respondeu SIM, indique as principais dificuldades com que se deparou.

---

**8.5.** Como foi trabalhar as Expressões Artísticas à distância? Faça um breve balanço desta experiência... No caso de ter optado por não explorar as Expressões Artísticas durante o(s) período(s) de ensino à distância, indique a(s) razão(ões) que esteve/estiveram na base da sua decisão.

---

---

Obrigada pela sua colaboração!

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**  
**Faculdade de Ciências Sociais e**  
**Humanas**

Rua da Mãe de Deus 9500-321  
Ponta Delgada Açores,  
Portugal